



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**INSTITUTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTES - IEFES**  
**PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA EM REDE**  
**NACIONAL - PROEF**

**EMANUEL WESCLEY SOUSA DOS SANTOS**

**O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO COMO POSSIBILIDADE DE**  
**UMA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MAIS DEMOCRÁTICA**

**FORTALEZA**

**2024**

EMANUEL WESCLEY SOUSA DOS SANTOS

O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO COMO POSSIBILIDADE DE UMA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MAIS DEMOCRÁTICA

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial a aquisição do título de mestre profissional em Educação Física Escolar. Área de concentração: Educação Física Escolar.

Orientador: Prof. Dr. Luciano Nascimento Corsino.

FORTALEZA

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S234p Santos, Emanuel Wesley Sousa dos.

O planejamento participativo como possibilidade de uma Educação Física escolar mais democrática / Emanuel Wesley Sousa dos Santos. – 2024.

116 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de Educação Física e Esportes, Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional, Fortaleza, 2024.

Orientação: Prof. Dr. Luciano Nascimento Corsino.

1. Escola. 2. Ensino Fundamental. 3. Metodologia de ensino. I. Título.

CDD 790

---

EMANUEL WESCLEY SOUSA DOS SANTOS

O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO COMO POSSIBILIDADE DE UMA  
EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR MAIS DEMOCRÁTICA

Dissertação apresentada junto ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – PROEF, da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial a aquisição do título de mestre profissional em Educação Física Escolar. Área de concentração: Educação Física Escolar.

Data de aprovação: 12/04/2024.

BANCA EXAMINADORA:

---

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Luciano Nascimento Corsino  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS)

---

Membro Titular: Prof. Dr. Raphael Moreira Martins  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE)

---

Membro Titular: Prof. Dr. William Lazaretti da Conceição  
Universidade Federal do Pará (UFPA)

## **AGRADECIMENTOS**

À Capes/PROEB – Programa de Educação Básica pelo oferecimento do Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional – ProEF.

O meu agradecimento vai ao encontro de pessoas que foram relevantes para a elaboração desta dissertação e para a conclusão do Mestrado Profissional em Educação Física. São pessoas que foram importantes na minha trajetória, visto que, contribuíram com a minha formação humana e profissional.

Ao meu pai, Bomfim, e a minha mãe, Aureny Santos, por todo o cuidado, carinho e dedicação quanto ao meu crescimento e à minha formação. Esse momento é fruto do empenho de vocês. Nesse sentido, agradeço também aos meus irmãos e irmãs, por todos os estímulos para que esse momento ocorresse.

À Lislaine, minha amada, por estar sempre ao meu lado, sendo uma grande fonte de motivação para continuar e finalizar essa etapa da minha formação. Agradeço o amor, carinho, respeito, zelo, comprometimento e entrega de tempo para que eu pudesse me dedicar a essa pesquisa. Dedico meu amor e respeito

À Esther, minha filha, por ser uma das razões para continuar perseverando, batalhando e lutando pelo meu desenvolvimento humano e profissional. Agradeço o seu sorriso e por sua alegria, pois com isso minhas energias são potencializadas.

À Marciem, minha filha, por seu carinho e respeito. Com seu exemplo de luta e dedicação, consigo ter mais uma grande referência para continuar progredindo.

À toda a minha família: primos, primas, tios e tias, e, em especial, minha tia Aurea, por ensinar o valor de acreditar nas pessoas, dando-lhes oportunidades para aprender e evoluir.

Ao professor e orientador Luciano, pelo respeito, pela confiança, paciência e comprometimento. Agradeço por todos os ensinamentos e orientações realizadas durante esse processo. Suas contribuições foram essenciais para que esse momento ocorresse.

Aos professores e as professoras, Eduardo Vinícius Mota e Silva, Luiz Sanches Neto, Luciana Venancio e Maria Eleni Henrique Da Silva. Agradeço pelos ensinamentos que foram de grande suporte para finalizar esse processo, assim como serão basilares para a minha trajetória profissional.

Aos professores Raphael Moreira Martins e William Lazaretti da Conceição, pelas enormes contribuições que tanto potencializaram a elaboração

desta dissertação.

Aos amigos e amigas de turma, Amanda, Fulvio, Fernando, Samantha, Tarcizo, Ytalo, Ana, Juliana, Jorlany, Romário, Manuela, Laerton e Junielison. Agradeço por todo o companheirismo e pelas experiências compartilhadas.

A todos e todas, muito obrigado.

## RESUMO

Essa pesquisa desenvolve um processo de Planejamento Participativo como estratégia pedagógica. Visa analisar os impactos do Planejamento Participativo (P.P) no interesse dos(as) estudantes nas aulas de Educação Física na E.M.E.F. Raimundo Soares de Sousa, no município de Fortaleza/CE. Os objetivos específicos foram: a) identificar as temáticas que os(as) alunos(as) desejam aprender durante o ano letivo de 2023; b) compreender e interferir nos processos que dificultam a participação dos(as) estudantes nas aulas de Educação Física; c) desenvolver o Planejamento Participativo das aulas com os estudantes do 6º ano e d) implementar e avaliar o Planejamento Participativo. A proposta foi organizada nos seguintes movimentos: ação diagnóstica, elaboração do plano anual de ensino, implementação do plano e avaliação dos efeitos do Planejamento Participativo na participação dos estudantes. A metodologia utilizada é do tipo pesquisa participante. A construção dos dados ocorreu a partir das atividades realizadas pelos(as) alunos(as) durante as aulas. Os instrumentos utilizados para a construção dos dados foram: um questionário aplicado nos primeiros meses de aula com fins diagnósticos; diário de campo para registrar os acontecimentos experienciados durante as ações pedagógicas; ficha de observação para auxiliar na constatação em relação a participação do aluno e da aluna e atividades de produção de texto realizados no final de cada bimestre. Com a construção dos dados e a posterior análise, podemos explicitar que o Planejamento Participativo incentiva o(a) aluno(a) a agir como sujeito ativo no meio social, buscando a transformação do meio em que está inserido, e possibilita uma maior participação dos(as) alunos(as) nas aulas de Educação Física Escolar. O Planejamento Participativo pode resultar em melhoria da relação entre os(as) alunos(as), colaborando dessa forma com o processo de ensino e aprendizagem numa educação democrática.

**Palavras-chave:** escola; ensino fundamental; metodologia de ensino.

## ABSTRACT

This research develops a Participatory Planning process as a pedagogical strategy. It aims to analyze the impacts of Participatory Planning (P.P) on the interest of students in Physical Education classes at E.M.E.F. Raimundo Soares de Sousa, in the city of Fortaleza/CE. The specific objectives were: a) to identify the themes that the students wish to learn during the 2023 school year; b) to understand and interfere in the processes that hinder the participation of students in Physical Education classes; c) to develop the participatory planning of classes with the 6th grade students and d) to implement and evaluate the participatory planning. The proposal was organized in the following movements: diagnostic action, Elaboration of the annual teaching plan, implementation of the plan and evaluation of the effects of participatory planning on student participation. The methodology used is of the participant research type. The construction of the data occurred from the activities carried out by the students during the classes. The instruments used for the construction of the data were: A questionnaire applied in the first months of class for diagnostic purposes; field diary to record the events experienced during the pedagogical actions; Observation form to assist in the finding in relation to the participation of the student and the student and text production activities carried out at the end of each bimester. With the construction of the data, and the subsequent analysis, we can make explicit that participatory planning encourages the student to act as an active subject in the social environment, seeking the transformation of the environment in which he/she is inserted and allows greater participation of students in School Physical Education classes. Participatory Planning can result in improved relationships between students, thus collaborating with the teaching and learning process from a democratic perspective.

**Keywords:** school; elementary education; teaching methodology.



## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 –	Quadra da escola .....	81
Imagem 2 –	Alunos(as) jogando volei .....	81
Imagem 3 –	Vivenciando junto aos alunos e as alunas .....	87
Imagem 4 –	Aluno compartilhando saberes - jiu-jitsu .....	87
Imagem 5 –	Vivência relacionada a escalada utilizando a estrutura física da quadra .....	89
Imagem 6 –	Descida utilizando a corda, após realizar a escalada .....	89

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Conteúdos vivenciados do 1º ao 5º ano .....	61
Gráfico 2	–	Grau de importância a participação da elaboração do planejamento .....	62
Gráfico 3	–	Unidades temáticas de maior interesse .....	64
Gráfico 4	–	Unidades temáticas de menor interesse .....	64
Gráfico 5	–	Práticas corporais de aventura .....	66
Gráfico 6	–	Danças .....	67
Gráfico 7	–	Ginástica .....	68
Gráfico 8	–	Lutas .....	68
Gráfico 9	–	Jogos e brincadeiras .....	69
Gráfico 10	–	Esportes .....	70
Gráfico 11	–	Tema extra .....	70
Gráfico 12	–	Cognitivo .....	71
Gráfico 13	–	Desenvolvimento físico .....	72
Gráfico 14	–	Social .....	73
Gráfico 15	–	Emocional .....	74

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Trabalhos encontrados ao utilizar marcadores booleanos de forma isolada .....	26
Quadro 2 –	Artigos encontrados ao utilizar marcadores booleanos de forma combinada .....	26
Quadro 3 –	Artigos encontrados nos periódicos que possuem vínculos com a temática do planejamento participativo e Educação Física Escolar .....	27
Quadro 4 –	Conceituação do termo Educação Física por parte do(a) aluno(a) .....	74
Quadro 5 –	Importância da Educação Física Escolar para os(as) alunos(as) .....	75
Quadro 6 –	Como deveria ser uma aula de Educação Física na visão do(a) aluno .....	76
Quadro 7 –	Atividades físicas que os(as) alunos(as) praticam fora da escola .....	77
Quadro 8 –	Plano de ensino fruto da construção coletiva (alunos/alunas/ professor pesquisador .....	78
Quadro 9 –	Percepções do(a) aluno(a) ao participar do Planejamento Participativo e das aulas de Educação Física .....	90

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>11</b>	<b>Objetivo geral</b> .....	<b>22</b>
<b>1.2</b>	<b>Objetivo específico</b> .....	<b>22</b>
<b>1.3</b>	<b>Produto Educacional</b> .....	<b>22</b>
<b>2</b>	<b>MARCO TEÓRICO</b> .....	<b>25</b>
<b>2.1</b>	<b>A revisão sistemática na perspectiva de colaboração em ampliar o arcabouço teórico sobre o Planejamento Participativo</b> .....	<b>25</b>
<b>2.2</b>	<b>Aspectos legais e documentos oficiais que subsidiam as orientações curriculares no contexto nacional, estadual e municipal</b> .....	<b>30</b>
<b>2.2.1</b>	<b><i>Educação Física como componente curricular</i></b> .....	<b>31</b>
<b>2.2.2</b>	<b><i>Base Nacional Comum Curricular</i></b> .....	<b>33</b>
<b>2.2.3</b>	<b><i>Documento Curricular Referencial do Ceará</i></b> .....	<b>36</b>
<b>2.3</b>	<b>O Planejamento Participativo e a Educação Física Escolar</b> .....	<b>38</b>
<b>2.3.1</b>	<b><i>Planejamento Participativo no contexto da Educação Física Escolar</i></b> .....	<b>38</b>
<b>2.3.2</b>	<b><i>O Planejamento Participativo como uma possibilidade para uma ação pedagógica mais democrática</i></b> .....	<b>44</b>
<b>3</b>	<b>PERCURSO INVESTIGATIVO</b> .....	<b>47</b>
<b>3.1</b>	<b>Universo da pesquisa</b> .....	<b>47</b>
<b>3.2</b>	<b>Participantes</b> .....	<b>48</b>
<b>3.3</b>	<b>Materiais e Métodos</b> .....	<b>48</b>
<b>3.4</b>	<b>Método</b> .....	<b>50</b>
<b>3.5</b>	<b>Procedimentos para a construção de dados</b> .....	<b>51</b>
<b>3.6</b>	<b>Procedimentos para a análise de dados</b> .....	<b>52</b>
<b>3.7</b>	<b>Aspectos Éticos</b> .....	<b>53</b>
<b>4</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>54</b>
<b>4.1</b>	<b>Construindo o contexto do Planejamento Participativo</b> .....	<b>54</b>
<b>4.2</b>	<b>A implementação do Planejamento Participativo na perspectiva de instigar participação dos alunos e das alunas de uma turma do 6º ano.</b> .....	<b>80</b>
<b>4.3</b>	<b>Possibilidades e desafios</b> .....	<b>91</b>
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>94</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>100</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE) .....</b>	<b>109</b>
<b>ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE) .....</b>	<b>111</b>
<b>ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA VERIFICAR OS CONTEÚDOS QUE OS DISCENTES DESEJAM ESTUDAR DURANTE O ANO LETIVO .....</b>	<b>114</b>
<b>ANEXO D – FICHA DE OBSERVAÇÃO .....</b>	<b>116</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho vem dissertar sobre os impactos da elaboração, implementação e avaliação do Planejamento Participativo, como estratégia pedagógica, sobre as aulas de Educação Física Escolar, com alunos e alunas de uma turma de sexto ano, do Ensino Fundamental, no contexto de uma escola pública do Município de Fortaleza.

No entanto, antes de apresentar este estudo, peço licença para fazer uma breve apresentação sobre aspectos que descrevem e influenciam a formação da minha identidade, assim como interferem na minha maneira de proceder como professor de Educação Física Escolar.

Sou o professor Emanuel Wescley Sousa dos Santos, homem negro e nordestino. Residente e natural de Fortaleza - CE, mas com uma adolescência transcorrida no interior do Ceará, mais precisamente no município de Acarape.

Foi exatamente em Acarape, onde tive acesso aos saberes que fazem parte da minha identidade até os dias atuais. Aprendi com familiares, que devemos sempre acreditar nas pessoas, dar-lhes uma chance, sermos solidários, ajudar e lutar coletivamente pelos objetivos traçados. Já no ambiente escolar, como aluno, tive a oportunidade de acesso ao saber, o que me permitiu entender um pouco mais o mundo onde habitava. Entretanto, a aprendizagem na escola era mecanizada. De modo que sentia em meu peito a necessidade de ir além desses saberes e dessas aprendizagens até então obtidas.

Foi no ano de 2005 que tomei a decisão de cursar Educação Física. Como no interior não tinha faculdade, fiz a matrícula em uma Universidade particular, localizada no município de Fortaleza. Nesse ambiente de ensino, tive o acesso a diversos saberes que deram o embasamento inicial para a minha atuação como docente.

O ambiente universitário, o acesso a novas metodologias de ensino, a proposições de aula onde o aluno podia falar, propor, construir saberes junto ao professor e com os demais alunos e alunas, tudo isso me instigou a lutar pela transformação social do município onde residia (Acarape), e onde passei a me interessar pela política local. O que resultou numa candidatura a vereador no ano de 2008.

Ao pleitear o legislativo, tinha o objetivo de levar a voz popular para o

espaço onde as decisões a respeito do município eram tomadas. Não venci a eleição, mas hoje (2023), com 40 anos, constato o quanto aprendi com aquela experiência. Um jovem de 24 anos, indignado ao observar que os anseios da população não estavam sendo incorporados nas ações dos políticos da cidade em que morava, sentia que era necessário pelo menos tentar modificar o cenário hora evidenciado, nesse sentido, dei o recado e expressei os anseios da população.

Conclui a licenciatura em Educação Física Escolar em 2011, comecei a atuar em Maracanaú (Cidade da região metropolitana de Fortaleza) como Professor efetivo da Rede Municipal de Ensino e, ao iniciar na docência, tentava utilizar as metodologias de Ensino aprendidas na Graduação. Entretanto percebia que em várias aulas, alguns alunos não participavam da ação pedagógica implementada, não se envolvendo na temática trabalhada, não interagindo e ficando inertes, como robôs, esperando serem programados para que iniciassem o seu funcionamento.

O cenário descrito acima me incomodava e ainda continua incomodando, pois, ao realizar uma ação pedagógica desejo obter a participação do aluno e da aluna, pois acredito que somente através de um ambiente democrático, que estimule a participação dos envolvidos no processo pedagógico, é que podemos atingir os diversos objetivos educacionais.

Quanto ao ambiente democrático, Silva (2020) afirma que esse ambiente deve ser inserido no contexto escolar e envolver características como pessoas dispostas a pensar, dialogar, refletir e planejar em conjunto com outras pessoas que fazem parte da escola. No tocante aos objetivos educacionais, podemos citar a questão de criar possibilidades para que os alunos e as alunas possam se tornar cidadãos críticos, o que é um cenário distinto do que eu tinha como aluno da escola de Ensino Fundamental.

Para atingir o objetivo de realizar aulas democráticas, com participação dos alunos e das alunas, procurei participar de formações continuadas sobre metodologias de ensino, planejamento e unidades temáticas da Educação Física Escolar. Cursei a Especialização em Educação Física Escolar. Essa atitude me permitiu aprofundar meus conhecimentos sobre os saberes relacionados à Educação Física.

Refletindo sobre esse período tenho a percepção de que minhas atuações como docente estavam mais embasadas, entretanto faltavam estratégias que tornassem a ação pedagógica mais interativa e participativa. De acordo com Neira (2006), é necessário transformar a sala de aula num espaço de co-construção de

conhecimentos, via elaboração coletiva.

Em 2021, após dez anos de atuação como professor de Educação Física Escolar, ainda estava buscando preencher algumas lacunas quanto a minha formação profissional. Procurava estratégias e métodos para favorecer o diálogo no espaço escolar e potencializar o acesso dos meus alunos e das minhas alunas aos diversos saberes que a Educação Física Escolar possibilita. Foi nessa procura, que encontrei mais uma oportunidade de formação. Fiquei sabendo da seleção no Mestrado Profissional em Educação Física Em Rede Nacional (PROEF), inscrevi-me e, para a minha, alegria fui aprovado.

Visualizei nessa formação, a oportunidade para ampliar meu olhar quanto ao desenvolvimento de estratégias e ações pedagógicas que possibilitassem a construção coletiva, o fazer juntos, a propagação da solidariedade e o aprender em coletividade.

No intuito de atingir o cenário descrito acima, pensei em utilizar nas minhas aulas uma estratégia que comungasse com o fazer coletivo. Encontrei a busca da estratégia por meio das pesquisas, das leituras e dos diálogos realizados no PROEF, especificamente na disciplina Escola, Educação Física e Planejamento, onde acessei a temática do Planejamento Participativo. O planejamento é um dos elementos importantes para o processo que envolve a educação na escola.

A educação escolarizada é um processo presente há vários anos no escopo da sociedade, sendo o ato de educar uma ação essencial para o progresso individual e coletivo dos povos em geral. A relevância do processo educacional é citada por Freire (2000, p. 67) ao afirmar que “se a educação sozinha, não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. Nesse sentido, o processo educacional é um movimento que deve fazer o(a) aluno(a) progredir, evoluir e se desenvolver de maneira integral, construindo subsídios para a sua atuação como um sujeito ativo quanto a tomar atitudes que possam gerar a transformação social.

Os(as) alunos(as) devem ser impactados(as) pelo agir educacional de tal modo que consigam transformar seus entornos e construir uma sociedade mais justa, solidária e desenvolvida. Nessa perspectiva, Neira (2009) verbaliza que as escolas devem auxiliar o desenvolvimento social e emocional da criança, o que torna coerente o objetivo de educar para a vida.

Educar para o agir numa sociedade mais solidária e democrática é precedido por requisitos como citados por Boscatto, Impolcetto e Darido (2016, p. 97)



que afirmam que

a convivência em uma sociedade democrática de direito como o Brasil, de acordo com os pressupostos constitucionais, requer uma educação que possibilite aos indivíduos adquirir conhecimentos necessários para o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho.

Esse ato educacional escolarizado, voltado para a formação de um sujeito atuante na sociedade, possui alguns fatores que podem alavancar ou impedir a evolução anteriormente citada. Como exemplo de fatores que podem influenciar negativamente no êxito do processo educacional podemos citar: a cultura escolar mecanicista; a má formação do professor; a infraestrutura precária do ambiente onde está acontecendo o processo de ensino e aprendizagem; a desvalorização salarial do professor(a); e a falta de participação do(a) aluno(a) na aula.

Enfatizo a problemática da não participação dos(as) alunos(as) nas aulas de Educação Física Escolar, visto que é um problema que faz parte do meu contexto laboral e que incita em mim um desejo de propor ações que busquem ações que potencializem a participação do aluno e da aluna.

Caso não caminemos nessa direção poderemos observar um déficit de aprendizagem, uma diminuição do repertório motor (falando especificamente da aula de Educação Física) e o não aproveitamento de uma situação pedagógica que poderia propiciar um auxílio para o(a) aluno(a) desenvolver sua criticidade.

Convém explicitar que o que chamamos de participação expressa o sentido de os(as) alunos(as) estarem interagindo com os colegas e os professores, demonstrarem interesse pela temática trabalhada e fazerem indagações e proposições sobre a temática mediada.

Esse entendimento dialoga com a conceituação de participação proposta por Dallari (2017) em que o indivíduo pode participar falando, escrevendo, discutindo, encorajando os tímidos e aproveitando as oportunidades para despertar as consciências adormecidas. A participação envolve a atenção e a escuta das vozes que fazem parte do cenário escolar (Silva, 2020).

No sentido de participação coletiva, Dallari (2017) diz que isso pode ocorrer por meio da interação presente em determinado grupo social. Ganzeli (2001) discorre que a participação deve ser entendida como um processo de aprendizagem que demanda espaços sociais específicos. O espaço escolar pode ser esse espaço de

relação social propício a fomentar a participação.

Quanto ao sentido antagônico a participação, no caso a não participação, é definida por Tenório e Silva (2013, p.73) como “aquela conduta em que os alunos e as alunas estão presentes, mas não participam do que é proposto pelo professor ou somente assistem ao que os outros realizam”.

Essa problemática (falta de participação do(a) aluno(a) no processo educacional) ficou evidenciada em minha jornada como docente, assim como observo, agora, na escola onde leciono atualmente. Percebi que alguns alunos(as) de uma turma do 6º ano não queriam participar das tematizações e problematizações das práticas corporais mediadas. Constatei também, por intermédio das observações nas primeiras semanas das aulas, que era necessário implementar ações pedagógicas que gerassem convergência no grupo, em direção a construção de saberes. Fazia-se indispensável propor ações que incentivassem o agir em conjunto.

Esse espaço educacional de que falo, está ligado à Rede Municipal de Fortaleza e designa-se EMEF Raimundo Soares de Sousa. Foi nesse espaço e cenário que fui levado a refletir sobre os caminhos, os métodos e as estratégias que poderia utilizar para despertar no(a) aluno(a) uma maior participação no processo de ensino e aprendizagem e, por conseguinte, atingindo dessa maneira o objetivo maior da Educação Física na escola que é o desenvolvimento de cidadãos(ãs) críticos(as), ativos(as), participativos(as), que se colocam como sujeitos e não objetos da história.

Para efetivar essa ampliação da participação, é inevitável conhecer a realidade social do aluno e da aluna. Nesse sentido, Correia (1996) enfatiza que a Educação Física na escola tem um compromisso de desenvolver uma educação sobre o movimento que leve em consideração o contexto em que os(as) educandos(as) estão inseridos, para que suas necessidades e interesses sejam atendidos, dentro da perspectiva do resgate da qualidade do ensino e de sua conseqüente democratização.

Para desenvolver a criticidade citada anteriormente e possibilitar um espaço democrático nas aulas de Educação Física, Barroso e Darido (2009, p. 63) versa que é necessário “possibilitar ao(a) aluno(a) da escola pública entender a realidade social, interpretando-a e explicando-a a partir dos seus interesses de classe social”. Dessa forma optei por utilizar o planejamento participativo como uma ferramenta que possa captar a realidade social do(a) aluno(a) e que possibilite ao(à) aluno(a) desvelar a realidade social em que vive.

Para orientar o trabalho pedagógico dos professores e das professoras da

Rede Municipal de Ensino de Fortaleza, no ano de 2023, a Secretária Municipal de Educação de Fortaleza elaborou um documento denominado *Orientações Pedagógicas 2023*. Esse documento dialoga com a visão de Barroso e Darido (2009), assim como está alinhado ao que versa a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (Brasil, 2018), no sentido de levar em conta o interesse do(a) aluno(a) ao ser pensada a ação pedagógica.

Na BNCC (Brasil, 2018, p.15) é ressaltado que “as escolas precisam elaborar propostas que considerem as necessidades, possibilidades e os interesses dos estudantes”. Os documentos norteadores e vários autores, como Souza e Freire (2008), compartilham da ideia de que devemos levar em consideração a escolha dos(as) alunos(as) para auxiliar na elaboração do planejamento, assim como podemos levar em consideração as suas realidades (meio cultural onde vivem), sendo isso uma possibilidade de assertividade na construção de uma educação para a vida.

Diante do cenário citado anteriormente, o Planejamento Participativo é utilizado para que os(as) alunos(as) tenham a oportunidade de escolha dos conteúdos, que serão utilizados durante o ano letivo de 2023, e das formas de avaliação, em conjunto com o professor. De acordo com Farias *et al.* (2019), o Planejamento Participativo é considerado uma estratégia metodológica que possibilita a convergência entre o refletir e o agir no espaço escolar. Todas essas ações podem favorecer uma amplitude democrática na ação pedagógica, o que pode colaborar na construção de uma sociedade democrática.

Como referências de autores para o desenvolvimento dessa pesquisa utilizei (de forma mais intensa) os/as autores/as que realizam ou realizaram trabalhos com a estratégia do Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escolar. Esses autores e autoras são: a professora Dr.<sup>a</sup> Luciana Venâncio (2005; 2020; 2022), o professor Dr. Walter Roberto Correia (1996) e o professor Me. Peterson Amaro Silva (2018; 2020). Esses autores propõem trabalhos que oportunizam a construção de um ambiente escolar mais democrático. De acordo com Nogueira (2016), ao utilizarmos o Planejamento Participativo pretendemos transformar a prática pedagógica numa vivência democrática.

O desenvolvimento de uma sociedade democrática ainda é um grande desafio e, segundo Correia (1996), será mais difícil ainda com uma escola ineficaz, excludente e essencialmente elitista. A escola eficaz e inclusiva passa pela oferta de ações pedagógicas onde o aluno e a aluna possam colaborar no planejamento e na

implementação das aulas. O Planejamento Participativo deve possibilitar que os alunos e as alunas possam se apropriem da aula e tomem decisões em conjunto com o professor, no sentido de estarem envolvidos como copartícipes no processo de aprendizagem (Venâncio, 2020).

Esta pesquisa tem como objetivo geral analisar os impactos do Planejamento Participativo no interesse dos estudantes para aulas de Educação Física. Esses estudantes são de uma turma do 6º ano do ensino Fundamental. Quanto aos objetivos específicos é intencionado: identificar as temáticas que os alunos e as alunas de uma turma do 6º ano desejam aprender durante o ano letivo de 2023; compreender e interferir nos processos que dificultam a participação dos(as) estudantes nas aulas de Educação Física; desenvolver o Planejamento Participativo das aulas com os estudantes do 6º ano; e implementar e avaliar o Planejamento Participativo.

Também se objetiva, por meio do Planejamento Participativo, possibilitar ao(a) aluno(a) a oportunidade de refletir sobre o papel da Educação Física na escola e o significado dessas aulas para eles e elas. Objetiva-se também, que o aluno e a aluna possam refletir sobre as formas de contribuir com o processo de aprendizagem, de modo que esse caminho possa desenvolver uma mudança de atitude do(a) aluno(a) em relação ao componente curricular Educação Física. Como afirma Nascimento (2020, p. 121)

Nesse sentido, podemos afirmar que o planejamento participativo pode ser utilizado como uma possibilidade para superação do afastamento dos estudantes das práticas corporais experienciadas nas aulas de Educação Física e que ao envolvermos eles no processo de organização das aulas, estamos contribuindo para que possamos ter práticas corporais nas aulas de Educação Física caracterizada pela participação de todos os estudantes.

Com o desejo de envolver efetivamente o(a) aluno(a) nas aulas de Educação Física, coloco a minha curiosidade ativa de professor pesquisador em ação, objetivando construir pontes para fazer surgir no(a) aluno(a) o prazer em estudar, refletir e vivenciar as várias temáticas anexadas a Educação Física Escolar. No tocante a curiosidade, Freire (1996, p.35) afirma que

Como inquietação indagadora, como inclinação ao desvelamento de algo, como pergunta verbalizada ou não, como procura de escurecimento, como sinal de atenção que sugere alerta faz parte integrante do fenômeno vital. Não haveria criatividade sem curiosidade que nos move e que nos põe

pacientemente impacientes diante do mundo que não fizemos, acrescentando a ele algo que fazemos.

Como professores(as), devemos estar constantemente buscando exercitar a curiosidade para acionar a criatividade e, assim, agir para criar as melhores ações pedagógicas. Devemos também buscar os novos conhecimentos, os melhores meios, estratégias e formas para conseguir mediar o acesso do(a) discente ao saber, sendo que todas essas proposições devem ser realizadas no afã de ser um professor gabaritado, construtivo e efetivo.

Um(a) bom(boa) professor(a) deseja fazer o melhor por seus(suas) alunos(as), como detalha Freire (1996, p. 96) “o bom professor é o que consegue, enquanto fala, trazer o(a) aluno(a) até a intimidade do seu pensamento. Sua aula é assim um desafio e não uma cantiga de ninar”. O nosso esforço deve ser o de possibilitar a participação dos(as) nosso(as) aluno(as) nas aulas de Educação Física, despertando-os(as) para um pensar autêntico e, desta maneira fazê-los(as) presentes em todos os sentidos durante o processo pedagógico das aulas de Educação Física Escolar.

A realização desta pesquisa envolve conceitos como ação pedagógica, democracia, Planejamento Participativo e Educação Física Escolar. Ela é relevante para a linha de pesquisa Educação Física – Anos Finais do PROEF, pois possibilita a ampliação de conhecimentos desenvolvidos sobre a temática do Planejamento Participativo em uma etapa do Ensino, em que não são costumeiramente realizadas ações pedagógicas que envolvam a temática do Planejamento Participativo.

A pesquisa possibilita, também, preparar de forma inicial esses alunos e alunas para entenderem o papel da Educação Física na Escola, de modo que quando saírem do Ensino Fundamental e chegarem ao Ensino Médio já tenham a compreensão do porquê a Educação Física está inserida no contexto escolar.

O período do Ensino Fundamental é o mais longo da Educação Básica. Nesta etapa, as crianças e os adolescentes passam por várias transformações que envolvem aspectos físicos, cognitivos, afetivos, sociais e emocionais. Essas transformações impõem a realização de um planejamento assertivo para que as ações pedagógicas resultem em sujeitos que possam ter uma leitura crítica da realidade social e consigam realizar intervenções assertivas no contexto social em que eles e elas estão inseridos(as).

As características dessa faixa etária mobilizam a criação de um ambiente

escolar que se organize em torno dos interesses das crianças (Brasil, 2017). Nesse sentido, também é importante fortalecer a autonomia desses adolescentes, oferecendo-lhes condições e ferramentas para acessar e interagir criticamente com diferentes conhecimentos e fontes de informação (Brasil, 2017). As ações lembradas pela Base Nacional Comum Curricular (respeitar os interesses e fortalecer a autonomia) podem ser alinhadas com a inclusão da estratégia do Planejamento Participativo nessa etapa de Ensino da Educação Básica.

Além de ser importante para os alunos e para as alunas, assim como para a linha de pesquisa do PROEF, essa pesquisa também é importante para a minha formação profissional, visto que ajuda a aprofundar os conhecimentos que tenho a respeito do contexto atual da Educação Física Escolar no Brasil, tanto da legislação que ampara o componente que leciono quanto do processo ligado ao planejamento. Auxilia também a ressignificar minha trajetória, por meio da construção de uma nova visão sobre a relação professor/aluno(a).

Essa pesquisa é relevante, visto que pode influenciar na ampliação do meu desejo em obter a participação dos alunos e das alunas nas aulas de Educação Física Escolar, em que faço as mediações (não apenas na turma que participa da pesquisa, mas em todas as turmas que leciono).

Por conseguinte, esse trabalho pode estimular outros professores e professoras a proporem mais situações que englobem o aluno e a aluna na construção coletiva da ação pedagógica.

A pesquisa é de natureza qualitativa, em que foram analisados os impactos do Planejamento Participativo no interesse dos estudantes para aulas de Educação Física, no 6º ano do Ensino Fundamental, e a consequente ampliação na participação dos(as) alunos(as) nas aulas que leciono, especificamente na turma de 6º ano, em que realizo a pesquisa. O método que utilizo é o da pesquisa participante, visto que elaboramos, construímos e avaliamos juntos (professor e aluno/aluna) o Planejamento Participativo.

É válido salientar que os(as) alunos(as) participam não só da escolha dos conteúdos, mas também das formas de avaliações e da dinâmica pedagógica da aula. A construção dos dados ocorreu por meio da aplicação de um questionário, com onze perguntas, que tinham por objetivo conhecer o cotidiano do(a) aluno(a), verificar quais são as suas preferências quanto aos conteúdos a serem estudados durante o ano letivo de 2023 e observar seu posicionamento sobre a Educação Física Escolar

enquanto cultura corporal.

Para a construção dos dados também foram utilizados os instrumentos denominados de Diário de Bordo e Ficha de Observação. Nesses instrumentos foram captados os diálogos que fazíamos sobre as formas de avaliar que seriam escolhidos. Os dados selecionados foram tabulados através do software *Excel* e, assim, distribuídos em categorias, em que ocorreram reflexões contínuas sobre os dados coletados, gerando uma análise de conteúdo, o que possibilitou inferir e interpretar os dados.

Como produto educacional, resultante da pesquisa, ocorreu a elaboração de um vídeo com animação, direcionado a pais, mães ou responsáveis, em que estão inseridos aspectos que explicam a importância da participação dos filhos e das filhas no processo do Planejamento Participativo e, por consequência, nas aulas de Educação Física Escolar.

A seguir descrevo a divisão dos capítulos. No Capítulo 2, especificamente no Tópico 2.1, está descrita a revisão sistemática implementada para dar suporte ao arcabouço teórico. Assim como, no Tópico 2.2, tratou-se sobre os aspectos legais que envolvem os documentos que subsidiam as orientações curriculares no contexto nacional e municipal. Esses documentos são normas que devem ser refletidas, criticadas e aprimoradas, mas devem ser levadas em consideração quando o professor e a professora iniciarem a elaboração do Planejamento Participativo. No Tópico 2.3 fala-se sobre a presença do Planejamento Participativo na Educação Física Escolar e sua possível utilidade para ampliar a participação do(a) aluno(a), possibilitando o desenvolvimento do sujeito cognoscente.

No Capítulo 3 foi descrita a Metodologia de Pesquisa, em que se apresenta o percurso investigativo efetuado para o desenvolvimento desta investigação.

No Capítulo 4 são apresentados os resultados e realizadas as discussões. No Tópico 4.1 foram desenvolvidos os aspectos envolvidos na construção do Planejamento Participativo. No Tópico 4.2 tratou-se da implementação do Planejamento Participativo e, no 4.3, falou-se sobre as possibilidades e os desafios no processo de planejar envolvendo a participação dos alunos e das alunas.

Por último, findando no Capítulo 5, são apresentadas as considerações finais.

## 1.1 Objetivo geral

Analisar os impactos do Planejamento Participativo no interesse dos estudantes, em aulas de Educação Física, no 6º ano do Ensino Fundamental.

## 1.2 Objetivo específico

- Identificar as temáticas que os alunos e as alunas desejam aprender durante o ano letivo de 2023;
- Compreender e interferir nos processos que dificultam a participação dos(as) estudantes nas aulas de Educação Física;
- Desenvolver o Planejamento Participativo das aulas com os estudantes do 6º ano;
- Implementar e avaliar o Planejamento Participativo.

## 1.3 Produto Educacional

Ao empreender a pesquisa utilizando a estratégia do Planejamento Participativo, ficaram em evidência alguns desafios que demandaram tempo e esforço para superá-los. Um dos primeiros desafios foi conseguir a adesão de pais, mães ou responsáveis, no sentido de assinarem o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE). Entretanto, ao conversar com eles e elas, consegui explicar de forma mais detalhada, o processo da pesquisa que envolvia o Planejamento Participativo e, com essa ação, eles e elas assinaram os termos.

Outro obstáculo enfrentado durante a pesquisa foi a postura de alguns pais e mães, que não concordavam com a tematização do conteúdo dança, especificamente o funk. Eles e elas alegavam que esse conteúdo não tinha relação com a Educação Física Escolar, visto que segundo eles “no nosso tempo a Educação Física era só ginástica e esporte”. Diante disso foi estabelecido um diálogo reflexivo com esses pais, no afã de explicitar a relevância de estudar e vivenciar essa temática, visto que faz parte do contexto cultural dos alunos e das alunas.

Constatee que alguns pais, mães ou responsáveis, não tinham um conhecimento sobre o que é a Educação Física, sobre quais são suas possibilidades de ensino, assim como não conseguiam compreender o processo do Planejamento



Participativo.

Para tentar solucionar essa problemática, em estudos vindouros, foi criado um produto educacional, o que é um pré-requisito para a obtenção do título de Mestre. Essa solicitação advém da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). A CAPES define um Produto Educacional como um recurso que contribui para a melhoria do processo educacional. Como exemplos de produtos, podemos citar: livros didáticos, videoaulas, sequência didáticas, infográficos e outros materiais de pesquisa e ensino que estejam licenciados de maneira aberta, publicados com autorização expressa do autor.

No caso da pesquisa que empreendo, o produto educacional foi um vídeo com animação (link: <https://youtu.be/Zxm9xl7zdkA>) no qual se objetivou uma explicação direcionada a pais, mães e responsáveis, sobre as modificações que ocorreram no cenário escolar, incluindo o componente curricular Educação Física.

Diferentemente do período em que esses pais e mães estudavam, a Educação Física Escolar propicia ou deveria propiciar diferentes possibilidades de saberes, assim como utiliza ou deveria utilizar diversificadas formas de avaliação, além de ampliar os objetivos a serem alcançados em sala e os usos de metodologias de ensino mais ativas. Ou seja, a Educação Física Escolar, na atualidade, é diferente do período que alguns desses pais e mães estudaram.

Objetivou-se também, de forma mais enfática, a aderência de pais, mães ou responsáveis no apoio à participação dos filhos ou filhas no processo do Planejamento Participativo. Para conseguir essa adesão dos responsáveis, o vídeo explica o conceito do planejamento, assim como do Planejamento Participativo. No vídeo, foram inseridas as etapas que fazem parte da realização do Planejamento Participativo. Foram colocados, também, os vários benefícios que podem ser proporcionados aos filhos e às filhas, no período da elaboração, implementação e avaliação do Planejamento Participativo.

No vídeo é ratificada a importância de pais, mães e responsáveis estimularem seus filhos e filhas a participarem do Planejamento Participativo, assim como são colocadas algumas ações que a família pode fazer para ajudar os(as) estudantes durante esse processo.

Com esse vídeo espera-se facilitar a compreensão de pais, mães ou responsáveis, da importância de seus filhos participarem da construção coletiva do Planejamento Participativo.

Os professores e professoras de Educação Física Escolar de todo o Brasil terão também um material para disponibilizarem junto aos pais, mães ou responsáveis. Dessa forma, tem-se mais um argumento para conquistar a adesão da família.

Esse Produto Educacional será posteriormente enviado a Secretária Municipal de Educação (SME) do município de Fortaleza, com o intuito de se realizar uma ampla divulgação do produto. Assim como ficará disponibilizado em canais do *Youtube* que ofertam conteúdos relacionados a Educação Física Escolar. Essa disponibilização pode gerar amplos impactos, intensificando e colaborando para a propagação da estratégia do Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escolar, tanto nas escolas do Município de Fortaleza quanto, oxalá, nas escolas de outras capitais e demais municípios do Brasil.

## 2 MARCO TEÓRICO

### 2.1 A revisão sistemática na perspectiva de colaboração em ampliar o arcabouço teórico sobre o Planejamento Participativo

A revisão sistemática é um método baseado em critérios predeterminados e evidências científicas consistentes, tendo como fim colaborar com a escolha de estudos para o desenvolvimento de artigos com informações originais (Schütz, Santana e Santos, 2011). Nesse sentido, a revisão sistemática foi realizada através da consulta a seis periódicos científicos de amplitude nacional, com a reputação de divulgar bons trabalhos na área pedagógica. As revistas consultadas foram as seguintes: *Revista Movimento* (Qualis B1); *Motrivivência* (Qualis B2); *Pensar a Prática* (B2); *Motriz* (B2); *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte* (Qualis B1); e *Revista Brasileira de Ciência do Esporte* (B2). Ultrapassando a questão da credibilidade e do reconhecimento dos referidos periódicos, foram adotados como critérios de seleção: (1) ser uma revista brasileira; (2) publicar estudos que tematizem a Educação Física Escolar, e (3) possuir extrato igual ou superior a B2, compreendendo o quadriênio 2017-2020, no sistema Web Qualis na área da Educação Física.

Buscou-se artigos relacionados com a temática do Planejamento Participativo. Os artigos selecionados levaram em conta o recorte temporal dos últimos 23 anos, compreendendo o período de 1996 a 2023. Esse recorte temporal está fundamentado na origem dos estudos sobre o Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física, que se iniciou em 1996, por meio do artigo do professor Walter Roberto Correia, cujo título é *Planejamento Participativo e O ensino de educação física no 2o. grau*.

A busca ocorreu através de marcadores booleano. Os marcadores, listados a seguir, foram utilizados de forma isolada: “planejamento”; “educação física escolar”; “participativo”; e “falta de participação”. Ao utilizar esses marcadores booleanos de forma isolada foi encontrado o resultado descrito no quadro abaixo. Nele podemos verificar que a maioria dos trabalhos que incluem a temática da Educação Física Escolar foram publicados nas revistas *Movimento*, *Motrivivência* e *Pensar a Prática*. Outro ponto a se observar é a diminuta quantidade de trabalhos que incluíam a temática “falta de participação”. Em todas as revistas, só foram encontrados dois

trabalhos que tratavam dessa questão.

Quadro 1 - Trabalhos encontrados ao utilizar marcadores booleanos de forma isolada.

Revistas	Marcadores			
	“planejamento”	“Educação Física Escolar”	“participativo”	“falta de participação”
Movimento	42	236	3	0
Motrivivência	43	222	7	0
Pensar a prática	82	329	6	1
Motriz	16	24	2	0
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	10	19	1	1
Revista Brasileira de Ciência do Esporte	1	12	0	0

Fonte: Elaborado pelo autor

Outro modo de pesquisa utilizado foi o de palavras combinadas: “planejamento” AND “educação física escolar”; “planejamento” AND “participativo”; “planejamento” AND “falta de participação”; e “planejamento” AND “professores”. Como resultado da nova consulta realizada foram encontrados 127 trabalhos utilizando os marcadores booleano de forma combinadas, sendo que desses 127, 28 estavam duplicados, ou seja, foram encontrados, na verdade, 99 trabalhos.

Quadro 2 - Artigos encontrados ao utilizar marcadores booleanos de forma combinada.

Revistas	Marcadores			
	“planejamento” and “educação física escolar”	“planejamento” and “participativo”	“planejamento” and “falta de participação”	“planejamento” and “professores”
Movimento	12	0	0	7
Motrivivência	18	5	0	17
Pensar a prática	37	5	2	8
Motriz	15	5	0	7
Revista Brasileira de Educação Física e Esporte	3	1	0	6
Revista Brasileira de Ciência do Esporte	0	0	0	1

Fonte: Elaborado pelo autor

Em fase posterior, foi realizada a leitura de cada artigo. Focou-se nas partes

concernentes ao resumo, palavras-chaves, objetivo geral e considerações finais. Nessa leitura foram aplicados os critérios de elegibilidade apresentados a seguir:

- Aderência forte (peso 3): foram incorporados ao portfólio de análise por ter como temática e objeto de estudo principal o Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escolar;
- Aderência média (peso 2): foram considerados artigos que versavam sobre o planejamento, mas não especificamente o Planejamento Participativo.;
- Aderência fraca (peso 1): são artigos cuja temática era voltada à Educação Física Escolar, mas sem ênfase no Planejamento Participativo, versando sobre desenvolvimento de aptidão física, esportes, metodologias etc.;
- Nenhuma aderência (peso 0): foram eliminados por não terem relação com a Educação Física Escolar ou não serem artigos, mas sim, entrevistas, resenhas críticas ou ensaios.

Os artigos classificados como Nenhuma Aderência (peso 0) foram em número de 23. Já os artigos classificados como Aderência Fraca (peso 1) foram em número de 45 artigos. Quanto aos artigos classificados como de Aderência Média (peso 2) foram no total de 25. E, por fim, para a efetiva leitura e utilização na construção do marco teórico, foram utilizados artigos que tiveram Aderência Forte (peso 3), num total de seis artigos. No quadro abaixo é explicitado a quantidade de artigos encontrados, a revista e as referências relacionadas aos artigos citados.

Quadro 3 - Artigos encontrados nos periódicos que possuem vínculos com a temática do Planejamento Participativo e Educação Física Escolar.

<b>Categorias</b>	<b>Quantidade de artigos encontrados</b>	<b>Revista</b>	<b>Referência</b>
Planejamento Participativo	5	Motrivivência	(Gariglio; Januário, 2022) (Diedrich; Araújo; Rocha, 2020) (Farias; Nogueira; Sousa; Maldonado, 2019) (Nunes; Fonseca; Boslle, 2017) (Bagnara; Fensterseifer, 2016)
Planejamento Participativo	1	Pensar a Prática	(Sayão; Muniz, 2006)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Na revista *Motrivivência* foram encontrados 05 artigos. O primeiro artigo relacionado foi publicado por Januário e Gariglio (2022). O título desse artigo é *Proposta de planejamento de ensino para a Educação Física no ensino médio: uma construção em diálogo com jovens de uma escola da rede estadual de educação de Minas Gerais*.

Nele é relatada a experiência da professora Tábata Aline Januário, fruto da pesquisa de dissertação de mestrado, onde o objetivo central foi a reconstrução da proposta curricular para o ensino da Educação Física numa escola de Ensino Médio, no estado de Minas Gerais. A pesquisa foi uma construção coletiva (professora-alunos e alunas) e teve como resultado possibilitar uma leitura reflexiva acerca da prática curricular da professora, o que gerou procedimentos didáticos que resultaram na reconstrução do planejamento de ensino.

O segundo artigo foi escrito por Diedrich, Araújo e Rocha (2020). O título desse artigo é *Planejamento de ensino na educação infantil: percepções de professores de Educação Física Escolar*. Nesse artigo buscou-se a compreensão sobre elaboração do planejamento de ensino na Educação Infantil.

A pesquisa foi realizada com cinco professores da Educação Infantil da rede pública de um município da Região do Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. De acordo com a pesquisadora, constatou-se que os professores percebem o planejamento de ensino como a confecção de documentos burocráticos, cuja elaboração é marcada pela escolha de objetivos e da seleção de atividades práticas e brincadeiras prontas. Nesse caso, desconsiderando o caráter político e utópico do planejamento, e reduzindo o curso de graduação a uma formação técnico-instrumental.

O terceiro artigo encontrado foi escrito por Farias, Nogueira, Sousa e Maldonado (2019). O título desse artigo é *Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica*. Neste artigo, realizou-se reflexão sobre duas experiências pedagógicas, em que os docentes utilizaram o Planejamento Participativo como estratégia para selecionar as práticas corporais e os conteúdos tematizados durante as aulas de Educação Física, no Ensino Fundamental.

O primeiro projeto foi realizado com alunos do 5º ano e o segundo, com alunos do 9º ano. Os projetos foram realizados, respectivamente, em São Paulo e em Minas Gerais. Verificou-se a escolha dos jovens pelas temáticas esporte, jogos,

brincadeiras e ginástica. Como conclusão foi relatado que o Planejamento Participativo pode estimular uma maior participação dos estudantes durante as aulas de Educação Física Escolar.

Na revista *Motrivivência* foi selecionado um quarto artigo, escrito por Nunes, Fonseca, Bossle e Bossle (2017). O título desse artigo é *Planejamento de ensino e Educação Física: uma revisão de literatura em periódicos nacionais*. Nesse estudo, buscou-se verificar como a temática do planejamento de ensino vem sendo tratada na produção científica da área de Conhecimento da Educação Física (EF). Os autores fizeram uma revisão de literatura em periódicos nacionais de estrato A1 e B2, compreendendo o período de 2001 a 2016.

Inferiu-se que os estudos são pautados por reflexões e problematizações que enfatizam (1) a necessidade de se planejar coletivamente, (2) a relevância de se vincular o planejamento ao Projeto Político Pedagógico, (3) a coerência entre o que se planeja e a visão de aluno que queremos e ainda (4) a possibilidade de o planejamento ajudar a respaldar a EF como componente curricular.

Como quinto artigo selecionado temos a publicação de Bagnara e Fensterseifer (2016). O título dessa publicação é *Intervenção pedagógica em Educação Física escolar: um recorte da escola pública*. Nesse estudo, analisou-se o modo como ocorre o desenvolvimento das intervenções pedagógicas do professor de EF, em escola pública. Para essa análise foi realizada uma entrevista com dez professores.

Como conclusão obteve-se que a Educação Física continua sendo trabalhada como uma atividade e não como um componente curricular. Constatou-se também o predomínio dos conteúdos esportivos como conteúdo trabalhado e que o planejamento de ensino, na realidade pesquisada, era inexistente. Desse modo, verificou-se que a EF escolar se encontrava em abandono docente.

Na revista *Pensar a Prática* foi selecionado um artigo, cujos autores são Sayão e Muniz (2006). O título desse artigo é *O planejamento na Educação Física Escolar: um possível caminho para a formação de um novo homem*. O artigo tem como objetivo apontar para a importância de se construir um planejamento baseado numa referência de sociedade e de homem. A partir daí, o texto apresenta um exemplo de planejamento para a Educação Física Escolar baseado numa concepção de sociedade e de homem.

Ao realizar a revisão sistemática, verificou-se a produção científica

realizada e, dessa forma, pode conhecer o estado da arte relacionado à temática do Planejamento Participativo. Ficou evidenciada, no recorte pesquisado, a quantidade diminuta de produções relacionadas ao tema estudado, visto que de 99 artigos encontrados, apenas 6 tinham relação direta com a temática do Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escolar. Quanto aos estudos relacionados ao Ensino Fundamental/Planejamento Participativo/Educação Física Escolar, foi encontrado apenas um artigo na seleção de periódicos escolhidos.

Com base nos artigos selecionados na revisão sistemática, foram potencializadas as perguntas referentes ao questionário, assim como foi ampliado o arcabouço de ações pedagógicas que poderiam ser utilizadas para qualificar a discussão e o resultado dessa pesquisa.

## **2.2 Aspectos legais e documentos oficiais que subsidiam as orientações curriculares no contexto nacional, estadual e municipal**

A lei que rege o funcionamento do sistema educacional brasileiro é a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB). A primeira LDB foi promulgada em 1961 e, segundo Impolcetto e Darido (2019), a lei colocava a Educação Física como prática obrigatória nos cursos primário e médio, aos(as) alunos(as) até 18 anos, ou seja, alunos(as) que tinham acima de 18 anos segundo a lei não precisavam fazer as práticas relacionadas à Educação Física, o que criava uma possibilidade de não participação dos(as) alunos(as) das aulas de Educação Física Escolar.

Em 1971 ocorreu uma reforma educacional em que a lei foi alterada e, no que tange à Educação Física, especificamente no Art. 7º, da Lei nº 5.692, excluiu-se a idade limite para que o aluno e a aluna pudessem realizar a prática do componente curricular. A Educação Física Escolar, agora, era obrigatória, mas ainda assim, existiam várias exceções. O componente curricular ficaria facultativo para quem trabalhasse mais de 6 horas por dia e estudasse a noite, para quem tivesse mais de 30 anos, prestasse serviço militar e fosse fisicamente capacitado.

De acordo com a lei nº 5.962 as(os) alunas(os) que se encaixassem nesse perfil poderiam não vivenciar as práticas corporais tematizadas nas aulas de Educação Física, ficando desse modo sem os ganhos advindos da vivência das práticas corporais e, indo no sentido contrário a questão da participação nas aulas de Educação Física.



Em 1977, são acrescentadas duas alíneas na Lei nº 6.503. Nesses trechos foram inseridos a facultatividade da prática das aulas de Educação Física ao aluno de pós-graduação e à mulher com prole, ou seja, aprofundando as oportunidades de exclusão e a não participação por parte do aluno e da aluna.

### 2.2.1 Educação Física como componente curricular

Em 1996 foi promulgada a nova LDB, que no seu parágrafo 3, no artigo 26, ad Lei de nº 9.394/1996, discorria o seguinte: “A Educação Física, integrada a proposta pedagógica da escola, é componente curricular da Educação Básica, ajustando-se as faixas etárias e as condições da população escolar, sendo facultativa nos cursos noturnos” (Brasil, 1996, p.14). Com essa lei, a Educação Física torna-se obrigatória no Ensino Básico.

É importante salientar que mesmo com a redação dessa lei, a Educação Física não foi inserida efetivamente na Educação Infantil e nem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como exemplo, podemos citar o município de Fortaleza, que em anos anteriores não tinha professores de Educação Física mediando aulas no Ensino Infantil e nem nos anos iniciais do Fundamental. Esse cenário só começou a ser modificado no ano de 2023, com a entrada de vários professores na Rede Municipal de Fortaleza.

Essa ausência de professores de Educação Física (EF) nos anos iniciais do Ensino Fundamental acabou por atrasar o acesso de alunos e alunas aos vários saberes oportunizados pela EF. Como exemplo, posso citar a turma em que fiz esse estudo, visto que são alunos e alunas que não tiveram Professor de Educação Física nos anos iniciais, o que resultou em perdas em relação a motricidade da turma. Nesse ponto, o Planejamento Participativo torna-se uma oportunidade extraordinária de conhecer melhor o aluno e a aluna, permitindo entender a relação deles e delas com os saberes relacionados com a Educação Física Escolar, além de permitir a oportunidade da construção coletiva de situações de aprendizagem mais assertivas para essa turma de 6º ano.

Cabe destacar que a atual LDB concede grande liberdade e autonomia para as escolas, especialmente por meio do Projeto Político Pedagógico (PPP), no qual devem constar os objetivos da escola, suas prioridades e ações, tendo em vista suas próprias características (Impolcetto e Darido, 2019).

Mesmo tendo essa liberdade, muitas escolas não elaboram um PPP qualitativo e acabam tratando o documento apenas como mais uma peça burocrática a ser feita. Conseqüentemente isso resulta na falta de participação do aluno e da aluna, dos professores e da comunidade na elaboração do PPP, o que pode findar na elaboração de um documento frágil. O planejamento deve ser participativo, inclusive a partir do PPP, o que estimula o agir coletivo.

No ano de 1997, foram elaborados os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Os PCNs dividem os componentes em blocos e abordam a interdisciplinaridade entre os conteúdos, assim como tratam das dimensões do conhecimento sendo elas a conceitual, a procedimental e a atitudinal (Dezotti, 2020).

Nesse documento, é estimulada a inserção da construção coletiva, ou seja, do Planejamento Participativo, visto que o documento lembra que (Brasil, 2017, p. 35) “é essencial a vinculação da escola com as questões sociais e com os valores democráticos, não só do ponto de vista da seleção e tratamento dos conteúdos, como também da própria organização escolar”. No documento ainda é ratificado que toda a comunidade deve participar do processo de construção coletiva, inclusive os pais, o que deve resultar numa ampliação de possibilidade para o acesso a uma educação coerente e bem-sucedida (Brasil, 2017).

Em 2003, é instituída a Lei nº 10.793, de 1º de dezembro, em que mais uma vez, era tratada a facultatividade das práticas de Educação Física, quanto aos(as) estudantes do período noturno. Eles e elas poderiam não participar das aulas de Educação Física se estivessem inseridos nas seguintes situações: trabalhadores; pessoas com mais de trinta anos; militares; e mulheres com prole. Essa facultatividade acaba resultando em não participação de alguns alunos e algumas alunas nas aulas de Educação Física, gerando, como já citado anteriormente, perdas motoras, cognitivas e sociais.

Outro documento que também necessita de atenção ao se pensar no trabalho pedagógico do(a) professor(a) são as Diretrizes Curriculares Nacionais, visto que ele delimita o conjunto de definições doutrinárias sobre princípios, fundamentos e procedimentos da Educação Básica. Ele serve como referência para o planejamento curricular das escolas.

No documento está inserido que

a escola precisa acolher diferentes saberes, diferentes manifestações

culturais e diferentes óticas, empenhar-se para se constituir, ao mesmo tempo, em um espaço de heterogeneidade e pluralidade, situada na diversidade em movimento, no processo tornado possível por meio de relações intersubjetivas, fundamentada no princípio emancipador (Brasil, 2013, p. 27).

Nesse sentido o Planejamento Participativo dialoga com esse acolhimento dos diferentes saberes, incluído os saberes que o aluno e aluna conduz consigo.

Em 2014, foi aprovada a Lei nº 13.005, que instituía o novo Plano Nacional da Educação (PNE). Nesse documento estão previstas metas e diretrizes para a educação brasileira. O plano traz em seu escopo, mais precisamente na meta 19, o objetivo de efetiva gestão democrática da educação e, ainda nessa linha, é ensejado estimular a participação e a consulta de profissionais da educação, alunos(as) e seus familiares na formulação de projetos político-pedagógicos, currículo escolar, plano de gestão escolar e regimento escolar assegurando a participação coletiva no cotidiano da escola.

O documento, nesse recorte, pede a participação da sociedade, e o Planejamento Participativo pode ser um dos instrumentos com capacidade de propiciar essa interação e participação social, sendo capaz de influenciar positivamente os rumos do espaço escolar.

### 2.2.2 Base Nacional Comum Curricular

Em 2017, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que é “um documento de teor normativo e define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos(as) alunos(as) devem desenvolver ao longo da Educação Básica” (Brasil, 2017, p. 07).

A BNCC está conectada com a política nacional de Educação Básica e busca contribuir para o alinhamento de outras políticas e ações em âmbito federal, estadual e municipal, referentes à formação de professores, à avaliação, à elaboração de conteúdos educacionais e aos critérios para a oferta de infraestrutura adequada para o pleno desenvolvimento da educação (Brasil, 2017). Esse documento propõe como pilares, dez competências gerais que servem de subsídio para o direcionamento do processo de ensino e aprendizagem dos estabelecimentos de ensino e dos(as) professores(as) em todos os anos e para todos os componentes curriculares da educação. Em 2020, inicia-se a sua implementação em âmbito nacional.

A BNCC é um documento que têm sua relevância, por tentar alinhar um mínimo de conteúdo comum para serem implementados nas aulas de Educação Física, assim como as demais áreas. Nesse sentido, o intuito da elaboração do documento é facilitar a sistematização do conteúdo e favorecer um mínimo de isonomia, no que tange aos acessos aos conteúdos comuns por parte dos(as) alunos(as) das escolas do Brasil.

Além do direito dos brasileiros à Educação Básica, a BNCC busca garantir que os estudantes tenham acesso aos conhecimentos essenciais oriundos da cultura universal e sistematizados pelos componentes curriculares (Boscatto; Impolcetto; Darido, 2016).

A BNCC pode diminuir a desarmonia quanto a organização dos conteúdos, facilitando a sistematização, ao levar em consideração a complexidade dos conteúdos, à medida que o(a) aluno(a) avança na Educação Básica. Um dos problemas relativos a Educação Física está justamente na repetição de conteúdos e sua conseqüente falta de organização quanto aos níveis de dificuldade. Diante dessa situação, existem autores que apontam para a necessidade de se organizar uma base curricular para a EF Escolar (Boscatto; Impolcetto; Darido, 2016).

O referido documento também versa sobre o desenvolvimento das competências (objetivo educacional) direcionadas a formação integral do(a) aluno(a) (BRASIL, 2017). De acordo com o documento, essas competências desenvolvidas no(a) aluno(a) podem ajudar na resolução de problemas, tanto os vividos no período escolar assim como no pós-escolar.

Entendo serem acertadas todas as proposições descritas acima no texto. Entretanto, é importante analisar o documento de maneira mais aprofundada. Como professor, no fazer docente, não posso guiar o planejamento das minhas ações pedagógicas apenas por esse norte (BNCC), pois os documentos que precederam esse norte continuam tendo sua usabilidade. Como exemplo de documento antecessor, temos os PCN'S.

Dessa forma, para balizar o trabalho docente, devo utilizar também os documentos já escritos, sendo necessário acrescentar a eles a produção acadêmica verificadas em artigos, livros e outras fontes, que juntos podem dar suporte para um trabalho educacional de qualidade social.

Da BNCC, podemos extrair aspectos positivos e negativos. Segundo Farias, Martins e Impolcetto (2023), a BNCC criou divergências e convergências, na

perspectiva dos pesquisadores da área da Educação Física, no que tange ao entendimento de se ter um documento como balizador para todo o território brasileiro. Os positivos estão supracitados, os negativos serão discutidos em seguida.

A BNCC define as finalidades gerais da Educação Física e, nesse aspecto, o documento coloca que devemos nos apropriar e usar da cultura corporal de movimento (Brasil, 2018). Entretanto, devemos analisar o termo apropriar, pois urge ir além dessa ação, sendo imperativo a ação de reconstruir os elementos que compõem a cultura corporal do movimento.

Outro ponto a ser criticado são os critérios de classificação para as unidades temáticas descritas na BNCC, pois são critérios desiguais. Dessarte, isso nos leva a constatar uma incoerência, visto que, para as lutas, o critério utilizado é a questão regional, já para os esportes o critério é a lógica interna. Isso nos impeliu a questionar o porquê dessa diferenciação. Betti (2018, p. 163) afirma que “é inevitável perceber e condenar a justaposição de critérios diferentes – e até certo ponto arbitrários – para classificar as unidades temáticas”.

Quanto a questão das habilidades, verificou-se algumas inconsistências. “Várias delas acumulam mais de uma habilidade ou objetivo de aprendizagem na mesma redação, e poderiam ser desdobradas” (Betti, 2018, p. 166).

A BNCC versa que

a sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendido. (Brasil, 2017, p. 14)

Essas indagações podem ser inseridas na construção coletiva imbricada no Planejamento Participativo onde as perguntas e as respostas serão feitas e dialogadas entre os atores envolvidos no processo de ensino e aprendizagem (professor/ aluno e aluna).

A ação de planejar de forma participativa também pode dialogar com anseios traçados na BNCC, como podemos constatar nesse trecho descrito no referido documento:

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações (Brasil, 2017, p. 14).

Esse diálogo é ratificado ao se fazer o movimento diagnóstico, no início do Planejamento Participativo, em que o aluno e a aluna terão a oportunidade de se reconhecer em seu contexto histórico. Isso se dará de maneira a que durante o processo se manifeste a necessidade de comunicação para a construção do plano, principalmente, por meio de proposições por parte do aluno e da aluna, o que pode findar em ampliação da colaboração e da participação, indo além de um ato bancário de tentar acumular informações.

O documento norteador tem extrema relevância e é necessário para o caminhar da área, entretanto não é perfeito, nem completo, e em seu bojo observamos muitos pontos a criticar. Assim, devemos utilizar o que for bom e refutar o que não for salutar. O que não podemos nem devemos é aceitar e absorver tudo o que for produzido, sem a devida crítica, pois temos que interpretar, compreender, criticar e refazer, se necessário.

### 2.2.3 Documento Curricular Referencial do Ceará

Para sistematizar os conteúdos, no tocante a esfera Municipal, os(as) professores(as) do Município no qual leciono (Fortaleza) utilizam o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC). No ano de 2023, foi elaborado e publicizado um documento denominado Orientações Gerais para o Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico do Ensino Fundamental e, nesse documento versava-se que

é imprescindível que todos os envolvidos no processo de ensino conheçam e façam uso dos documentos de teor normativo e pedagógico que norteiam a educação, tais como LDB, DCNs, BNCC e o Documento Curricular Referencial do Ceará – DCRC (Fortaleza, 2023, p. 6).

Por conseguinte, como professor da Rede Municipal, tenho a possibilidade de utilizar o DCRC de forma a usufruir desse documento como mais um subsídio para a sistematização dos conteúdos, assim como para auxiliar na assertividade do trabalho pedagógico.

O DCRC foi construído espelhado na BNCC, entretanto, ele incorpora itens que buscam dar clareza maior sobre o objetivo a ser alcançado e, no que tange ao objeto de conhecimento, é acrescido de conteúdos que aprofundam a identidade

cearense (Ceará, 2019).

Nesse documento estão escritas partes que versam sobre o alinhamento dele, quanto ao posicionamento da BNCC. Dessarte, insere a Educação Física no Ensino Fundamental como um componente curricular que tematiza o corpo e as suas práticas corporais. As Unidades temáticas consideradas são: Brincadeiras e jogos; Esportes; Ginástica e Danças e práticas Corporais de Aventura.

Na BNCC, as unidades temáticas estão organizadas conforme a ocorrência social dessas práticas (local, regional, nacional e mundial). Já na DCRC, os objetos de conhecimento têm um caráter bem mais amplo, desejando possibilitar o acesso a uma grande quantidade de conteúdos, posicionando o documento como uma importante fonte para a seleção, organização e sistematização dos conhecimentos escolares (Ceará, 2019).

O DCRC dialoga com o Planejamento Participativo quando no Documento Curricular Referencial do Ceará é citado que a ação educativa norteadada pelo princípio do protagonismo infanto-juvenil, requer agentes situacionais provocadores que a façam vir à tona (Ceará, 2019).

O Planejamento Participativo pode ser o instrumento utilizado para gerar a provocação feita pelo professor ou professora, com o objetivo de convidar o aluno e a aluna para exercerem o seu protagonismo por meio de participação, proposição, idealização, avaliação e novas elaborações quanto ao processo de ensino e aprendizagem.

Esse modelo de planejamento também deve possibilitar um espaço democrático no ambiente escolar, assim como o DCRC possibilita caminhar nessa direção. Dialogando com essa proposição, refletindo sobre o DCRC, Martins *et al* (2023) afirmam que o Documento Curricular Referencial do Ceará deve proteger as aprendizagens essenciais da Educação Física, como também, todas as iniciativas que promovem uma educação republicana e democrática que possam objetivar a justiça social.

Em suma, a LDB, o BNCC, o DCN, o PNE, o DCRC e os PCNs são documentos que regulamentam, orientam e balizam a organização do trabalho pedagógico no componente curricular Educação Física, assim como nos demais componentes curriculares. Esses documentos podem ser utilizados para a elaboração do Planejamento Participativo, no sentido de gerar a ampliação da assertividade, auxiliando na mediação e conseqüente construção dos saberes, que são

historicamente produzidos, culturalmente transmitidos, assimilados e modificados.

## **2.3 O Planejamento Participativo e a Educação Física Escolar**

### **2.3.1 Planejamento Participativo no contexto da Educação Física Escolar**

A Educação Física é, segundo Lino Castelani Filho *et al.* (2009, p. 50), “uma ação pedagógica que no âmbito escolar tematiza formas de atividades expressivas [...] que configuram numa área do conhecimento que podemos chamar de cultura corporal”. Esse componente curricular tem como possibilidade de vivência as práticas corporais inseridas nessa cultura corporal (jogos, lutas, danças, esportes, ginásticas e práticas corporais de aventura).

As vivências das práticas corporais podem ser percebidas de diferentes maneiras pelo(a) aluno(a). Pode ocorrer o sentimento de alegria, de indiferença, de tristeza, de participação ou de dispersão. Essa percepção do aluno e da aluna em relação à aula de Educação Física pode implicar diretamente no resultado da aprendizagem dos saberes mediados nas aulas de Educação Física Escolar.

Em relação a percepção do(a) aluno(a), são fatores que podem instigar ou limitar à aprendizagem e a participação: (1) os métodos didáticos utilizados pelo docente; (2) a conexão ou a falta dela no que tange a relação discente-docente; (3) o espaço físico (estrutura-física) onde está ocorrendo o processo de aprendizagem; (4) a situação econômica das famílias dos discentes; (5) a atuação da gestão escolar; (6) a questão da sistematização de conteúdos (quando o professor organiza e seleciona os conteúdos dentro dos bimestres, mas esses conteúdos não tem relevância para o contexto social do aluno e da aluna); e (7) a maneira centralizada ou descentralizada de elaborar o planejamento.

Ao observar o contexto do desenvolvimento histórico, relacionado ao ensino na Educação Física, verifica-se que as ações pedagógicas já foram permeadas, e em alguns casos ainda são, por métodos de ensino nos quais o(a) professor(a) instrui o(a) aluno(a) na realização de uma determinada ação corporal e os(as) alunos(as) realizam as ações motoras, sem reflexão referente ao porquê de estarem fazendo aquele movimento. Isso somado ao fato de não ocorrer a preocupação com o estudo do contexto histórico da vivência realizada. Tais práticas não corroboram com o desenvolvimento integral do(a) aluno(a), nem com o agir para



motivar e conscientizar o(a) aluno(o) quanto aos signos de cada ação motora realizada.

Essa prática é constatada na tendência tecnicista ligada ao ensino do esporte. Neira (2009) lembra sobre o predomínio da temática esportiva nas aulas de Educação Física Escolar, aulas que são conduzidas de forma diretiva, cujo objetivo é formar um caráter obediente e não contestador.

É necessário ir de encontro à prática descrita anteriormente, visto que as práticas educativas deveriam possibilitar a oportunidade do(a) aluno(a) estar participando do processo de aprendizagem, sendo considerado, dentro do processo, como um sujeito que pode e deve ser parceiro(a) do docente em etapas cruciais do ensino e da aprendizagem, como por exemplo, contribuir com o planejamento docente, visto que um(a) aluno(a) protagonista, coparticipante, pode estar mais estimulado(a) a envolver-se nas aulas.

Ao se discutir sobre planejamento é válido refletir sobre alguns conceitos e entendimentos relacionados ao movimento de planejar. A ação de planejar é um processo que está inserido no nosso cotidiano. Planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto. O processo de planejar só tem sentido se o sujeito se coloca na perspectiva de mudança. De acordo com Vasconcelos (2006), planejamento é se comprometer com a concretização daquilo que foi elaborado enquanto plano.

No agir para provocar a mudança, as pessoas fazem planejamento em suas vidas desde o momento em que acordam, quando pensam na roupa que irão para o trabalho, no caminho que realizarão para chegar até o local do labor e quais metas terão de atingir naquele dia etc. Quanto a necessidade de planejar presente na vida do ser humano, Gandin (2001, p. 83) afirma que “o ser humano sempre está ensaiando processos para transformar suas ideias em realidade e, mesmo não sendo consciente e não sendo eficaz, ele busca divisar o futuro, analisar a realidade e propor ações para transformá-la”.

O ser humano chega a planejar até na hora de dormir, onde estipula metas para o dia seguinte, visualizando as horas em que deve acordar etc., ou seja, a ação de estabelecer metas e pensar sobre as atitudes que serão implementadas (planejamento) é um processo que está introjetado em nossos caminhos, fazendo parte da nossa vida pessoal, assim como da vida profissional.

No exercício da docência, o planejamento é parte essencial no êxito do

processo de ensino e aprendizagem, visto que sua realização, de maneira bem elaborada e direcionada, auxilia o professor e a professora na tematização assertiva dos conteúdos, na concretude dos objetivos, na sistematização dos conteúdos, na escolha das metodologias de ensino, na seleção do processo de avaliação que será realizada, enfim, o ato de planejar é crucial para a ação pedagógica do docente.

O(a) professor(a) deve se colocar como sujeito do processo educativo, desejoso em mudar a realidade, apto a querer atingir resultados, para atingir uma ação pedagógica assertiva que possibilite uma participação mais ativa dos(as) alunos(as) no processo de aprendizagem. Para que isso ocorra é necessária uma dedicação amplificada do docente quanto ao processo do planejamento. O empenho assertivo no ato de planejar depende antes de mais nada, do quanto se crê ser importante e relevante o processo de planejar.

Ao acreditar no compromisso do planejamento e sua possível benesse para o ato educacional, o(a) professor(a) deve perceber que o planejamento sofre influência de vários elementos constitutivos. Entre eles estão a formação docente, os documentos norteadores, o acesso aos diversos recursos didáticos para a plena eficiência na ação pedagógica, os recursos disponíveis, o público que irá elaborar, o público que irá ser impactado etc.

Para que um planejamento seja efetivo, devemos observar a influências desses elementos e nos nortear pelos documentos balizadores da Educação no Brasil. Dentre esses documentos podemos citar os que foram resenhados no capítulo dois dessa dissertação e outros: Constituição Federal (1990); Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB); Orientações Curriculares; Parâmetro Curricular Nacional (PCN); Base Nacional Comum Curricular (BNCC); e os documentos localmente estabelecidos, para o professor do município de Fortaleza, o Documento Curricular Referencial do Ceará (DCRC).

A formação docente também é um ponto a ser explorado quando falamos em planejamento, pois, uma boa formação de base, que instigue um trabalho inovador, crítico, eficaz e transformador, pode ajudar no momento da elaboração do planejamento. Imbricado com a formação de base também deve estar a formação continuada, pois nesse espaço, de acordo com Cruz Junior *et al.* (2014), os(as) professores(as) podem trocar as experiências acumuladas ao longo do tempo e, desse modo, um(a) professor(a) pode ajudar o(a) outro(a). Nessa toada, as formações continuadas que busquei me impulsionam para um planejamento comprometido com

a escuta ativa dos participantes do processo de ensino.

Além dos elementos supracitados, temos também a questão do recurso didático, visto que uma escola que possua uma quantidade considerável de recursos didáticos pode propiciar uma gama maior de opções para a ação pedagógica do docente. Sebastião e Freire (2009) afirmam que “na Educação Física, os recursos didáticos merecem uma atenção destacada diante das especificidades existentes”. Com esses elementos disponíveis, o planejamento pode ter uma maior efetividade, quanto a sua aplicabilidade assertiva.

O ato de planejar exige também a inserção da reflexão, do pensar profundo, da meditação sobre sua ação pedagógica (ação docente). A ação reflexiva, segundo Vasconcelos (2006, p. 11), “é uma mediação no processo da transformação”. Para ocorrer a transformação desejada no espaço escolar e no meio social é imperativo o emergir do cenário relacionado a ação pedagógica e, assim, decodificar a realidade e posteriormente agir para mudar o contexto. A reflexão ajuda a despertar o sujeito, capacitando-o para uma nova intencionalidade.

O planejamento está imbricado na reflexão, devendo fazer sentido para quem vai elaborar e executar. Entretanto, ainda observamos professores(as) que colocam muitos obstáculos para sua plena realização, quiçá para a elaboração de um Planejamento Participativo.

O planejamento deve ser flexível, visto que o cenário pode ser modificado. Como exemplo podemos citar o caso de ocorrer uma reforma da quadra onde o(a) professor(a) trabalha. Essa situação deve interferir e exigir algumas adaptações no planejamento realizado. Sobre as ações de diagnosticar e de avaliar o contexto de atuação laboral, Zabala (1998, p.10) afirma que “os docentes, independentemente do nível em que trabalhem, são profissionais que devem diagnosticar o contexto de trabalho, tomar decisões, atuar e avaliar a pertinência das atuações, a fim de reconduzi-las no sentido adequado”. É necessário fazer constantemente o processo avaliativo sobre a implementação do planejamento, para que ele possa ampliar a possibilidade de resultados positivos.

Nascimento (2020, p. 47) entende “ser necessário uma reflexão permanente dos professores para estruturar seus planos de aulas levando em consideração as necessidades, a realidade e as expectativas dos estudantes com as aulas”. Como professores, devemos olhar o(a) aluno(a) como personagem central do processo de ensino e aprendizagem e temos a missão de ouvi-lo(a) para ter escolhas

pedagógicas mais efetivas.

A falta do planejamento ou sua elaboração inadequada, sem levar em consideração a voz de quem será diretamente beneficiado ou afetado com esse processo, no caso o(a) aluno(a), poderá resultar em uma ação pedagógica com grandes lacunas, que podem impedir o professor(a) de atingir os objetivos propostos, o que por sua vez pode gerar desinteresse e indisciplina nos alunos, findando em falta de participação, afastamento das aulas e até uma possível evasão escolar. O planejamento não pode ser uma mera questão formal, tecnicista e burocrática, o planejamento deve ser levado a sério pelo docente.

O professor deve se afastar de uma perspectiva tecnicista de planejamento, uma perspectiva que toma o ensino apenas como desdobramentos de ações meramente instrumentais e, portanto, técnicas, restritas à aplicação de recursos. Ele deve se afastar de um planejamento e de um processo de ensino que resultem num produto reprodutivista e sem amplitude (Januário; Gariglio, 2022).

Nesse sentido, é válido rememorar que o processo de planejar não deve ocorrer somente no começo do ano, ele deve ser realizado e revisitado durante todo o período letivo, visto que o cenário escolar vai sofrendo mudanças no decorrer desse período. O planejamento também é uma questão política, pois envolve posicionamentos, opções, jogos de poder, compromisso com reprodução ou transformação.

Mais um engano que tem ocorrido na confecção do planejamento é sua construção ocorrer de forma isolada pelo professor. Como resultado ou causa desta atitude temos um isolamento que faz com que cada um trabalhe por si só sem que se construa um projeto coletivo de escola, de educação e de formação. (Sayão; Muniz, 2004, p. 188)

Desse modo, é vital pensarmos em processos coletivos que impliquem na construção do planejamento, com o afã de aplicá-lo com exatidão. O planejamento pode ser feito de forma individual (tendo apenas o professor como o autor), de maneira ampliada (professores e coordenadores pedagógicos), e ainda de forma coletiva, incluindo todos os atores citados anteriormente mais os(as) aluno(as), sendo, neste caso, o processo designado de Planejamento Participativo.

Esse processo, poderá ser uma das soluções para o êxito da ação pedagógica, visto que a participação do(a) aluno(a) no processo do planejamento ajuda o professor a extrair as temáticas, os objetivos, as metodologias e as formas de

avaliar que potencializam a participação dos(as) alunos(as) nas aulas ministradas.

Os(as) alunos(as) são colocados como aliados dos(as) professores(as), eles assumem o papel de coparticipantes do processo de ensino e aprendizagem e, dessa maneira, podem colaborar na produção do planejamento (plano aula, mensal, bimestral, semestral ou anual), na seleção dos objetivos que devem ser atingidos, na verificação de quais métodos de ensino são mais propícios e na seleção das formas de avaliação mais desejadas.

Todo esse processo deve possibilitar uma introspecção do sentimento de pertencimento por parte do aluno(a) em relação ao processo de ensino e aprendizagem, e, nesse sentido, o aluno e a aluna deverão constatar que ele e ela estão sendo ouvidos no tocante a organização do processo educativo, o que pode resultar em maior participação nas aulas de Educação Física Escolar e, conseqüentemente, na formação crítica e emancipada do(a) aluno(a).

De acordo com Nascimento (2020), o planejamento participativo é uma oportunidade que o(a) professor(a) pode utilizar no intuito de ampliar o envolvimento e aumentar a motivação dos discentes. Urge a necessidade de construirmos diversas estratégias para atingir esse objetivo, nesse modelo de planejar (Planejamento Participativo) o planejamento é entendido como um instrumento de organização no processo de ensino e aprendizagem, em que o poder é descentralizado e o(a) aluno(a) se sente parte do processo educacional (Gandim, 2001 *apud* Nascimento, 2020).

Para o planejamento ocorrer o(a) docente deve ofertar e estimular a participação discente em todo o processo. Como citado anteriormente, o professor deve dividir o poder de escolha com os alunos e as alunas. Esse ato deve ser visto como uma oportunidade para a produção de práticas pedagógicas inovadoras/renovadoras nas aulas de Educação Física (Farias *et al.*, 2019). Essas práticas devem ter um cunho democrático, instigando a ampla participação e tendo como resultado o desenvolvimento pessoal, coletivo e comunitário. O Planejamento Participativo, portanto, potencializa as experiências educativas pautadas em princípios democráticos, visto que todas e todos os/as sujeitos(as) que participam do processo educativo se envolvem efetivamente com as escolhas realizadas nos projetos que formulam (Falkembach, 2008).

Para fazer todo esse cenário ser efetivado são necessárias estratégias metodológicas que unam os participantes do processo de ensino e aprendizagem para os mesmos objetivos: a construção de saberes; o desenvolver da criticidade; e o atuar

para modificar a sociedade que vivemos. Nesse contexto, a estratégia do Planejamento Participativo é valorosa pois pode e deve propiciar a escuta do som de uma voz, quer dizer, a escuta do som de várias vozes que podem fazer um trabalho coletivo que tenha impactos na comunidade escolar e nos espaços fora da escola.

### 2.3.2 O Planejamento Participativo como uma possibilidade para uma ação pedagógica mais democrática

O Planejamento Participativo é um processo que envolve a participação ativa de todos os membros de uma comunidade educacional, sendo eles professores, alunos, pais e outros membros da comunidade. O objetivo é criar um ambiente de aprendizado mais democrático e inclusivo. Ao propor um Planejamento Participativo voltado para uma ação pedagógica mais democrática, deseja-se criar situações de ensino e aprendizagem em que sejam instigadas a colaboração, a escuta ativa, as proposições e as construções dos saberes realizadas de forma coletiva, envolvendo o professor, as alunas e os alunos.

Os professores e as professoras de Educação Física devem organizar suas aulas levando em consideração o Planejamento Participativo, eles e elas devem proporcionar um espaço democrático, onde os educandos e as educandas participem da escolha dos temas, dos tipos de avaliação, dos objetivos e dos demais elementos do processo de ensino e aprendizagem (Silva, 2020). O anseio descrito anteriormente deve resultar na construção de uma sociedade que está imbricada a valores e ideais democráticos.

Essa perspectiva democrática vai no sentido contrário a perspectiva apresentada por alguns currículos escolares, que, na verdade, contribuem para uma formação semelhante a que tive nos tempos de aluno (tradicional e tecnicista), imbuído de uma perspectiva neoliberal, a qual tem sido cada vez mais presente. No entanto, como afirma Freire (1987), podemos aproveitar a estrutura capitalista para fazermos um trabalho docente democrático.

Como professor, constato a necessidade do uso de metodologias e ações pedagógicas que possibilitem reflexão e atitudes transformadoras em relação ao conteúdo, às avaliações, à metodologia, assim como aos demais elementos do processo de ensino e aprendizagem. Isso exige uma atitude de interesse do professor(a) em conhecer o(a) aluno(a), em saber seu contexto de vida, em perceber

a forma de aprender do(a) aluno(a), sua questão epistemológica, e em ouvir os saberes que o aluno e a aluna trazem consigo.

É necessário dialogar com o(a) aluno(a) sobre o que ele(a) está fazendo na escola. O(A) aluno(a) deve perceber que não está nesse espaço apenas por uma obrigação imposta pela família ou uma obrigação advinda de normas jurídicas, mas que a aprendizagem dos saberes mediados no espaço escolar poderá possibilitar a ascensão intelectual, cognitiva, afetiva e social dele(a).

Enfatizo novamente que é importante ouvir o(a) aluno(a), pois como afirmam Venâncio e Sanches Neto (2022, p. 6), “a pesquisa realizada com os(as) próprios(as) alunos(as) da educação básica têm o potencial de aprofundar a criticidade compartilhada por suas vozes e experiências”.

Como fruto da escuta do professor em relação aos alunos e às alunas, temos a possibilidade de compreender mais detalhadamente a relação do(a) aluno(a) com os saberes, assim somos capazes de desvelar o modo como o professor obterá um melhor êxito na formação de um(a) aluno(a) crítico e leitor(a) da realidade social, visto que o professor e a professora perceberão um sujeito no aluno, ao invés de uma tábula rasa.

É necessário problematizar o objeto de conhecimento, fazer questionamentos que imputem na relação do conteúdo com variáveis ligadas ao cotidiano, de tal modo que o(a) aluno(a) possa, a partir disso, falar, propor, expor seu pensamento, estabelecer significado para aquele saber que está sendo mediado e, nessa perspectiva, participar da ação pedagógica de forma ativa, não só respondendo e refletindo as indagações, mas transformando e ressignificando os objetos de conhecimento, sua escola e, quiçá, sua comunidade.

Para que todas as ações citadas anteriormente possam ocorrer com assertividade, o Planejamento Participativo pode ser inserido, como processo inicial, com o objetivo de verificar os saberes que o(a) aluno(a) traz consigo, dar voz ao(a) aluno(a) e inseri-lo(a) como coparticipante da organização das ações pedagógicas. Por conseguinte, esse modelo metodológico pode ser selecionado como estratégia no sentido de trabalhar o ato educacional numa perspectiva democrática.

Além disso, essa metodologia pode ser vista como uma estratégia que permite à comunidade escolar ir ao encontro da práxis, assim como, o agir no espaço escolar, potencializando dessa maneira experiências educativas pautadas em princípios democráticos (Falkembach, 2008). Ao aderimos ao Planejamento Participativo, podemos facilitar situações pedagógicas em que se favoreça a interação

entre os saberes da cultura corporal e os(as) alunos(as) (Farias *et al.*, 2019).



### 3 PERCURSO INVESTIGATIVO

#### 3.1 Universo da pesquisa

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Soares de Souza, que fica localizada na rua Costa Freire, bairro Vila Pery, no município de Fortaleza, estado do Ceará. O estabelecimento de ensino foi fundado em 1995, e atualmente oferta vagas para alunas e alunos do 4º ao 9º ano e para turmas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), níveis I e II. Funciona nos turnos manhã, tarde e noite. Atualmente, a escola possui três turmas de 4º ano, quatro turmas de 5º ano, quatro turmas de 6º ano, quatro turmas de 7º ano, quatro turmas de 8º ano e quatro turmas de 9º ano. Tendo 835 alunos(as) no total.

Os(as) alunos(as) dessa escola são em sua maioria pertencentes a famílias de classe trabalhadora. Isso é ratificado no Projeto Político Pedagógico da escola, onde é informado que “50% dos alunos dependem do bolsa família, ou do auxílio do Benefício de Prestação Continuada, garantidos pelo Governo à pessoa com deficiência (público-alvo do AEE), que ajuda nas despesas de casa” (E.M.E.F RAIMUNDO SOARES DE SOUSA, 2017, p. 3). Nesse mesmo documento, é destacada a concepção da Escola Raimundo Soares quanto a dimensão educação, cuja idealização está atrelada ao construtivismo, se distanciando da maneira tradicional de ensino.

O processo educacional deve contemplar um tipo de ensino e aprendizagem que ultrapasse a mera reprodução de saberes cristalizados e desemboque em um processo de produção e de construção do conhecimento, possibilitando que “o cidadão se torne crítico e que exerça a sua cidadania, refletindo sobre as questões sociais e buscando alternativas de superação da realidade” (E.M.E.F RAIMUNDO SOARES DE SOUSA, 2017, p. 10).

Nesse sentido, o ato de realizar um Planejamento Participativo está imbricado nos movimentos a serem feitos para a tentativa de auxiliar na formação desse(a) aluno(a) crítico(a), ativo(a) e transformador(a) da sua realidade social, visto que a participação do(a) aluno(a) nesse processo do planejamento estimula a reflexão sobre a origem dos saberes, estimula o desvelar da sua realidade social e impulsiona o aluno e a aluna para o agir, no sentido de transformarem a sua realidade.

A partir do Planejamento Participativo, foi possível a idealização e

implementação de temáticas que possibilitassem a conexão entre o conteúdo e a realidade social vivida pelo(a) aluno(a). Por conseguinte, o Planejamento Participativo é considerado uma estratégia metodológica que possibilita a convergência entre o refletir e o agir no espaço escolar. Essa reflexão vai além da seleção de conteúdos, visto que atinge também a escolha das formas de avaliação.

Assim, o Planejamento Participativo potencializa experiências educativas pautadas em princípios democráticos, já que toda a comunidade escolar que participa do processo educativo se envolve efetivamente com as escolhas realizadas nos projetos que elaborou (Falkembach, 2008).

### **3.2 Participantes**

O público-alvo da pesquisa é composto por 36 alunos(as), sendo 15 meninos e 21 meninas, que fazem parte de uma turma de 6º ano, no turno da manhã, com a faixa etária entre 11 e 12 anos de idade. Os(as) alunos(as) são provenientes de bairros que ficam nas proximidades da escola: Vila Pery; Vila Manoel Sátiro; Joao XXIII; e Maraponga. A expressiva maioria dos(as) alunos(as) se deslocam a pé até o espaço escolar.

### **3.3 Materiais e Métodos**

A pesquisa é do tipo qualitativa, em que, segundo Silva (1996), se é enfatizada a compreensão da singularidade e da contextualidade de fatos e eventos. Esse método, objetiva examinar o mundo conforme ele é experienciado, compreendendo o comportamento humano a partir do que cada pessoa ou pequeno grupo de pessoas pensam ser a realidade. A pesquisa qualitativa utiliza métodos que produzem dados descritivos, o que possibilita ao pesquisador ver o mundo como os sujeitos pesquisados visualizam (Silva, 1996).

Nos métodos qualitativos, o pesquisador está necessariamente inserido na vida dos sujeitos, visto que seus procedimentos de pesquisa se baseiam em conversar, ouvir, permitir a expressão livre dos interlocutores e, nisso, fica estabelecida uma maior aproximação entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados (Silva, 1996). A pesquisa do tipo qualitativa favorece a subjetividade do pesquisador e dos que estão participando da pesquisa, fazendo-os parte do processo da pesquisa.

Segundo Uwe Flick (2009), a pesquisa do tipo qualitativa permite que as reflexões dos pesquisadores sobre suas atitudes, suas observações em campo, suas impressões pessoais, suas irritações, seus sentimentos etc., tornam-se dados em si mesmos, constituindo parte da interpretação, a partir do que será registrado no diário de bordo do pesquisador.

De acordo com Gil (2021, p. 16)

diferentemente do que ocorre na pesquisa quantitativa, em que se parte de hipóteses deduzidas de um arcabouço teórico, na pesquisa qualitativa o pesquisador procede pela via indutiva, coletando dados mediante entrevistas, observações e análise documental com o propósito de estabelecer categorias, hipóteses e teorias.

No tocante aos instrumentos utilizados para a construção dos dados, foram utilizados o questionário, o diário de bordo, e a ficha de observação. O questionário foi utilizado no início da elaboração do Planejamento Participativo. Já o diário de bordo foi usado desde o primeiro dia de aula até o último, e a ficha de observação foi utilizada durante a implementação do Planejamento Participativo.

No tocante ao questionário, Marconi e Lakatos (2022, p. 218) afirmam que “é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas”. Com esse instrumento foi verificada a relevância que o aluno(a) dá ao Planejamento Participativo, as experiências prévias dos(as) alunos(as) relacionadas às aulas de Educação Física Escolar e, por conseguinte, foram observados quais os conteúdos que os(as) alunos(as) mais desejavam estudar durante o ano letivo de 2023. Com a utilização do questionário também captamos a percepção do(a) aluno(a) quanto ao potencial da Educação Física em auxiliar no desenvolvimento cognitivo, físico, emocional e social.

Quanto ao diário de bordo, Oliveira *et al.* (2017), reflete sobre a oportunidade que o instrumento gera, quanto ao registro de todas as descobertas realizadas ao longo da pesquisa. Durante o percurso investigativo, é relevante a captação de todos os dados, com o máximo de detalhes possível, pois assim, a quantidade de dados a analisar será maior e mais próxima da realidade.

Foi com esse intuito (dar mais subsídios para a interpretação dos dados coletados) que o instrumento do diário de bordo foi utilizado. Através dele foram captados muitos detalhes referentes a fala dos alunos e das alunas, suas colocações, proposições, diálogos e discussões, o que ampliou o arcabouço de dados para uma

maior assertividade no desenvolvimento desse estudo.

No tocante a ficha de observação, tinha-se por objetivo verificar a participação dos alunos durante as tematizações possibilitadas. Os itens avaliados eram: (1) presença, (2) questionamento, (3) interação ao ser questionado, (4) participação da vivência, (5) cooperação com os colegas e (6) se fez proposições durante à aula. As fichas eram utilizadas no final da aula, onde se avaliava a participação referente aos itens descritos acima. Era inserido uma nota de 1 a 5. Sendo que a nota 1 indicava baixa participação e a nota 5 alta participação no item descrito.

### **3.4 Método**

O método aplicado foi a Pesquisa Participante, pois essa metodologia contribui para a construção coletiva, envolvendo o(a) professor(a) e os(as) alunos(as). De acordo com Velloso *et al.* (2022, p. 5) “as pesquisas participantes inspiradas em intervenções didático-pedagógicas na Educação Física Escolar possibilitam uma íntima relação entre pesquisador e sujeitos do estudo”. Essa proximidade cooperativa entre o professor(a) e o(a) aluno(a) deve findar numa situação de ensino e aprendizagem mais colaborativa e assertiva, no afã de auxiliar no desenvolvimento do(a) cidadão(a).

No contexto descrito acima, o(a) investigador(a) que conduz a pesquisa é responsável por fazer intervenções pedagógicas e gerar informações, o que permite a produção científica do contexto investigado. Caracterizando essa metodologia de pesquisa, Velloso *et al.* (2022, p.05) afirmam que “esse tipo de pesquisa é como uma investigação ou atividade que integra e combina análise social, trabalho educacional e ação”. Esses procedimentos são voltados para uma prática robusta, qualificada, transformadora e inovadora. Brandão (2006) e Haguette (1987) afirmam que a origem da Pesquisa Participante tem como pressupostos o questionamento de princípios adotados pela ciência tradicional e a defesa de um modo de investigar comprometido com a mudança ou o desenvolvimento social.

O processo é o de construir juntos com os(as) alunos(as) ações que resultem em melhorias para os(as) envolvidos(as), advindos(as) de classe menos favorecidas, ou seja, as ações implementadas na Pesquisa Participante buscam ir além da compreensão do sujeito, desejando fazer com que os participantes sejam

construtores da sua própria história, transformadores do meio social no qual estão inseridos, passando do estado de reificação para o de sujeito transformador.

Outro método utilizado na pesquisa, foi a Análise Documental. Por intermédio dessa metodologia, foi elaborado um capítulo que tratou sobre as legislações que subsidiam as orientações curriculares no contexto nacional e municipal. Com a Análise Documental, buscou-se informações concretas dos diversos documentos selecionados como *corpus* da pesquisa (Lima Junior *et al.*, 2023). As informações captadas nos documentos serviram como mais um subsídio para o embasamento da elaboração do Planejamento Participativo.

### **3.5 Procedimentos para a construção de dados**

A construção de dados ocorreu mediante à aplicação do questionário aos(as) alunos(as), sendo que dos 31 participantes que responderam ao questionário, um tinha dificuldade para interpretar as perguntas e, desse modo precisei auxiliar o aluno, com interpretações sobre as perguntas no questionário. Três alunos(as) não estavam presentes no dia da aplicação do questionário e, outros dois, estavam presentes, mas não quiseram responder questionário.

Sobre os(as) estudantes faltosos, infelizmente alguns alunos têm um índice de falta elevado, o que acaba prejudicando muito a sua aprendizagem. A escola até tem um sistema de busca ativa, contudo alguns alunos continuam faltando nas aulas. Quanto aos dois alunos que não quiseram responder, obtive a seguinte resposta deles, sobre o motivo de não querer responder o questionário: “Não quero, não desejo responder”. Como minha atuação estava apenas começando na escola, ainda não tinha uma relação mais aproximada com os alunos e as alunas, imagino que por isso, esses alunos que não quiseram responder o questionário. Com o passar do tempo, eles(as) participaram das outras atividades e, suas escolhas e proposições também estão inseridas aqui e colaboraram na elaboração desse estudo.

A pesquisa foi empreendida durante o período letivo do ano de 2023, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Raimundo Soares de Souza, com turmas do 6º ano. O procedimento para coletar os dados ocorreu ao longo de cinco aulas.

Num primeiro momento, sensibilizei os(as) alunos(as), relatando sobre o teor da pesquisa, dos objetivos, dos benefícios que todos teriam ao participarem da pesquisa, a sua justificativa, relevância e necessidade. Num segundo momento,

refletimos sobre o conceito de Educação Física e o motivo desse componente curricular estar na escola. Essa reflexão foi dialogada, em que o aluno e a aluna se colocavam, expressando suas posições a respeito da temática abordada. Num terceiro momento, organizamos uma pesquisa em grupo com o intuito de investigar os conteúdos que podem ser implementadas nas aulas de Educação Física. Num quarto momento, os alunos apresentaram essas possibilidades. Já, num quinto momento, foi aplicado o questionário, e no sexto momento foi mostrado para os(as) alunos(as) os resultados obtidos através da resposta inseridas no questionário.

A construção do Planejamento Participativo foi além da escolha de conteúdos, visto que foi dialogada com os alunos e as alunas, ela abrangeu a questão das formas de avaliar que escolheríamos para verificar a aprendizagem. Assim como durante as atividades foi dialogado sobre quais métodos de ensino os alunos e as alunas desejavam que fossem aplicados nas aulas.

Num último momento, foi apresentado aos alunos e às alunas o plano anual, fruto do Planejamento Participativo. Em fase posterior iniciou-se a implementação do plano.

### **3.6 Procedimentos para a análise de dados**

Para analisar os dados foi utilizada a análise temática, que segundo Câmara (2013), é um conjunto de técnicas que objetiva a inferência de conhecimentos conectados às condições de produção das mensagens. Esse modelo de análise é dividido em três fases: pré-análise; exploração do material; e tratamento dos resultados (inferência e interpretação).

Na primeira fase, a pré-análise pode ser descrita como um esquema de trabalho bem definido, embora flexíveis (Câmara, 2013). Com os dados já coletados, vem a segunda fase, sendo necessário a escolha de categorias para a organização dos dados, que surgirão das questões norteadoras (Câmara, 2013). Na terceira fase, ocorre o tratamento dos dados, a partir dos quais o pesquisador fará as inferências e as interpretações. As etapas descritas acima, foram realizadas, posteriormente, utilizado também o software *Excel*, que possibilitou a formação de categorias de análise para que os dados fossem tabulados com mais precisão e detalhamento, permitindo uma maior fidedignidade em relação a construção e interpretação dos dados.

### **3.7 Aspectos Éticos**

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará (UFC) e cadastrada na Plataforma Brasil sob o nº 68328723.3.0000.5054, cujo parecer de aprovação é de nº 6.024.593, datado de 26 de abril de 2023. Foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por parte do(a) responsável pelo(a) aluno(a), assim como foi assinado pelo(a) aluno(a) o Termo de Assentimento Livre e esclarecido.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Os resultados foram organizados em tópicos, no afã de dar mais sentido aos achados. No tópico 4.1, são descritos os resultados referentes à participação dos alunos e alunas desde a etapa que compreende a sensibilização até a organização e escrita do planejamento. No tópico 4.2, é descrita a questão dos desdobramentos ocorridos em relação aos alunos/alunas e professor no tocante a implementação do Planejamento Participativo. E no tópico 4.3, são descritas as ações que favoreceram a elaboração e a implementação do Planejamento Participativo, assim como, foram inseridos os fatores limitantes e desafiadores para a elaboração e a utilização do Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física.

### **4.1 Construindo o contexto do Planejamento Participativo**

No intuito de analisar os impactos do Planejamento Participativo no interesse dos estudantes nas aulas de Educação Física, numa turma de 6º ano do Ensino Fundamental, foi construído um percurso com várias etapas: sensibilização dos alunos e alunas; pesquisa e apresentações feitas pelos(as) alunos(as); respostas aos questionários; atividades diagnósticas para dialogarmos sobre formas de avaliação, metodologia de ensino e objetivos a atingir; elaboração do planejamento anual; e implementação do plano anual.

No que tange à sensibilização dos alunos e das alunas, Collier (2014) afirma que é necessário promover essa sensibilização, no afã de despertá-los, para que eles e elas expressem suas opiniões e vejam suas ideias sendo valorizadas.

Ao trabalhar nessa perspectiva, tinha o entendimento que o planejamento não é apenas uma simples junção de planos de aulas ou descrição de atividades a serem desenvolvidas. Ele precisa ser construído e vivenciado por todos e todas, completamente inseridos(as) no processo de ensino e aprendizagem, para se fazer verdadeiramente participativo.

Nessa direção, foram construídas situações de diálogos, em que escrevi na lousa, títulos relacionados ao tema que queríamos refletir, como por exemplo avaliação. Após essa ação, perguntava aos alunos e as alunas quais formas de avaliar eles e elas já tiveram a oportunidade de participar. Posteriormente, eu trazia um texto sobre formas de avaliar e realizávamos leitura e escuta coletiva, no sentido de



interpretar, criticar e selecionar as formas de avaliar que se adequavam à nossa realidade escolar. Cada aluno e aluna poderia emitir sua fala, interpretação e proposição.

Nosso diálogo seguia na direção que foi descrita anteriormente. Como sugerem Farias *et al.* (2019), ao iniciar o ano escolar, nos primeiros contatos com os alunos e as alunas, é necessário criar estratégias para que eles e elas possam participar efetivamente do que será planejado para o respectivo ano letivo. Assim, uma das estratégias utilizadas para ampliar a participação dos alunos e das alunas foi o diálogo reflexivo.

Nesse sentido, fiz um movimento de inserir momentos de diálogos, nas primeiras aulas. Esse instrumento visou facilitar a conexão entre o conteúdo e a explicação da realidade social concreta, além de oferecer subsídios para a compreensão dos determinantes sócio-históricos que estruturam a formação dos alunos (Januário; Gariglio, 2022).

Os alunos e as alunas inicialmente mostraram um grande entusiasmo para participar, entretanto, ao serem convidados a se colocarem, a darem suas proposições, no princípio manifestaram uma resistência, pois afirmavam que eram tímidos e não queriam falar na frente dos demais alunos e alunas.

A dificuldade de criar um ambiente onde o(a) aluno(a) mostre motivação para falar ou se colocar, também foi encontrada por Souza e Freire (2008), que relatam que inicialmente os alunos e as alunas mostraram resistência em saírem da rotina, mas no avançar do tempo eles e elas foram compreendendo o processo e passando a colaborar mais com o Planejamento Participativo.

Em seu estudo, Silva (2020) afirma que é um desafio desenvolver o Planejamento Participativo juntamente com os alunos e as alunas, pois eles e elas sempre tiveram pessoas para darem comandos e ao terem a possibilidade de realizar escolhas, não sabiam o que esse processo significava, já que até aquele momento não estavam inseridos(as) num ambiente democrático.

Outros(as) alunos e alunas já tinham uma atitude mais ativa, tanto em fazer proposições quanto contribuições. Ocorreram situações nas quais alguns alunos falavam, na hora do diálogo. Entretanto, eram falas com brincadeiras desconexas com o teor da aula, o que atrapalhava o propósito da ação pedagógica.

Nesse período também refletimos sobre o conceito de educação física. Postura que possibilitou com que os alunos e as alunas comessem a compreender

que Educação Física é muito mais do que apenas jogar bola. Dialogamos sobre a possibilidade de jogar futebol, mas além da ação de jogar, refletimos sobre questões que auxiliavam a desvelar o contexto vivido em nosso país. Tais indagações foram: o porquê somos o “país do futebol”? Por que a mídia potencializa tanto o futebol e relega o huka-huka (luta indígena)? Ao trabalhar nessa perspectiva da problematização, segundo Hirai e Cardoso (2008), os professores e professoras geram um desafio para o(a) aluno(a), estimulando-os(as) a refletirem sobre determinado problema.

Nesse aspecto, o(a) professor(a) deve entender as percepções do aluno e da aluna, e, a partir delas, deitar novos olhares sobre as indagações feitas. Isso pode ajudar a compreender os interesses dos(as) alunos(as).

Nos momentos de diálogo, também refletimos sobre alguns detalhes referentes a minha vida profissional: as metodologias que costumava utilizar durante as aulas – que já buscavam ampliar a participação dos alunos e das alunas; e os possíveis objetivos (que ainda iriam ser decididos junto com os alunos e alunas) que desejava atingir com essa turma do 6º ano.

Para conhecer melhor a turma, indaguei a turma a respeito do nome deles e quais eram as expectativas referentes à aula de Educação Física. Perguntei também se já estudavam na Escola Raimundo Soares no ano anterior ou se estavam entrando a partir desse ano. Diante disso, constatei que cerca de 20% dos alunos estavam vindo de outras escolas e o restante já estudavam juntos.

Esses momentos foram extremamente relevantes para mim, visto que naquele período, era o momento em que ocorriam as minhas primeiras semanas como professor na escola e, conseqüentemente, na turma. Dessa forma, eu era literalmente um novato na Escola Raimundo Soares de Souza.

Continuando os momentos de diálogos, expliquei para os(as) alunos(as) que desejava a colaboração deles para que escolhêssemos juntos os conteúdos e as formas de avaliar, ou seja, que o planejamento fosse descentralizado e que os alunos e as alunas tivessem sua voz inserida nas decisões que implicassem nas ações pedagógicas.

Para concretizar essa ideia, disse que iria aplicar um questionário com perguntas fechadas e abertas, mas que também estaríamos sempre dialogando, no intuito de construirmos juntos os processos de ensino e aprendizagem.

A ação de dialogar ocupa um lugar central no processo de ensino e aprendizagem, visto que nesse processo tem-se a oportunidade de se trocar ideias,

assim como gerar um ambiente instigante para o(a) aluno(a), possibilitando a satisfação pessoal (Hooks, 2019).

Ao tentar fazer esse diálogo, um dos alunos questionou: “Quando vamos pra quadra?” O aluno disse que ele e os seus colegas queriam ir para a quadra, pois queriam jogar futebol. Desse modo, posteriormente falei: “A nossa aula não seria desse jeito, apenas bola.”

A situação descrita acima explicita uma cultura presente nessa escola e, na quase totalidade de alunos e alunas dessa turma, onde a percepção é de que a aula de Educação Física é apenas composta pelo fazer, não podendo, nem devendo existir um momento de refletir sobre o fazer.

Esse cenário encontrado por mim é semelhante ao ambiente encontrado por outros professores, durante suas ações pedagógicas, como afirmam Farias *et al.* (2019), num dos relatos de experiências que foram descritos no seu estudo, o grupo afirma que

o cenário encontrado pelo professor era de alunos e alunas que não tinham oportunidade de discutir, refletir, e buscar se aprofundar sobre os conteúdos tematizados [...] visto que o objetivo das aulas anteriormente a chegada do professor, era apenas colocar as crianças em movimento”. (Farias *et al.* 2019, p. 8)

Esse contexto foi exatamente que constatei junto aos alunos e alunas que participaram dessa pesquisa.

Na segunda e terceira aula refletimos sobre o ato de planejar: O que é?; Para que serve?; Como é feito? Inicialmente, os alunos e as alunas não responderam as indagações, estavam bastantes tímidos. As respostas eram bem simples e mostravam que eles e elas ainda não tinham conhecimentos mais aprofundados sobre a temática do planejamento.

Desse modo, refletimos e ampliamos a aprendizagem sobre o conceito do planejamento, através de exemplos do cotidiano, onde conseguimos captar a presença do planejamento em ações simples da nossa vida. Começamos, a partir disso, a vislumbrar as possibilidades para a elaboração do planejamento do ano letivo na turma do 6º ano.

Ao possibilitar esse momento, também foi objetivado ouvir os(as) alunos(as) sobre o seu conceito de Educação Física (após algumas aulas, sendo que nas primeiras aulas já tinha feito essa indagação). De acordo com Correia (1996),

propor uma discussão em termos de qual é o conhecimento e a especificidade da Educação Física Escolar é uma atitude de responsabilidade social, pois, desta maneira, situam-se as possibilidades desta disciplina no quadro mais geral da Educação Física. Ao efetivar essa escuta, objetivei construir uma conexão entre a Educação Física Escolar e a sua inserção na realidade social do(a) aluno(a).

Como resposta, as(os) alunas(os) diziam que Educação Física era um momento de brincar, outros falavam que era o momento de jogar. Ou seja, vinculavam novamente a Educação Física apenas ao ato de fazer, praticar, vivenciar, relegando os aspectos sócio-históricos das temáticas mediadas no componente curricular.

Na quarta aula, dialogamos sobre as temáticas que a Educação Física poderia possibilitar, utilizando as unidades temáticas propostas pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC, 2018). Versei sobre os nomes dessas unidades: Esportes, jogos e brincadeiras, danças, lutas, ginástica e práticas corporais de aventura.

Ao perceber a pouca proximidade dos alunos e das alunas com os conteúdos relacionados à Educação Física Escolar, decidimos no coletivo que realizaríamos um seminário onde os alunos e as alunas iriam refletir e se aproximar mais dos saberes possibilitados pela Educação Física Escolar. Foram formados grupos e, por meio de sorteio, cada grupo seria contemplado com uma Unidade Temática. Os grupos teriam que estudar, dialogar e apresentar os conteúdos para os demais.

Num quinto momento, dialogamos sobre outros elementos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem. Tratamos sobre métodos de aula. Os alunos e as alunas falaram que estavam acostumados(as) a terem aulas nas quais eles copiavam o que estavam no quadro ou geralmente faziam a leitura do texto que estava no livro e respondiam a atividade. Essa fala deles(as), está relacionada aos outros componentes curriculares, visto que na Educação Física, nos anos anteriores, eles só “brincavam”.

Dessa forma, ao dialogar com os alunos e as alunas, optei por utilizar metodologias que favorecessem a vinculação do que é visto nas aulas com o cotidiano dos alunos e das alunas. Selecionamos metodologias que estão em diálogo com o que fala Soares *et. al.* (1992) sobre oportunizar métodos que facilitem a construção de um entendimento que supere o senso comum e proporcione uma nova leitura da realidade.

Outro ponto refletido nesse cenário, foram as formas de avaliar, visto que

a avaliação escolar é parte essencial do ato de planejar e do processo de ensino (Januário; Gariglio, 2022). Questionamos eles e elas sobre como eram avaliados em anos anteriores e a devolutiva foi que as avaliações, de uma forma geral, eram feitas através de atividades no decorrer do bimestre e “prova” no final do bimestre. Os alunos e as alunas sugeriram fazer avaliações que oportunizassem o trabalho em grupo. Nesse sentido, dialoguei com eles e elas sobre a possibilidade de incluirmos a autoavaliação. Então, esses foram os tipos de avaliação selecionados: atividades a cada aula, avaliação no final do bimestre, trabalho em grupos e autoavaliação.

No sexto encontro, ocorreram as apresentações das equipes em que, de forma muito tímida e utilizando a leitura de tiras de papel ou trechos escritos em cartolina, os alunos e as alunas explicaram as possibilidades temáticas. Esse seminário objetivou ampliar o arcabouço de conhecimento dos alunos e alunas em relação as temáticas relacionadas à Educação Física. Ao realizarem as apresentações, tentei questionar os alunos e as alunas, no sentido verificar o conhecimento que eles construíram ao pesquisarem juntos sobre as Unidades Temáticas.

As respostas apresentadas por eles eram bem superficiais e repetiam o que eles e elas já tinham dito durante a apresentação das pesquisas. Os colegas e as colegas não fizeram nenhuma pergunta aos alunos e as alunas que estavam apresentando, apesar de eu ter feito provocações objetivando essa interação.

Na sétima aula, apliquei o questionário, instrumento esse que tinha o objetivo tanto de conhecer o que os alunos e as alunas já traziam como conhecimento prévio, como verificar quais eram suas preferências quanto às Unidades Temáticas a serem estudadas durante o ano letivo de 2023, quanto o objetivo de constatar como esses alunos percebiam a capacidade das aulas de Educação Física auxiliarem no desenvolvimento emocional, social, cognitivo e físico.

No lugar do questionário, poderia ter potencializado um diálogo para a escolha temática, entretanto a escolha foi pelo instrumento questionário. Quanto a ação de conhecer o meio social do(a) aluno(a), isso favorece a construção de um programa de ensino que possibilite a formação de um educando que, como versa Correia (1996), seja capaz de se adaptar à e interferir na realidade que está inserido. Esse é o objetivo do(a) pesquisador(a) junto aos(as) alunos(as), ou seja, oportunizar um auxílio para a formação de um cidadão e uma cidadã que venham a ter ampla leitura da realidade social, ensejando atitudes para transformá-la positivamente.

Esse fazer juntos (aluno(a)/professor) tem por objetivo colocar o aluno e a aluna no centro do processo de ensino e aprendizagem, possibilitando que os(as) mesmo(as) participem do planejamento por meio do protagonismo no processo educativo (Soares, 2017). Eles e elas não devem ser vistos como objetos, muito pelo contrário, deve-se encará-los como sujeitos ativos e com múltiplas possibilidades de evolução, ao ponto de auxiliarem na transformação social.

Ao realizar o processo de ensino e aprendizagem, são formulados objetivos que devem estar relacionados com o contexto-social da(o) aluno(a). Assim, faz-se necessário conhecer o contexto social do aluno, para uma maior assertividade nas intervenções pedagógicas (Januário; Gariglio, 2022).

No tocante ao questionário, a primeira pergunta objetivava verificar os conteúdos que os(as) alunos tinham estudado durante os anos iniciais do Ensino Fundamental. Essa resposta é importante para saber as experiências prévias dos(as) alunos(as) com o componente curricular Educação Física. Isso pode auxiliar na explicação sobre a cultura que os alunos e as alunas trazem das vivências relacionadas à Educação Física Escolar, nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O gráfico abaixo explicita a resposta dos alunos e das alunas. Num primeiro momento é importante salientar que a Rede na qual atuo (Município de Fortaleza) não tinha profissionais de Educação Física lecionando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, desse modo as aulas eram ministradas pelo professor pedagogo e eram intituladas de recreação.

Gráfico 1 – Conteúdos vivenciados do 1º ao 5º ano



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao analisar o gráfico, verificamos que a maioria dos alunos (23%) praticavam o futebol nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esse conteúdo tem uma forte presença na escola, como afirma Souza Júnior e Darido (2010, p. 924), “o futebol é o conteúdo que está mais presente nas aulas de Educação Física em nosso país, contudo, o futebol ‘ensinado’ nestas aulas raramente ultrapassa os aspectos técnicos e o jogar livremente”.

Nesse ponto é relevante refletir que essa hegemonia do conteúdo futebol, desde o Ensino Fundamental (anos iniciais), pode contribuir para uma cultura escolar, onde o esporte, especificamente o futebol, é hegemonizado. Como exemplo, posso citar os meninos dessa turma de 6º ano, que já chegam perguntando e quase exigindo que a aula esteja relacionada apenas ao futebol.

Esses posicionamentos dos(as) alunos(as) podem acabar dificultando, inicialmente, a participação deles(as) junto aos outros conteúdos que são oportunizados nas aulas. Em segundo e terceiro lugar ficaram as categorias esporte/jogos/brincadeiras e jogos/brincadeiras, ambas com 19%. Sendo que ao citar as brincadeiras, grande parte dos(as) alunos(as) indicavam o carimba como o jogo mais realizado. Em quarto lugar, com 13%, vêm os esportes – alguns alunos não especificaram o esporte, apenas escreveram a palavra esporte.

Na quinta posição, ficaram os(as) alunos(as) que não fizeram nenhuma prática corporal durante os anos iniciais do Ensino Fundamental. Dentre esses alunos

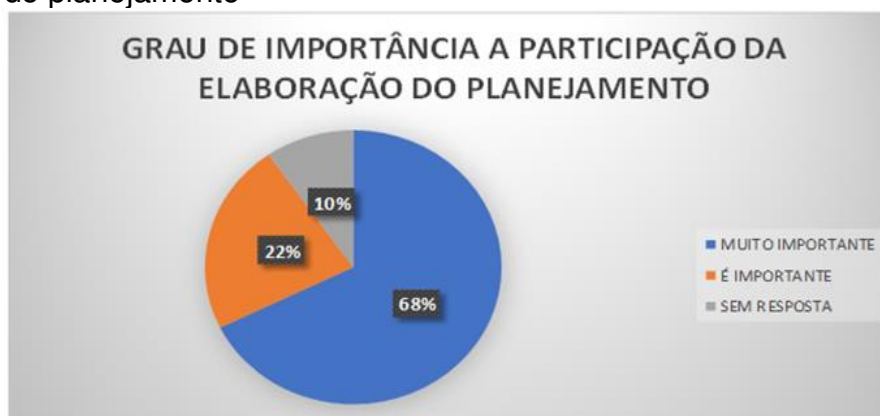
estão os 7% que responderam que não praticavam nada nas aulas do Ensino Fundamental (1º ao 5º ano). Nesse ponto, é relevante estabelecer uma relação entre a falta de participação dos alunos e das alunas durante as aulas do 6º ano, visto que alguns alunos não desejavam participar de algumas práticas corporais, e o fato desse(a) aluno(a) não ter praticado nada nos anos iniciais do Fundamental, isso pode ser um dos motivos de ele(a) a não querer vivenciar às práticas no 6º ano e no decorrer dos anos finais do Ensino Fundamental.

Em sexto lugar, com 6%, aparece a categoria que versa sobre a junção das temáticas carimba e futebol. Na sétima posição, ficou esporte/lutas/ginástica. Nessas temáticas combinadas, temos 3% dos(as) alunos(as), e, em paralelo, a temática vôlei também foi citada por 3% dos(as) alunos(as).

Podemos constatar o grande predomínio da prática do futebol e do carimba nos anos iniciais do Fundamental. No que diz respeito a essa turma de 6º ano, essa hegemonia pode levar os(as) alunos(as) a pedirem para continuar praticando apenas esses esportes e, isso pode acabar redundando na compreensão de deles, de a Educação Física ser apenas o momento de vivenciar essas práticas corporais.

A segunda pergunta está ligada ao quão importante o(a) aluno(a) acredita ser a participação no processo de elaboração e implementação do Planejamento Participativo.

Gráfico 2 – Grau de importância a participação da elaboração do planejamento



Fonte: Elaborado pelo autor.

É salutar citar e relembrar que antes de aplicar o questionário, foram realizadas algumas aulas nas quais dialogamos sobre o planejamento, tendo o objetivo de refletirmos sobre as seguintes questões: o que é o planejamento? Como



o planejamento pode ser realizado? A presença do planejamento no nosso cotidiano? Depois dessas reflexões, o aluno e a aluna tiveram a oportunidade de responder a indagação disposta no gráfico acima e, como resultado, foi verificado que 68% dos(as) alunos(as) acreditam ser muito importante participar do processo de planejamento, 22% dos alunos acreditam que é importante e 10% não responderam nada.

A participação de alunos e alunas é importante no processo pedagógico (Carneiro, 2006). As várias etapas que envolvem o fazer pedagógico, desde o planejamento até o tipo de avaliação aplicada, pode e deve ter a colaboração dos alunos e das alunas, com o intuito de uma maior assertividade no ato educacional.

Os alunos e as alunas inicialmente mostraram o desejo de participar, acreditando ser relevante esse momento, entretanto durante os diálogos alguns alunos apresentaram dificuldade em se colocar, de expor suas ideias, opiniões e de contribuir com sua visão sobre a temática ora trabalhada, além das ocorrências relacionadas a conflitos interpessoais.

A terceira pergunta está imbricada com as unidades temáticas de maior interesse que os(as) alunos(as) desejavam estudar. É válido salientar que essa pergunta foi feita após dialogarmos sobre os conceitos de cultura corporal, unidade temática e objeto de conhecimento. A indagação foi feita após o(a) aluno(a) se apropriar desses conceitos.

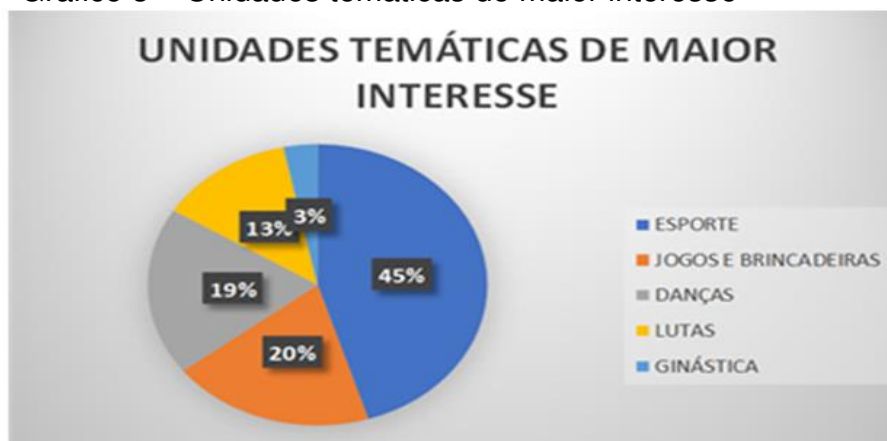
Constatou-se que 45% dos(as) alunos(as) escolheram o esporte como conteúdo de maior interesse, o que pode ter relação com a hegemonia dos esportes (leia-se futebol) nos anos iniciais do Ensino Fundamental. 20% dos alunos têm mais interesse por jogos e brincadeiras. Esporte e brincadeira estavam em primeiro e segundo lugar na pergunta um, os conteúdos mais estudados nos anos iniciais, com isso modo pode-se dizer que o interesse nos esportes, jogos e brincadeiras tem relação com o que foi vivenciado no período anterior ao ingresso no 6º ano.

É válido destacar que o esporte é um patrimônio cultural, que deve ser possibilitado nas suas diversas formas de expressão e, não apenas, como subproduto da indústria cultural para ser consumido (Figueiredo; Taffarel, 2013). O esporte tem sua relevância e deve ser trabalhado, entretanto, essa temática deve ser potencializada na perspectiva de emancipação.

Betti (1995) afirma que, do ponto de vista do aluno, parece haver realmente uma identificação do significado da disciplina Educação Física com o esporte, principalmente a partir da 5ª série, do Primeiro Grau (atual Ensino Fundamental).

Ocorrendo uma supervalorização da temática esportiva por parte do aluno, levando-o a conclusão de que a Educação Física Escolar é esporte e apenas isso.

Gráfico 3 – Unidades temáticas de maior interesse



Fonte: Elaborado pelo autor.

Dando continuidade ao detalhamento das respostas referentes a terceira pergunta, foi constatado que 19% têm mais interesse pela temática danças, 13% escolheram as lutas como temática de maior interesse e 3% optaram pela ginástica.

Gráfico 4 – Unidades temáticas de menor interesse



Fonte: Elaborado pelo autor.

As unidades temáticas de menor interesse para os(as) alunos(as), compreendem as danças tendo 33% de desinteresse. Sobre a questão da dança, percebe-se uma diminuição do interesse do(a) aluno(a) na participação de vivências relacionadas com essa temática. Na verdade, alguns alunos e algumas alunas apontaram sobre um sentimento de “vergonha” ao participarem das práticas relacionados a essa temática. O que é lamentável, visto que, de acordo com França e Morales (2021), o ensino e a aprendizagem da dança, como processo educativo,

proporcionam ao educando uma oportunidade em todos os âmbitos, além de permitir manifestações de alegria, sendo um canal de expressão das emoções.

Por intermédio da dança, tem-se a oportunidade de se aprimorar a coordenação motora, a capacidade intelectual, a afetiva, e ainda propiciar a exploração de novas formas de movimento corporal e comunicação não-verbal. Analisando ainda os resultados, 32% dizem que a ginástica é de pouco interesse para eles(as), 16% aderem a opinião de ter pouco interesse pelas lutas e 10% citam ter pouco interesse no esporte.

No intuito de organizar o nosso plano anual, com a participação da turma, foi disponibilizado, inicialmente, a escolha de três conteúdos relacionados a cada unidade temática apresentada na BNCC. Em fase posterior, percebeu-se a necessidade de realizar outras atividades que possibilitassem a ampliação dessa quantidade de escolhas temáticas.

Os conteúdos apresentados pela BNCC são: esportes; jogos e brincadeiras; danças; lutas; ginástica; e práticas corporais de aventura. Correia (1996, p. 3) diz que “se a Educação Física se propõe a desenvolver [...] uma educação sobre o movimento, [...] temos a missão de estabelecermos o quê e quanto sobre movimento e motricidade, sistematizaríamos no contexto da educação escolarizada”.

É relevante o processo da escolha de conteúdos, no sentido de propor situações pedagógicas que ofereça um ambiente democrático para o aluno e a aluna. No Planejamento Participativo, proposto por Correia (1996), foi sugerido pelo professor quatro temas: dança, ginástica, jogos e lutas. Venâncio e Sanches Neto (2023) dizem que durante um estágio supervisionado do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), a professora de Educação Física utilizou a estratégia do Planejamento Participativo e os(as) alunos(as) escolheram os seguintes conteúdos: futsal, futebol, lutas, desigualdade de gênero, praxia fina, cultura rítmica e violência, entre outras temáticas.

Já na pesquisa que empreendo foram disponibilizadas seis grandes unidades temáticas, já citadas anteriormente. De acordo com Viana Neto *et al.* (2011), a participação das alunas e dos alunos na escolha dos conteúdos é importante, pois podem resultar em aulas mais motivadas e ricas na formação cultural e pedagógica dos alunos e das alunas.

Gráfico 5 – Práticas corporais de aventura

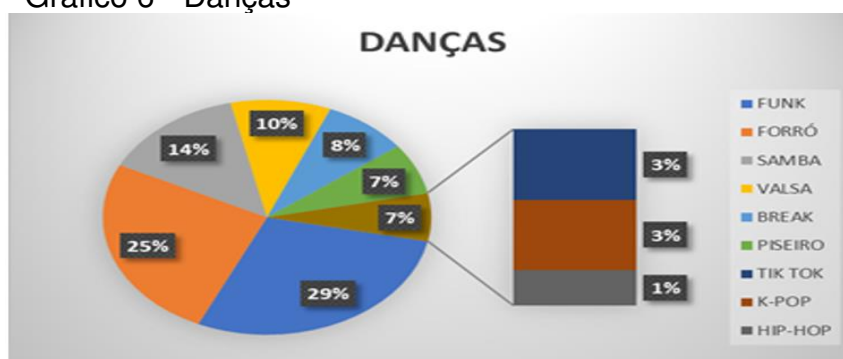


Fonte: Elaborado pelo autor.

Quanto a Prática Corporal de Aventura, os(as) alunos(as) escolheram escalada, skate e tirolesa como conteúdos mais interessantes para eles. De acordo com Tahara e Darido (2018), as aulas de Educação Física Escolar devem ir além das práticas esportivas, sendo necessário disponibilizar para alunos e alunas conteúdos relacionados a aventura, os quais podem proporcionar vários benefícios, entre eles estão o desafio de superar-se e a possibilidade de realizar práticas de aventuras com controle em relação aos riscos.

Um dos obstáculos para a implementação desse conteúdo é a falta de recursos físicos e estruturais. No entanto, os itens citados anteriormente podem ser adaptados, e os obstáculos impeditivos para tematizar essas práticas podem e devem ser superados. Essas dificuldades também foram constatadas por Tahara e Darido (2018), que ao tematizarem sobre práticas corporais de aventura constataram a presença de muitas dificuldades e obstáculos para a implementação dessa temática na escola. Sendo necessário transpor as barreiras e disponibilizar aos alunos e as alunas a vivência e reflexão sobre essa temática. O professor deve utilizar a criatividade e o conhecimento sobre o espaço escolar para oportunizar essa excelente experiência ao aluno.

Gráfico 6 - Danças



Fonte: Elaborado pelo autor.

No tocante as danças, 29% dos(as) alunos(as) apontaram o funk como tema a ser estudado e 25% disseram ser forró o tema de maior interesse a ser estudado e 14% afirmaram ser o samba. Segundo Machado, Almeida e Gomes (2018), a temática do funk carrega inúmeras ambiguidades e apresenta alguns aspectos polêmicos, entretanto, possui um forte vínculo cultural com as periferias.

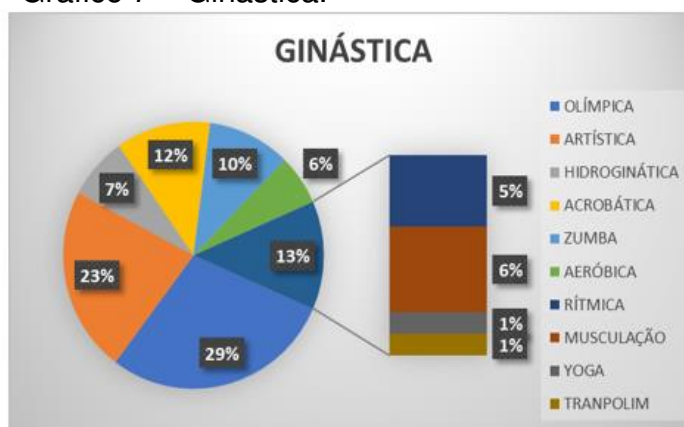
Os alunos e as alunas que responderam esse questionário são moradores e moradoras da periferia de Fortaleza, onde o funk é um estilo musical que prevalece. O forró é um ritmo do Nordeste e que prevalece como um objeto de conhecimento mais próximo dos alunos que moram na Região Nordeste. Ao dialogar com os(as) alunos(as), constatou-se que 40% dos alunos já tiveram experiência prévia com as temáticas funk e forró, ou seja, os conteúdos escolhidos estão dentro da prática social dos alunos e das alunas.

No que tange a unidade temática ginástica, os(as) alunos(as) optaram por ginástica olímpica (29%), ginástica artística (23%) e ginástica rítmica (13%). Ficou evidente o pouco conhecimento que os(as) alunos e as alunas tinham sobre essa temática, isso está relacionado com a questão de não terem estudado essa temática no Ensino Fundamental. Em diálogo com eles e elas, ficou evidente que os bairros no qual eles e elas residem não oportunizam projetos voltados para a vivência dessa temática.

Foi constatado por Lorenzini *et al.* (2015), que ao propor a tematização da ginástica, a criança também passa a sentir/conhecer os sinais dos órgãos vitais (coração, pulmão), a posição do corpo em relação ao espaço (em pé, sentado, deitado, agachado, suspenso) e a execução de ações corporais (saltos, giros, equilíbrios). Os ganhos advindos da tematização da ginástica são vastos, indo desde aspectos motores a questão cultural (ao envolver o contexto histórico da utilização da

ginástica na escola).

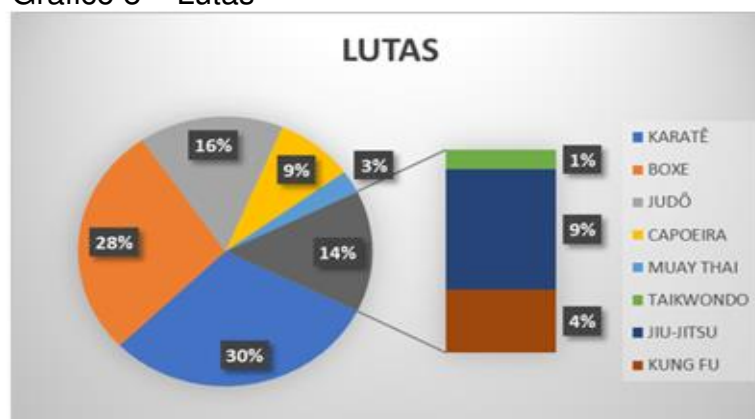
Gráfico 7 – Ginástica.



Fonte: Elaborado pelo pesquisador.

Essa gama de benefícios, citados anteriormente, pode levar os alunos e as alunas a melhorarem aspectos da motricidade relacionados ao conhecimento sobre o seu corpo. Por isso é importante inserir essa temática e, também, refletir sobre o contexto histórico envolvendo esse conteúdo, no intuito de auxiliar no desenvolvimento da criticidade do aluno e da aluna.

Gráfico 8 – Lutas



Fonte: Elaborado pelo autor

Quanto a unidade temática lutas, os(as) alunos(as) optaram por karatê (30%), boxe (28%) e judô (16%). Ao realizar os momentos reflexivos com os alunos, inferiu-se que, no bairro onde a escola está situada, são oferecidos projetos sociais, voltados para a temática das lutas (especificamente karatê, judô e capoeira). Essa escolha dos(as) alunos(as) podem estar relacionados ao vínculo com esses projetos. De acordo com Lima e Fabiane (2023), as lutas, enquanto um fenômeno polissêmico,

possibilitam diversas representações sociais que podem culminar na criação de estereótipos, que por sua vez se transformam em obstáculos a serem superados. Ao serem selecionadas essas temáticas (karatê e boxe), alguns alunos disseram que não iriam praticar essas lutas, pois diziam que as lutas estimulavam a violência, ou seja, foi desenvolvido o estereótipo do lutador agressivo na percepção deles.

Gráfico 9 – Jogos e brincadeiras

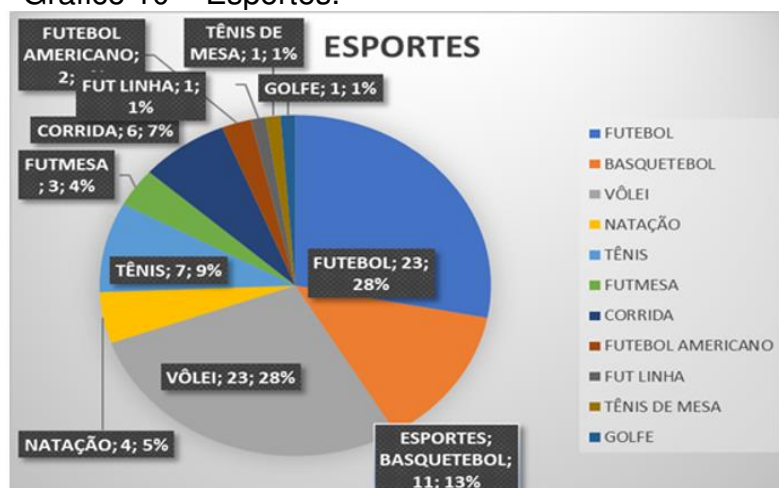


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao tratarmos de jogos e brincadeiras, os(as) alunos(as) citaram especificamente o nome de alguns jogos eletrônicos e o nome de um jogo de cartas chamado *Uno*. O mais citado foi o *Free Fire* (31%). Em segundo lugar, um jogo de carta (*Uno*) (20%) e, em terceiro lugar, um jogo designado de *Roblox* (18%). Em outros tempos, os jogos e brincadeiras estavam mais vinculados com práticas vivenciadas nas ruas. Entretanto, ao dialogarmos com os(as) alunos(as), constatamos que poucos nos dias atuais brincam na rua e, o que eles(as) alegam é a questão da violência, o perigo em brincar nas ruas, o que faz com os pais ofereçam equipamentos eletrônicos. Essa é a maneira que os(as) alunos(as) começam a ter acesso a esses jogos.

Nesse sentido, pelo menos no contexto social em que estou inserido, os alunos e as alunas “brincam” com os equipamentos eletrônicos e deixam de realizar as brincadeiras populares de rua. Essa afirmação, citada anteriormente, também foi constatada por Rodrigues Júnior e Sales (2012), ao afirmarem que o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas, principalmente no que diz respeito a internet, os jogos eletrônicos tornaram-se cada vez mais populares, sendo esses jogos eletrônicos inseridos como uma das atividades de lazer das crianças e adolescentes. Infelizmente os jogos e as brincadeiras populares praticados na rua estão cada vez mais em desuso, ao menos no contexto escolar que estou inserido.

Gráfico 10 – Esportes.

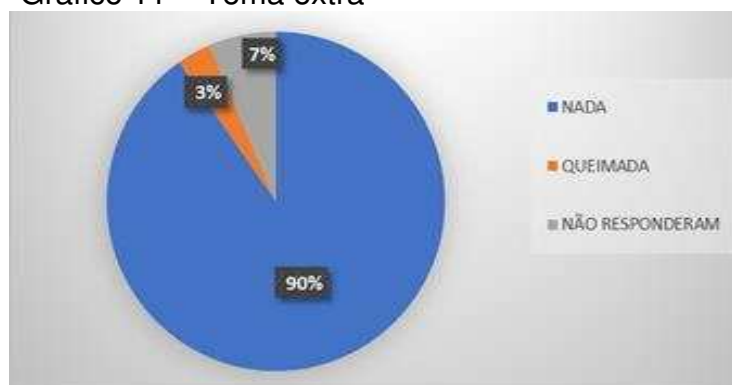


Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao chegarmos na unidade temática esporte, os(as) alunos(as) citaram de forma mais intensa o futebol e vôlei como esportes de preferência para ser objeto de estudo. Esses temas foram citados por 28% dos(as) alunos. Em terceiro lugar, ficou o basquete, citado por 13% dos(as) alunos(as).

O esporte escolhido pelos(as) alunos(as) do 6º ano foi o futebol, temática que como citado anteriormente, prevalecia nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Um dos conteúdos optados, o futebol, está imbricado no meio social e, segundo Bettine (2023), pode ser entendido como um fenômeno sociocultural que representa a principal manifestação esportiva no Brasil.

Gráfico 11 – Tema extra



Fonte: Elaborado pelo autor.

Foi possibilitado também aos(as) alunos(as), como uma das perguntas do questionário, a inserção de conteúdos que não estavam relacionadas com as unidades temáticas citadas. Isso foi ofertado como uma possibilidade de o aluno ir



além do que está sendo apresentado pela BNCC. O objetivo dessa ação era respeitar e dar a oportunidade de que o(a) aluno(a) pudesse trazer temáticas que estivessem presente em vivências efetuadas na sua rua, no seu bairro, no histórico familiar, nas suas experiências televisivas ou midiáticas. Como resultado, tivemos que 90% dos(as) alunos(as) não citaram nenhum tema extra para acrescentar no plano anual, que 7% não responderam e que 3% indicaram a queimada, sendo que esse conteúdo já tinha sido citado no questionamento sobre jogos e brincadeiras. Pelas respostas emitidas, os alunos e as alunas estavam satisfeitos com a quantidade de conteúdos que podiam ser citadas em cada unidade temática.

Gráfico 12 – Desenvolvimento físico



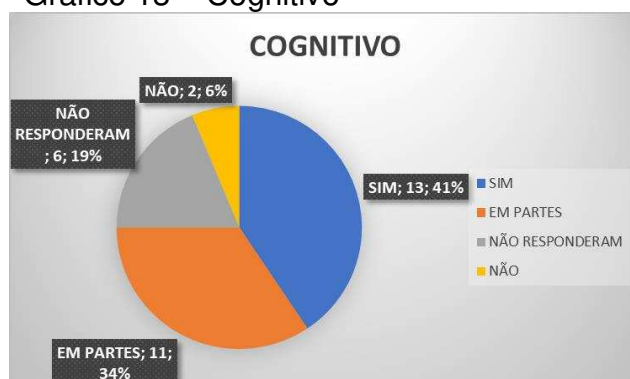
Fonte: Elaborado pelo autor.

Os(as) alunos(as) também foram indagados sobre a percepção que eles e elas tinham sobre a conexão do estudo/vivência dos conteúdos que a Educação Física possibilita e o desenvolvimento do aspecto físico dos(as) alunos(as). A grande maioria (81%) acreditam que o estudo e a vivência dos conteúdos, podem proporcionar o desenvolvimento físico. Já 13% dizem que esse desenvolvimento pode ocorrer em partes. 3% disseram que não iria ocorrer e 3% não responderam. Schneider e Bueno (2005) apontam que o entendimento dos alunos do Ensino Fundamental com relação à função da Educação Física na escola está fortemente ligado ao aprendizado esportivo e ao desenvolvimento físico-corporal. Esta posição é semelhante a que encontrei, referente a resposta dos alunos e das alunas da minha turma de sexto ano da EMEF Raimundo Soares de Sousa.

No que tange ao desenvolvimento cognitivo, 41% afirmam ser possível essa conquista por meio do estudo e vivência das temáticas relacionadas a Educação Física, 34% acreditam que esse desenvolvimento pode ocorrer em partes, 19% não responderam e 6% acreditam que não é possível o desenvolvimento cognitivo por meio do

estudo/vivencias das temáticas relacionadas com a Educação Física Escolar.

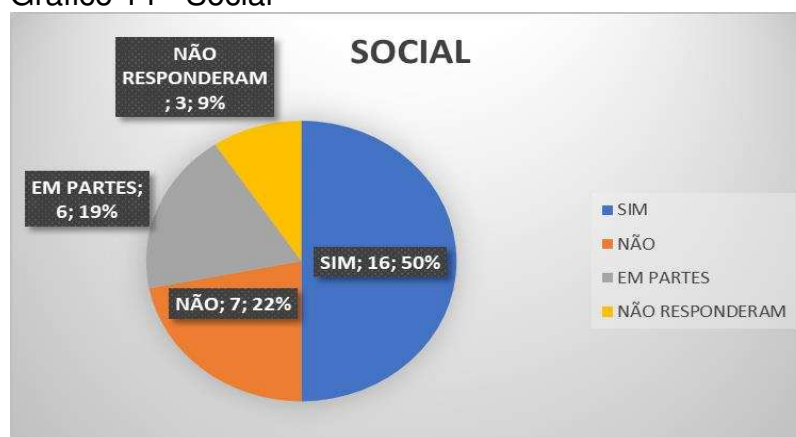
Gráfico 13 – Cognitivo



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao problematizar as temáticas nas aulas de Educação Física, as(os) alunas(os) foram exigidas(os), quanto a mobilização de processos mentais, habilidades e ações propícias à resolução de problemas, o que colabora para o desenvolvimento cognitivo. Os(as) alunos(as) estavam acostumados(as), do 1 ao 5 ano, a fazerem apenas a vivência dos movimentos, mas sem reflexão. Não havia ali um significado, as temáticas não eram trabalhadas e, esse cenário, pode ter contribuído para a percepção de parte das(os) alunos, que não acreditam na possibilidade da Educação Física Escolar auxiliar no desenvolvimento cognitivo. Segundo Faria *et al.* (2020), para que o indivíduo alcance o seu mais alto potencial cognitivo, urge a utilização de atividades motoras lúdicas, tornando-as ferramentas pedagógicas eficazes.

Gráfico 14 - Social



Fonte: Elaborado pelo autor.

Outra pergunta feita, estava imbricada no estudo/vivência das temáticas relacionadas à Educação Física Escolar e a possibilidade do desenvolvimento social. 9% dos(as) alunos(as) não responderam essa pergunta, 19% acreditam que isso poderia ocorrer em partes, 22% dos(as) alunos(as) não acreditam que o estudo/vivência das temáticas relacionadas à educação física pode ajudar no desenvolvimento do aspecto social. Já para 50% dos(as) estudantes pode ocorrer o desenvolvimento social. Esta resposta (da maioria dos alunos e das alunas) dialoga com o que afirmam Lima e Saladine (2016, p. 139), “A escola é o espaço propício para que as relações sociais aconteçam entre todos seus integrantes”. O aprendizado na escola, por meio das aulas de Educação Física possibilita uma melhora significativa no comportamento social dos alunos, uma vez que ao se trabalhar a transversalidade com outros conteúdos, desenvolvem-se os aspectos cognitivos e motores, além de se formar cidadãos críticos, formadores de opinião, conscientes acerca da realidade caótica que aflige o mundo, permitindo que esses sujeitos sejam éticos, maleáveis, tolerantes e respeitosos diante das diferenças.

Os(as) alunos(as) também foram perguntados sobre o desenvolvimento emocional relacionado ao estudo/vivência das temáticas imbricadas na Educação Física Escolar. Como devolutiva, eles responderam da seguinte forma: 69% acreditam que ocorra desenvolvimento emocional; 16% afirmam que isso pode ocorrer em partes; 12% não responderam; e 3% disseram não acreditar na possibilidade do desenvolvimento emocional por meio da vivência/estudo das temáticas relacionadas à Educação Física Escolar.

As respostas dadas pela maioria dos alunos e das alunas, quanto à Educação física e desenvolvimento em relação as emoções, dialogam com o que é dito por Cruz e Fiamenghi Junior (2010, p. 431), que afirmam que “as aulas de Educação Física podem ser espaços privilegiados para a compreensão das mudanças emocionais e de alternativas para que os adolescentes possam lidar positiva e construtivamente com estas emoções”.

Gráfico 15 – Emocional



Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao analisar todas as respostas dos(as) alunos(as) referentes ao questionário, assim como as falas dos alunos e das alunas feitas através dos constantes momentos de diálogos, ficou evidenciada a necessidade outras atividades que contribuíssem para a obtenção de mais dados, permitindo uma robustez maior ao *corpus* e, por consequência, permitindo um planejamento mais democrático e exequível. Essas atividades foram compostas por questões abertas, realizadas ao longo do ano letivo. As respostas obtidas sempre foram dialogadas e refletidas posteriormente entre professor, alunos e alunas.

Quadro 4 – Conceituação do termo Educação Física por parte do(a) aluno(a)

Esportes
Um jogo de agilidade e esperteza
Treino
Ed. Física
Aprendizagem que leva para a vida inteira
Matéria cheia de conteúdo
Aula onde é desejado introduzir o aluno a cultura corporal do movimento
Esporte-exercício e diversão
Matéria para falar sobre esporte/brincadeiras e jogos
Diversão
Brincadeira e estudo
Exercício físico que ajuda na saúde
Correr e pular
Exercícios para jogar futebol

Fonte: Elaborado pelo autor.

No quadro quatro, está inserida a resposta dos(as) estudantes referentes ao que eles acreditam ser a Educação Física Escolar. Esse questionamento foi feito após o primeiro bimestre.

Ao analisar todas as respostas dos(as) estudantes sobre o que é Educação Física, infere-se a visão relacionada ao esporte que eles(as) têm. Essa percepção, reforço, pode estar conectada com a constante prática de esporte durante às aulas de recreação do 1º ao 5º ano. Darido (2012) afirma que a perspectiva esportivista foi predominante nas décadas de 1970, 1980 e 1990 e que ainda é presente nos dias atuais.

Para outros(as) alunos(as), a Educação Física é sinônimo de treino para melhorar as capacidades físicas. Os alunos e alunas percebem a Educação Física Escolar como um momento de realizar as práticas corporais. Eles(as) não fazem a relação entre o conceito do componente curricular e um momento no qual refletem sobre o contexto histórico das temáticas. Não há um tempo e um espaço para se verificar o significado do movimento, construído ao longo do tempo. Não são feitas reflexões sobre a situação de ensino criada, nem para verificar quem determinou aquelas práticas corporais.

O desejo de fazer uma Educação Física que ultrapasse o se movimentar é corroborado por González (2019), quando afirma que as intervenções pedagógicas na Educação Física Escolar não devem se limitar a reproduzir os sentidos e os significados presentes nas diferentes manifestações da cultura corporal do movimento, mas devem tematizar, desnaturalizar e evidenciar a pluralidade de sentidos e significados que os diferentes grupos sociais podem dar a eles.

Quadro 5 – Importância da Educação Física para os(as) alunos(as)

Esportes	Educação de aprendizagem
Aquecer	Alongar
Para gastar energia	Movimentar nosso corpo
É importante o aluno aprender sobre exercício e saúde	Benefícios como: agilidade, músculos ficam fortes, melhora a saúde corporal e mental
Aprende muita coisa	Diverti muito
Aprender novas coisas	Ajuda a desenvolver o conhecimento
Ajuda no aprendizado	Para o futuro da gente

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como podemos observar nas respostas acima, muitos alunos e alunas relacionam a importância da Educação Física com a questão da saúde. Darido (2012)

afirma que atividades físicas vivenciadas na infância e adolescência se caracterizam como relevantes atributos no desenvolvimento de atitudes, habilidades e hábitos que podem auxiliar na adoção para um estilo de vida ativo fisicamente na idade adulta.

A Educação Física deve ir além do mover-se em busca da saúde, até porque com a diminuta quantidade de aulas do componente curricular Educação Física não se atingirá o resultado desejado. Desse modo,

mais do que exclusivamente ensinar a fazer, o objetivo da Educação Física na escola é que os alunos e alunas obtenham contextualização das informações, como também aprendam a se relacionar com os colegas, numa perspectiva buscada pela escola cidadã (Darido, 2019).

Quadro 6 – Como deveria ser uma aula de Educação Física na visão do(a) aluno(a)

Com a participação do aluno e do professor	Os alunos prestando mais atenção
Sem confusão	Meninos contra meninas
Agachamento	Várias modalidades de esporte
Com treino	Explicar e aprender
Exercícios	Alongar
Trabalho em equipe e diversão	Mistura (esportes e ginástica)
Estudar sobre o conteúdo e depois pôr em prática	Benefícios como: agilidade, músculos ficam fortes, melhora a saúde corporal e mental
Mais movimento	Futebol direto
Atividade física e esporte	

Fonte: Elaborado pelo autor.

As respostas emitidas acima corroboraram com a proposta de ação pedagógica construída coletivamente, na qual procuramos propor situações de aprendizagem onde a coletividade ficasse em evidência. Foram propostos vários desafios para o aluno e a aluna pensarem, vivenciarem e transformarem juntos os conteúdos tematizados.

Ao analisar as respostas inseridas no quadro seis, fruto de uma atividade realizada após dois meses de aula, é possível verificar que os alunos e as alunas já conseguem perceber a necessidade de irem além da prática pela prática. Isso se confirma, ao vermos no quadro respostas como essa: “Devemos estudar sobre o conteúdo e depois pôr em prática”. Essa posição já é um pequeno avanço em relação ao diálogo feito com eles e elas nas primeiras aulas.

A ação de dialogar com os alunos e as alunas sobre como deveria ser a aula de Educação Física, também foi uma proposta na pesquisa empreendida por Januário e Gariglio (2022, p.19), em que os pesquisadores afirmam que “esse

diagnóstico sobre os estudantes jovens possibilitou também mapear o conjunto de seus interesses de aprendizagem em Educação Física [...], formas de ensiná-los e espaços onde poderiam ser experimentados”. E como resultado dessa proposição, Januário e Gariglio (2022, p. 20), afirmam que “como desdobramento, o exercício concreto do diálogo com os jovens instigou neles o desejo de serem, também, sujeitos da ação educativa e coautores do currículo em ação”. O resultado obtido pelo autor também é o desejado em nossa pesquisa.

Quadro 7 – Atividades físicas que os(as) alunos(as) praticam fora da escola

Caminhada	Correr e salto
Dança	Luta
Futebol	Vôlei
Exercícios	Basquete
Treinar Músculos	Natação e Musculação
Muay Thai	Ping Pong
Karatê	Futsal

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao observar o quadro sete, podemos constatar que muitos conteúdos escolhidos pelos alunos e alunas para inserção no planejamento, foram práticas culturais que eles e elas já vivenciam fora da escola. Não foram inseridas no quadro as informações de alguns alunos e alunas que afirmaram não praticar atividades físicas fora da escola. Eles e elas citam que jogam vídeo game, ficam no celular ou ajudam os pais no cuidado com a casa.

A justificativa pode estar relacionada com o bairro onde os alunos e as alunas residem, visto que a área possui uma deficitária de espaços públicos para a prática de atividades físicas. Além do mais, ainda há a questão da violência, que faz com que muitos pais não deixem seus filhos saírem de casa para praticar atividade física. A posição apresentada anteriormente é corroborada por Silva *et al.* (2013), quando afirmam que o crescente processo de urbanização, a especulação imobiliária, o excesso de veículos motorizados nas vias públicas e o extraordinário crescimento da violência, entre outros fatores, têm determinado intensas restrições à prática de atividades físicas.

Ao conectar todos os resultados provenientes dos diversos diálogos entre professor, alunos e alunas, com os que tiveram origem nas respostas do questionário, nas atividades realizadas durante as aulas de Educação Física e das observações

inseridas no diário de campo, foi iniciada a elaboração do plano anual, no qual os conteúdos escolhidos foram inseridos.

Ao implementar o plano, objetivou-se possibilitar que o(a) aluno(a) ampliassem a sua capacidade de analisar a realidade a sua volta, compreendessem e vivenciassem os objetos de conhecimentos específicos da Educação Física. Além disso, buscou-se estimular a solidariedade entre os alunos e as alunas, impulsionando a turma para um fazer coletivo. Nesse aspecto, a formulação do plano tem um caráter essencialmente participativo e diversificado (Correia, 1996).

Após a seleção temática, organizamos em conjunto, professor e alunos(as), por meio de assembleia, a distribuição dos temas nos bimestres. Atitude semelhante a que foi realizada por Correia (1996), que organizou junto aos alunos a distribuição das temáticas nos bimestres. Por assembleias, queremos descrever as reuniões entre educadores/as e educandos/as em que são decididos os assuntos referentes a organização do processo de ensino e aprendizagem (Farias *et al.*, 2019). Com isso, segundo Correia (1996), os alunos que estavam inseridos no processo, já se apropriaram das temáticas e do tempo em que seriam mediados os conhecimentos.

É importante ratificar que o Planejamento Participativo que foi elaborado nessa pesquisa tinha por objetivo ir além da escolha de conteúdos, fazendo movimentos dialogados, no que tange a escolha das formas de avaliar (de maneira mais profunda), assim como a escolha do método de ensino e os objetivos a serem atingidos (de maneira mais superficial). O plano anual foi desenvolvido de forma coletiva e, está apresentado abaixo, no quadro oito.

Quadro 8 – Plano de ensino fruto da construção coletiva (alunos/alunas/professor pesquisador)

<b>Educação Física</b>		
<b>6º ano – Ensino Fundamental</b>		
<b>1º Bimestre</b>		
<b>Unidades Temáticas</b>	<b>Habilidades</b>	<b>Objetos de Conhecimento</b>
Esporte	(EF06EF03) Experimentar e fruir esportes de marca e invasão valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo.	Esporte de marca e invasão - Futebol
Esporte	(EF06EF04) Praticar um ou mais esportes de marca e invasão oferecido pela escola, usando habilidades técnico-táticas básicas e respeitando regras.	Esporte de marca e invasão - Futebol
<b>Educação Física</b>		
<b>6º ano – Ensino Fundamental</b>		
<b>1º Bimestre</b>		



<b>Unidades Temáticas</b>	<b>Habilidades</b>	<b>Objetos de Conhecimento</b>
Esporte	(EF06EF05) Planejar e utilizar estratégias para solucionar os desafios técnicos e táticos, tanto nos esportes de marca e invasão como nas modalidades esportivas escolhidas para praticar.	Esporte de marca e invasão - Voleibol
Dança	(EF67EF12) Planejar e utilizar estratégias para aprender elementos constitutivos das danças urbanas.	Danças Urbanas - Funk

### 2º Bimestre

<b>Unidades Temáticas</b>	<b>Habilidades</b>	<b>Objetos de Conhecimento</b>
Danças	(EF67EF13) Diferenciar as danças urbanas das demais manifestações das danças, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais.	Danças Urbanas - Forró
Ginástica	(EF67EF08) Experimentar e fruir exercícios físicos que solicitem diferentes capacidades físicas, identificando seus tipos (força, velocidade, resistência, flexibilidade) e as sensações corporais provocadas pela sua prática.	Ginástica de condicionamento físico – ginástica artística
Ginástica	(EF67EF09) Construir coletivamente procedimentos e normas de convívio que viabilizem a participação de todos na prática de exercícios físicos, com o objetivo de promover a saúde.	Ginástica de condicionamento físico – ginástica olímpica
Ginástica	(EF67EF10) Diferenciar exercício físico de atividade física e propor alternativas para a prática de exercícios físicos dentro e fora do ambiente escolar.	Ginástica de condicionamento físico – ginástica olímpica

### 3º Bimestre

<b>Unidades Temáticas</b>	<b>Habilidades</b>	<b>Objetos de Conhecimento</b>
Lutas	(EF67EF14) Experimentar, fruir e recriar diferentes lutas do Brasil, valorizando a própria segurança e integridade física, bem com as dos demais.	Lutas do mundo
Lutas	(EF67EF15) Planejar e utilizar estratégias básicas das lutas do Brasil, respeitando o colega como oponente.	Lutas do mundo
Lutas	(EF67EF16) Identificar as características (códigos, rituais, elementos técnico-táticos, indumentária, materiais, instalações, instituições) das lutas do Brasil.	Lutas do mundo
Brincadeiras e jogos	(EF67EF02) Identificar as transformações nas características dos jogos eletrônicos em função dos avanços das tecnologias e nas respectivas exigências corporais colocadas por esses diferentes tipos de jogos.	Jogos eletrônicos

## Educação Física

### 6º ano – Ensino Fundamental

4º Bimestre		
Unidades Temáticas	Habilidades	Objetos de Conhecimento
Brincadeiras e jogos	(EF67EF18) Experimentar e fruir, na escola e fora dela, de jogos eletrônicos diversos, valorizando e respeitando os sentidos e significados atribuídos a eles por diferentes grupos sociais e etários.	Jogos eletrônicos
Aventura	(EF67EF19) Identificar os riscos durante a realização de práticas corporais de aventuras urbanas e planejar estratégias para sua superação.	Práticas corporais de aventuras urbanas
Aventura	(EF67EF20) Executar práticas corporais de aventuras urbanas, respeitando o patrimônio público e utilizando alternativas para a prática segura em diversos espaços.	Práticas corporais de aventuras urbanas
Aventura	(EF06EF21) Identificar a origem das práticas corporais de aventura e as possibilidades de recriá-las, reconhecendo as características (instrumentos, equipamentos de segurança, indumentária, organização) e seus tipos de práticas.	Práticas corporais de aventuras urbanas

Fonte: Elaborado pelo autor.

## 4.2 A implementação do Planejamento Participativo na perspectiva de instigar participação dos alunos e das alunas de uma turma do 6º ano

É relevante ressaltar, como afirma Correia (1996, p. 46), que

Apesar dos alunos e das alunas tomarem decisões sobre os processos relacionados as ações pedagógicas, isto não implica em hipótese alguma, na omissão do professor e na ausência de discussões de caráter mais teórico sobre as implicações históricas, psicológicas, antropológicas, fisiológicas e socioculturais no tocante as temáticas trabalhadas.

Nessa perspectiva, buscou-se mediar situações de ensino e aprendizagem onde o aluno e a aluna, juntos com o professor, refletissem, compreendessem e construíssem coletivamente os saberes. Essa ação foi idealizada e implementada a partir da primeira Unidade Temática trabalhada, o esporte.

Silva (2020) afirma que as pessoas que fazem parte do contexto educacional, devem ser ativas no processo de ensino e aprendizagem, desde a formulação do plano até o desenvolvimento das atividades escolares. Com essa ideia, foi iniciada a tematização do conteúdo vôlei por meio de uma avaliação diagnóstica, em que os(as) alunos(os) foram indagados sobre a vivência anterior deles(as) relacionados a esse conteúdo.

Foi inferido que a grande maioria não tinha aproximação prática com essa temática, mas assistia pela televisão os jogos relacionados a esses esportes.

Refletimos juntos sobre a origem do voleibol, suas modificações ao longo do tempo e vivenciamos situações de jogo envolvendo o vôlei. Nesses momentos praticamos os movimentos básicos e refletimos sobre as ações motoras desse esporte.

Imagem 1 – Quadra da escola



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 2 – Alunos(as) jogando volei



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Ao realizarem essas vivências os(as) alunos(as) sentiram dificuldades para desenvolverem o jogo, no sentido de que não sabiam realizar, por exemplo, o toque por cima (fundamento do voleibol). Dessa forma, como mediador, provoquei um diálogo no centro da quadra e começamos a refletir sobre o fato deles(as) não saberem realizar o toque. Indaguei os(as) alunos(as) sobre como resolveríamos esse problema. Ou seja, propus aos alunos e às alunas, pensarmos juntos e construirmos soluções.

Eles pensaram durante alguns minutos, entretanto não chegaram a

nenhuma solução. Posteriormente, coloquei um desafio no qual, os alunos e as alunas deveriam criar um jogo que se envolve o toque por cima.

Um dos grupos desafiados criou um jogo que misturava basquete e vôlei. O grupo denominou o jogo de “basquetoque”: usando a bola de vôlei, eles a tocavam como se estivessem jogando basquete, mas, ao se aproximarem da cesta, só podiam fazer pontos se arremessassem a bola utilizando o toque por cima (fundamento do voleibol). Desse modo, foi encontrada uma solução, criada pelos alunos, para tentarem aprender o toque.

Durante as aulas, foram surgindo também temas relacionados a interferência da mídia nas transformações esportivas e, dessa forma, tivemos alguns diálogos sobre mídia e esporte e sobre mídia e consumismo. Esse diálogo, objetivava relacionar o conteúdo que estava sendo tematizado com os contextos de vida dos alunos e das alunas.

Desse processo, surgiram indagações sobre o motivo de assistirmos mais jogos de futebol do que outras atividades esportivas. Surgiram também reflexões e proposições sobre os tênis que os atletas utilizam, as propagandas e o desejo que temos de comprar as marcas divulgadas pelos atletas. Todas essas reflexões serviram de subsídios para que os alunos e as alunas voltassem outros olhares a respeito das temáticas relacionadas ao consumismo, assim como para a questão da influência da mídia.

O processo descrito acima é uma forma de realizar o trabalho docente que dialoga com o que falam Freire (1996) e Sousa (2017) ao afirmarem que proposições como essas, levam o professor a romper com o estereótipo do professor “rola bola”, exibindo característica de profissional reflexivo e intelectual, que transpõem a barreira da reprodução, optando assim por efetivar uma ação pedagógica libertadora, emancipadora e problematizadora.

Viana Neto *et al.* (2011), também realizaram, em seus estudos, aulas sobre o voleibol, que foram resultado da escolha dos alunos e das alunas, via Planejamento Participativo e, nesse cenário, os autores afirmam que ocorreu uma larga participação dos alunos e das alunas que os levou a desenvolverem habilidades para a prática desportiva do lazer.

Já em meu contexto ocorreu também uma ampla participação, entretanto, o objetivo não era só aprender a realizar as técnicas, mas ir além disso, no caminho de refletir sobre como esse conteúdo se desenvolveu a ponto de chegar na escola e,

também, fazer relações do conteúdo com temáticas do cotidiano do aluno e da aluna. Como exemplo, fazer com que a relação entre vôlei e consumismo possibilitasse o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade social.

O outro conteúdo tematizado, no mesmo bimestre, foi o futebol e, para trabalhar esse tema, indaguei aos alunos e às alunas sobre quais jogos relacionados ao futebol eles praticavam. Como resposta, eles e elas disseram que praticavam a travinha, a futlinha, a futmesa, o futevôlei e o futebol nas areninhas (gramados sintéticos). Foi a partir desse ponto que começamos nossas reflexões e diálogos sobre a origem do futebol, em que os(as) alunos(as) pesquisaram sobre o histórico desse esporte e o apresentaram para os demais.

Ao possibilitar a tematização e a problematização do conteúdo futebol na escola, Martins (2023) afirma que isso pode gerar a construção de saberes sobre justiça social, valores morais, marcadores da desigualdade de gênero, das relações étnico-raciais, ambientais e de classe social. E, no decorrer das nossas aulas, foram produzidos saberes que tocavam as temáticas citadas anteriormente. As situações que envolvem o contexto da construção desses saberes estão descritas a seguir. [

Durante as apresentações que ocorreram, alguns alunos falaram sobre o sonho de serem jogadores de futebol. Como o nosso planejamento é flexível, ao surgirem novas temáticas, começamos a dialogar e nos aprofundar sobre elas. Do ponto citado surgiu o assunto salário de jogadores, onde se aproveitou a aparição do assunto para incentivar os alunos e as alunas a pesquisarem sobre os salários dos jogadores, pois, a percepção inicial dos alunos e das alunas era que a maioria dos jogadores do futebol no Brasil ganham salários astronômicos.

Ao fazer essa ação de aluno(a) pesquisador(a), o que eles e elas constataram foi que a grande maioria dos atletas profissionais ganha um salário-mínimo. Essa descoberta deixou muitos(as) alunos(as) espantados(as). O ato de refletir sobre essa temática ajudou os alunos e as alunas a desvelarem uma realidade que eles e elas não enxergavam.

Uma situação limite que apareceu em nossa aula, foi a questão de os meninos não desejarem vivenciar o jogo junto com as meninas. Levamos o assunto para a roda de conversa, que era feita em vários momentos da aula, e, após a reflexão, os meninos chegaram à conclusão de que as meninas tinham o direito de vivenciar a prática no mesmo tempo e espaço que eles e que, dessa forma, tanto meninas como meninos deveriam vivenciar juntos àquelas práticas. Segundo Corsino e Auad (2012),

as misturas de meninos e meninas nas aulas é uma forma de buscar uma Educação Física coeducativa.

Essas relações de gênero, acabam impactando positivamente ou negativamente os alunos e as alunas. Dialogando com essa afirmação, Corsino (2014) afirma que o corpo sofre a influência das relações de gênero, e ao mesmo que as constitui, é constituído por elas.

Os alunos e as alunas queriam vivenciar a temática do futebol, entretanto, havia a exclusão das alunas. Essa situação foi refletida e superada, através do diálogo e da construção coletiva do processo de ensino e aprendizagem, que nos incentivam a respeitar as diferenças. Nesse caminho, os alunos e as alunas participaram das discussões e das vivências de forma entusiasmada, dedicada, mostrando um grande interesse pelas reflexões e pelas práticas, interagindo com os colegas e com as colegas e vivenciando os conteúdos com amplo aproveitamento.

A segunda unidade temática trabalhada foi a dança. Os(as) alunos(as) escolheram o funk e o forró para tematizarmos. Ao iniciar o trabalho pedagógico, constatou-se que muitos deles escutavam esses gêneros musicais, mas não dançavam e, outros(as) diziam que nem escutavam, nem gostavam de dançar.

Foram feitas perguntas voltadas para verificar o conhecimento prévio dos alunos a respeito do conteúdo funk: O que vem a sua mente ao ouvir a palavra funk? Qual é a origem do funk? Onde você dança funk? Como resposta, um dos alunos falou que “ao ouvir a palavra funk eu lembrar logo de ‘safadeza’”, uma outra aluna disse que “o funk tinha sido criado pela cantora Anita”, havia ainda os que diziam dançar funk e que faziam isso em casa. Como visto anteriormente existem estereótipos explicitados pelos alunos e alunas que precisam ser refletidos e superados.

Nos dias posteriores ao início do trabalho com o conteúdo, comecei a receber reclamações de muitos pais e mães, nas quais eles diziam que a escola não tinha que estar ensinando esse tema e que eles não queriam seus filhos dançando aquele tipo de música. Posteriormente conversei com a gestão da escola e, também com alguns pais, no intuito de explicar que o propósito daquelas aulas era a reflexão sobre um assunto que faz parte da cultura do nosso país e que, por meio dessas vivências reflexivas, iríamos desenvolver a criticidade do(a) aluno(a), a criatividade, a autonomia, as relações interpessoais e a empatia.

Essa visão de alguns pais de alunos e alunas da escola que leciono é semelhante ao posicionamento encontrado por Monique Bianchetti e Fensterseifer

Isse (2018, p. 76), ao entrevistarem um diretor de uma escola estadual do Rio Grande do Sul. Nessa entrevista, o gestor versa que

o funk não é dança a ser ensinada, pois, pelas suas origens e evolução, o funk não diz respeito à cultura local, sendo visto como um apelo explícito à sensualidade, tão explorada pela mídia e pelos meios de massificação, há outros ritmos e danças mais condizentes com a postura e a filosofia da escola.

Ao refletir sobre todo esse contexto, concluí que deveria ter dialogado mais com os responsáveis sobre a implementação do planejamento e, além disso, constatei ser necessário a realização, por parte da gestão, de formações que expliquem os conteúdos abordados e as oportunidades apresentadas pela Educação Física Escolar.

Os limites encontrados mostraram ser um grande desafio trabalhar a temática funk, contudo, o conteúdo foi desenvolvido. A participação dos alunos nas vivências foram menores nesse tema, visto que alguns falavam que a questão religiosa impedia a participação naquelas práticas. Outros ainda tinham vergonha, pois a quadra da escola é um local onde algumas pessoas, que não estão participando da aula tem acesso, e, muitas vezes, querem ficar observando as aulas que estão sendo tematizadas.

Os diálogos sobre a temática funk foram uma grande oportunidade para os alunos explorarem suas capacidades de lerem certas particularidades da manifestação corporal escolhida, além de estimularem a troca de ideias, de opiniões divergentes ou convergentes (Farias *et. al.*, 2019). Os alunos e alunas puderam refletir e aprender que o funk tem uma origem e que essa origem tem relação com a luta contra problemas internos da nossa sociedade, como, por exemplo, a questão do preconceito. Eles e elas também entenderam que cada pessoa tem a sua forma de se movimentar, seu ritmo e que essas diferenças devem ser respeitadas.

Como terceira unidade temática, foi vivenciada a ginástica. Os alunos e as alunas escolheram a ginástica rítmica e a ginástica olímpica. Para pensarmos sobre essa temática indaguei os(as) alunos(as) sobre o que é ginástica? Quais deles e delas já praticavam ginástica? E onde praticavam? Como resposta, a maioria falou que a ginástica era um tipo de exercício, entretanto, afirmaram que não praticavam essa temática. Os que disseram praticar, faziam essa prática na praça do bairro.

Ao pensarem sobre os espaços públicos, que permitem a prática da

ginástica, alguns alunos reclamaram da falta desses espaços em seus bairros. Esse problema foi encontrado durante a discussão do assunto e, ao se buscar soluções, os(as) alunos(as) disseram que poderiam se reunir com alguns pais e mães ou responsáveis, no intuito de conversar com o vereador da região, para que esse representante do povo, venha a requerer do poder público municipal mais espaços para a prática de ginástica no bairro.

Ao se tematizar o assunto ginástica, objetivou-se ir além do fazer o movimento. Como afirma Farias *et al.* (2019, p.8), é oportuno refletir sobre os aspectos conceituais, assim como o sentido atitudinal, sendo necessário pensar a relação do conteúdo com a realidade social, agindo por meio da práxis. Vivenciamos as duas ginásticas, através de jogos e exercícios, e ao refletir sobre a vivência surgiu a questão de como levar aquela prática além da quadra da escola.

Os alunos e as alunas disseram que até desejavam fazer ginástica em algum espaço público, mas seus pais não deixavam sair de casa devido a questão da violência que assola a cidade (questão que temos poucos recursos para solucionar). Em suma, a participação dos alunos foi ampla no tocante às aulas referentes a essa temática.

No decorrer do terceiro bimestre, foi tematizada a unidade temática lutas. Primeiramente, foi vivenciada a temática do karatê. Ao indagar os alunos e as alunas sobre o histórico de prática em relação a esse estilo de luta, obtive a devolutiva de que apenas três alunos tinham proximidade com o karatê.

Decidimos pesquisar o contexto histórico desse estilo de luta, as características e os movimentos básicos dessa prática corporal. Os alunos e as alunas refletiram sobre o fruto das suas pesquisas, através do compartilhamento realizado em sala de aula.

Durante a vivência do karatê, que foi realizada na quadra, foram propostos vários jogos de combate (ex: em duplas, um aluno tenta tocar com as mãos, o ombro do oponente). Foi oportunizada a compreensão de que as lutas são práticas integrantes da cultura corporal de movimento, cujo tratamento pedagógico deverá ampliar os conhecimentos relacionados aos conceitos, aos procedimentos e às atitudes dos alunos, para que possam fazer opções mais conscientes e autônomas (Brasil, 1998).

Após realizarmos essas práticas, nós nos reuníamos no centro da quadra e dialogávamos sobre a questão dos elementos básicos que fazem parte do ato de



lutar: equilíbrio, desequilíbrio, luta por espaço, técnicas e estratégias. Num certo momento, indaguei aos(as) alunos(as) sobre quais estilos de lutas eles já tinham vivenciado e foram citados os seguintes: muay thai, judô, capoeira e jiu-jitsu. Desse cenário, surgiu a ideia de criar o momento do compartilhar. Esse momento seria um espaço onde os(as) próprios(as) alunos e alunas poderiam falar sobre suas experiências com os diferentes estilos de luta.

Imagem 3 – Vivenciando junto aos alunos e as alunas



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 4 – Aluno compartilhando saberes - jiu-jitsu



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Acreditar nos alunos e nas alunas, enxergá-los como seres produtores de cultura, permitir o compartilhamento dos saberes entre eles, potencializou a valorização do aluno e da aluna. Nesse sentido, observei que os alunos e as alunas que participaram desse momento passaram a ter uma atitude mais colaborativa com o processo de ensino e aprendizagem das outras aulas. É válido relatar que alguns alunos não quiseram participar, visto que afirmaram estarem tímidos.

Como contraponto a afirmação e a ação descrita acima, Silva (2020) afirma que alguns profissionais da Educação ainda mantêm a concepção de que apenas o(a) professor(a) é o detentor(a) do conhecimento, desconsiderando que as experiências

e a participação de cada pessoa podem contribuir para uma aprendizagem contextualizada e significativa.

Quanto a temática jogos e brincadeiras, os alunos e as alunas escolheram os jogos eletrônicos para estudarmos. Ao tematizar essas aulas, foi criado um momento para refletir sobre o desenvolvimento histórico dos jogos eletrônicos, no qual dialogamos sobre a evolução tecnológica e ampliação nos tipos de jogos eletrônicos.

Refletimos sobre a impossibilidade do acesso das pessoas a alguns equipamentos tecnológicos, devido ao alto custo dos produtos. Em fase posterior, vivenciamos os jogos eletrônicos propostos por eles no Planejamento Participativo. Essa situação foi possível, pois a Rede Municipal de Educação de Fortaleza entregou um tablet para cada aluno do Ensino Fundamental.

Outra unidade temática desenvolvida, deu-se atenção às práticas corporais de aventura (PCA). Apesar do espaço físico da escola não oferecer plenas condições para a vivência desse conteúdo, foi necessário utilizar a coragem e a criatividade para oportunizar temáticas diversificadas para os alunos e as alunas. Nessa direção, Tahara e Darido (2018) afirmam que é necessário oferecer a diversificação nos conteúdos trabalhados pelos professores e estimular os alunos e as alunas a vivenciarem novas experiências e aprendizagens.

Ao se tematizar as práticas corporais de aventura, foi possibilitada a reflexão sobre o conceito relacionado ao conteúdo, assim como a reflexão sobre as possibilidades que essa prática oferece. Pensamos sobre a estrutura disponível na escola e possibilitamos situações de ensino e aprendizagem onde o aluno e a aluna pudessem se sentir desafiados e trabalhassem em grupo, de modo a que um cuidasse do outro e vencessem seus receios, como podemos ver nas imagens abaixo. As ações que envolvem o cuidar e o preocupar-se com os/as colegas também ficaram em evidência nas aulas descritas por Souza e Freire (2008), em que os pesquisadores relatam que foi interessante ver os próprios estudantes auxiliarem os colegas, segurando ou dando dicas para manter o equilíbrio sobre os equipamentos utilizados.

Imagem 5 – Vivência relacionada a escalada utilizando a estrutura física da quadra



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Imagem 6 - Descida utilizando a corda, após realizar a escalada



Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Ao dialogar com os alunos e as alunas, eles afirmaram que foi a vivência relacionada com as práticas corporais de aventura, a que eles mais gostaram de realizar. Segundo eles e elas, essas práticas foram muito desafiadoras e eles e elas gostam de desafio. Por outro lado, alguns alunos não quiseram participar, alegando estarem com medo. Essa percepção dos alunos e das alunas em relação a PCA é muito relevante, visto que, como afirmam Tahara e Darido (2018), vivenciar práticas não tão habituais em aulas, envolver em situações de risco controlado aumenta seus conhecimentos, suas experiências e as possibilidades de escolhas.

No final do ano letivo, foi realizado mais um diálogo com os alunos e as alunas sobre o que eles e elas pensavam sobre o conceito de Educação Física Escolar. Esse

momento foi importante para verificar se o olhar dos alunos e das alunas em relação à Educação Física, tinha sido ampliado ou, assim como no começo do ano letivo, eles(as) continuavam com a ideia de que a Educação Física era apenas um momento de praticar esportes. Nessa direção, o Planejamento Participativo deve estar imbricado com o trabalho colaborativo, podendo contribuir com novos significados às aulas de Educação Física (Venâncio; Sanches Neto; 2023).

Ao fazer a pergunta, para os alunos e as alunas, sobre o conceito de Educação Física, uma aluna disse: “Educação Física é um ensino que envolve lutas, brincadeiras e esportes e outras coisas”. A palavra ensino, não tinha aparecido no primeiro diálogo (no início do ano letivo), quando indaguei aos alunos e às alunas sobre essa questão.

No primeiro diálogo, eles e elas relacionavam a Educação Física apenas ao fazer. Outro aluno disse a seguinte frase: “Educação Física faz parte do praticar e aprender”. Segundo ele, aprender no sentido de pensar sobre os conteúdos que foram praticados, ou seja, ir além da prática.

#### Quadro 9 – Percepções do(a) aluno(a) ao participar do Planejamento Participativo e das aulas de Educação Física

Aprendi a respeitar e incluir as pessoas	Tem pessoas que não gostam do conteúdo trabalhado	Podemos escolher o que queremos aprender e assim aprendemos muito mais
Gostei, pois a gente pode dar palpites sobre a aula	Aprendi a me apresentar sem medo na frente das pessoas	Aprendi muitas coisas novas
Aprendi a trabalhar em equipe	Me sinto mais enturmada (isso é bom já que passo muito tempo em casa)	Educação Física é muito boa para o meu desenvolvimento
Evoluí como pessoa	Foi bom participar	É muito bom praticar todo mundo
Essas práticas são as melhores opções pra a aprender	Aprender a jogar coisas diferentes	Todo mundo junto aprendendo sobre exercício e saúde
Ajudou a melhorar meus movimentos	Me senti feliz	Gostei por que percebi que precisava de força para fazer exercícios

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao continuar nesse momento, uma outra aluna verbalizou: “Com a Educação Física você aprende a ser mais participativo e aprende a se aventurar.” Os demais alunos e alunas usaram palavras que se assemelham a fala dos alunos citadas logo acima. Assim, podemos concluir que o Planejamento Participativo também foi efetivo para ampliar a percepção do aluno e da aluna sobre a Educação Física na escola.

O Planejamento Participativo foi construído, implementado e, também, foi avaliado. Ao serem instados a colocarem suas opiniões sobre a construção do Planejamento Participativo e a sua implementação, os alunos e as alunas responderam de acordo com o que está inserido no quadro nove.

As respostas destacadas no quadro nove explicitam que a questão do trabalho coletivo foi intensificada, no tocante a percepção do aluno e da aluna ao participar da elaboração do Planejamento Participativo e das aulas de Educação Física. Alguns relataram que gostaram da oportunidade de escolher os conteúdos que iriam estudar. Outros(as) alunos e alunas falaram sobre o quão bom é trabalhar em equipe. Ainda obtivemos falas sobre a percepção de estarem mais enturmados(as).

As respostas encontradas nessa pesquisa têm relação com as respostas evidenciadas por Souza e Freire (2008), que elaboraram o Planejamento Participativo junto aos seus alunos e alunas e, ao avaliarem esse momento, os alunos e as alunas responderam que tinha sido uma experiência diferente, com aplicação de temas diferentes, respeitando os diferentes interesses.

Essas respostas explicitam o resultado do processo democrático do Planejamento Participativo e ratificam a decisão de incluir todas as pessoas que fazem parte do contexto educacional, nos diferentes movimentos de implementação das intervenções pedagógicas, desde o planejamento até as demais atividades (Silva, 2020).

O caminho para a elaboração e a implementação do Planejamento Participativo foi permeado de obstáculos e desafios, mas também de atitudes assertivas e busca de soluções. Diante desse contexto, é válido destacar a seguir quais foram as possibilidades e os desafios vivenciados no transcorrer do processo da pesquisa.

### **4.3 Possibilidades e desafios**

Ao propor uma ação pedagógica onde o(a) aluno(a) tem um maior poder de decisão e uma grande participação no processo são observados alguns desafios, assim como algumas possibilidades.

Essa reflexão é relevante, pois põe em evidência o que foi produzido de importante com essa proposta, bem como possibilita verificar os desafios e as dificuldades existentes no processo, que podem gerar novas reflexões

para a ação pedagógica do professor (Vilete, 2020, p.124).

Quanto às possibilidades, como versa Correia (1996, p.47), podemos inferir

Níveis satisfatórios de participação e motivação nas atividades propostas; Identificação positiva no que tange à relação professor-aluno; Menor despersonalização dos educandos, uma vez que existia a possibilidade de se expressar, face ao caráter participativo da proposta.

Essas possibilidades inferidas pelo autor, também foram constatadas na pesquisa aqui produzida. Como possibilidade, também ficou evidente uma ampliação na relação do professor com os pais e uma potencialização em relação a utilização dos diversos espaços da escola.

Ao apresentar seu estudo que oportunizava o Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escola, Silva (2020) diz que as possibilidades encontradas que foram: (1) novos significados para os alunos e as alunas sobre o papel da Educação Física na escola; (2) melhora nas aulas e significativa construção de conhecimentos e modificação do ambiente educacional. Já na pesquisa que desenvolvi, também constatei essa mudança na percepção do aluno e da aluna sobre a Educação Física na escola.

Quanto aos desafios do processo do Planejamento Participativo, Correia (1996, p. 47) verbaliza que “há um maior desgaste no sentido de providenciar recursos materiais e teóricos”. Nos recursos teóricos, ficou evidenciada a minha dificuldade de encontrar subsídios adaptados para uma turma de sexto ano e de encontrar recursos materiais para aulas de Educação Física junto a turma. Essa dificuldade também foi encontrada no estudo desenvolvido por Silva (2020), em que o autor fala que ouve desgaste pessoal, no sentido de providenciar recursos materiais e coordenar diferentes programações em diferentes salas.

Ao desenvolver a pesquisa, também tive a dificuldade de estar propondo o Planejamento Participativo para essa turma de sexto ano e, de forma concomitante, ter de propor ações, tematizações e problematizações para outras doze turmas de Ensino Fundamental.

Observei também como desafio, a questão de conseguir que alunos e alunas tivessem a iniciativa de compartilharem suas ideias, visto que o professor se desgasta para criar inúmeras estratégias para fazer com que eles e elas estejam motivados a falar, a se colocarem e a proporem suas ideias. Souza e Freire (2008)

afirmam que ao se aplicar o Planejamento Participativo, os(as) alunos(as) são considerados(as) como protagonistas do processo de ensino e aprendizagem e isso é efetivo, visto que é percebida a participação dos(as) jovens em muitos momentos, mesmo que os(as) alunos(as) tenham mostrado resistência pela proposta, em algumas situações nas aulas.

Farias *et al.* (2019) afirmam que, ao implementarem o Planejamento Participativo, perceberam que era trabalhoso ouvir os(as) alunos(as), fazê-los e fazê-las se sentirem produtores de conhecimento. Entretanto, Farias *et al.* (2019) também afirmam que o(a) aluno(a), ao participar do processo do Planejamento Participativo, constrói novos olhares sobre a Educação Física Escolar que acontece nessas escolas onde ele é implementado. A estratégia do Planejamento Participativo é uma ação cooperativa entre professor, aluno e aluna, em que, dessa forma, ocorre um aprendizado de duas vias, que pode ser muito rico também para quem ensina e não só para quem aprende (Brasil; Corrêa, 2011).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui empreendida, não teve por meta findar as discussões sobre a temática do Planejamento Participativo e a participação dos alunos e das alunas nas aulas de Educação Física. Contudo, por meio desta produção científica, tem-se uma oportunidade de se ampliar a participação dos(as) alunos(as), por meio de um processo pedagógico mais democrático. É relevante não só lutarmos por uma gestão escolar democrática, ou por ações mais democráticas, mas é urgente praticarmos essa democracia nas nossas ações pedagógicas, juntamente com os alunos e as alunas inseridos no contexto escolar.

Esta pesquisa foi um ponto de inflexão na minha trajetória profissional como professor, visto que por intermédio dela fui instado a lembrar das raízes e das influências que marcaram minha identidade profissional. Isso influencia a maneira como realizo a mediação dos saberes que, hoje, tenho a oportunidade de problematizar e tematizar no âmbito escolar.

O Mestrado Profissional em Educação Física oportunizou situações que instigaram a potencialização do meu trabalho pedagógico. E isso através da troca de saberes com os colegas e de reflexões sobre a minha prática profissional, por meio de atitudes que me direcionaram a conseguir visualizar possíveis soluções para barreiras que estavam postas no meu percurso como professor. Para transpor esses obstáculos, foi utilizada a pesquisa participante que auxiliou na criação de um vínculo entre o professor e o(a) aluno(a), estabelecendo uma relação horizontal, democrática e cooperativa, ao invés de uma relação vertical, imperativa e opressora.

Nesse processo, consegui compreender o meio social em que o(a) aluno(a) está inserido, analisei e percebi a identidade da escola na qual estou exercendo a docência, além do quê, refleti sobre que tipo de aluno(a) desejo auxiliar na formação, através na minha ação pedagógica. E foi, justamente, pela ação de conhecer o contexto social do(a) aluno(a) e entender o quanto ele é relevante, que pude implementar ações no intuito de ressignificar o currículo e as práticas educativas (Venâncio, 2005).

A proposta de utilizar o Planejamento Participativo no processo de ensino da Educação Física foi bastante desafiadora, pois, não são muitas as experiências que utilizam o Planejamento Participativo no âmbito escolar e, são em menor número ainda, as pesquisas sobre essa temática voltadas para o Ensino Fundamental. A



revisão sistemática possibilitou o acesso aos estudos que serviram de base para esta pesquisa, sem nunca deixar de me ater ao contexto escolar no qual trabalho. Essa proposição influenciou a minha maneira de trabalhar, visto que passei a escutar e a dialogar mais com os alunos de todas as turmas que ensino. Ou seja, a transformação foi potencializada para o conjunto de turmas que trabalho.

Buscou-se realizar a construção coletiva do planejamento e tomar decisões em conjunto sobre conteúdos e formas de avaliação. Os(as) alunos(as) foram escutados e, nesse sentido, buscou-se criar um ambiente que possibilitasse o protagonismo por parte deles(as), que incentivasse o ato de pesquisar, de dialogar, de compreender e de agir para a transformação do meio social que o(a) aluno(a) está inserido(a). As ações implementadas buscaram valorizar as experiências de movimentos já vividos relacionando-os aos movimentos dos(as) alunos(as).

Essa pesquisa é voltada para professores e professoras que atuam nas escolas públicas e privadas, assim como para estudantes da graduação e estudantes da pós-graduação. Todos esses atores trabalham ou trabalharão em escolas e, nesses ambientes, encontrarão desafios semelhantes ao que encontrei. Podem até encontrar cenários diferentes, mas o anseio pela participação do aluno e da aluna na aula, pode e deve ser um objetivo dos professores e das professoras. Nessa lógica, esta pesquisa serve como subsídio para construir no cenário escolar um espaço mais participativo e mais democrático nas aulas de Educação Física Escolar.

O processo educacional que preza por valores democráticos, impele o professor e a professora a estimular e a possibilitar, na própria ação pedagógica, o exercício do direito à participação por parte de quem esteja direta ou indiretamente ligado ao fazer educativo (Freire, 2014). A participação dos alunos e das alunas envolve escolhas e, nesse sentido, Silva (2020) afirma que o processo de escolhas não pode ser ensinado repentinamente, de modo que necessita ser alimentado diariamente, por meio do diálogo, num cenário que instigue o respeito e a valorização do ambiente democrático.

A partir das perspectivas descritas acima, a proposta do Planejamento Participativo foi organizada em momentos que se configuraram em etapas. O primeiro momento foi o do diagnóstico, no qual começamos a compreender as relações estabelecidas pelos alunos(as) com as práticas corporais, assim como os seus entendimentos quanto ao conceito de Educação Física e sua aplicabilidade no contexto escolar. Esse diagnóstico também colaborou para mapear o conjunto de

interesses dos alunos e das alunas em relação aos conteúdos da Educação Física (Januário; Gariglio, 2022).

O segundo momento foi a elaboração do Plano de Ensino. Através dele buscou-se contemplar as proposições dos(as) alunos(as) em relação aos conteúdos e às formas de abordá-los. O terceiro momento foi a implementação do plano de ensino. O plano teve base na problematização dos conteúdos escolhidos pelos alunos, fazendo relação entre a historicidade e os signos das temáticas com o contexto social que o(a) aluno(a) está inserido. O quarto elemento foi a avaliação, que ocorreu ao longo do processo, através da observação, por parte do professor, a interação nos momentos de diálogo, da autoavaliação e das produções realizadas pelos(as) alunos(as) ao longo do processo.

Ao possibilitar ao(à) aluno(a) cooperar na elaboração do planejamento e das decisões referentes aos elementos que interferem no processo pedagógico, desejou-se contemplar o objetivo específico de identificar os conteúdos que os alunos e as alunas desejavam aprender ao longo do ano letivo. Nessa direção, Silva, Sousa e Freire (2018) colocam que, ao concluírem sua pesquisa sobre Planejamento Participativo com alunos e alunas do 5º ano, constataram que eles e elas ampliaram suas contribuições a partir do momento em que o professor passou a conhecer os pensamentos dos educandos sobre os temas que gostariam de estudar. Com as respostas dadas pelos(as) alunos e alunas, no questionário, nas atividades e nos diálogos que disponibilizei para eles e elas, ficou constatado que os(as) alunos(as) queriam estudar conteúdos como: funk, karatê, futebol, jogos – uno, escalada e ginástica olímpica.

Outro objetivo específico que foi contemplado foi o ato de compreender e interferir nos processos que dificultam a participação dos estudantes nas aulas de Educação Física. Foi observado que um dos fatores que dificulta a participação é o estudo de conteúdos que não tem significação para o(a) aluno(a), além disso propor aulas com repetição de conteúdos, também não é atrativo para o aluno e para a aluna.

Como terceiro objetivo específico, temos o Desenvolvimento do Planejamento Participativo das aulas com os estudantes do 6º ano. Esse planejamento elaborado, juntamente com a completude dos outros objetivos específicos, permitiu a realização da ação desejada no objetivo geral da pesquisa, que foi analisar o desdobramento do envolvimento dos(as) discentes de uma turma do 6º ano no processo de colaboração do Planejamento Participativo.

Ao avaliar todo o processo do Planejamento Participativo, ficou constatado que, ao colaborar com o planejamento, o(a) aluno(a) tem uma maior participação no processo de ensino e aprendizagem, pois os elementos que envolvem o planejamento (conteúdos, avaliações, métodos, objetivos) foram escolhidos também por eles e elas. Esse fato anteriormente citado é corroborado com a conclusão inserida na pesquisa de Souza e Freire (2008), em que se afirma que o fato de se permitir que os alunos e alunas participem do processo de decisão a respeito do planejamento da Educação Física leva ao aumento da participação em aula e no melhor aproveitamento do aluno e da aluna, uma vez que são tratados temas significantes para eles e elas.

A ação de possibilitar aos alunos e às alunas a colaboração na construção do Planejamento Participativo permite uma maior interação desses(as) alunos(as) em relação aos saberes da cultura corporal de movimento, podendo gerar uma ampliação da participação ativa do aluno e da aluna nas aulas de Educação Física (Farias *et al.*, 2019). O Planejamento Participativo também pode oportunizar o amadurecimento dos alunos e das alunas, levando-os a repensar a prática e a ponderar novas propostas (Nogueira, 2016).

O Planejamento Participativo constitui-se, então, como uma excelente possibilidade para ampliar a participação do(a) aluno(a) nas aulas de Educação Física, inserido num contexto dialógico e democrático. Collier (2014) concluiu, em seus estudos sobre o Planejamento Participativo, que a participação dos alunos e das alunas no processo pedagógico da Educação Física Escolar pode ser uma maneira de modificar as relações de poder instituídas no espaço escolar.

A oportunidade experienciada de propor a estratégia do Planejamento Participativo na minha ação pedagógica, que foi possibilitada pelo Mestrado Profissional em Educação Física, propôs a mim o desafio de aprofundar o diálogo com os(as) alunos(as), tendo por objetivo fazer eles se sentirem cada vez mais parte do processo de elaboração do conhecimento e, conseqüentemente, sujeitos ativos na construção do processo de ensino e aprendizagem, visando o desenvolvimento da capacidade crítica e da participação ativa nas aulas de Educação Física.

Essa ampliação na participação dos alunos e das alunas nas aulas de Educação Física, leva-nos a considerar o Planejamento Participativo uma importante estratégia, pois, como afirma Souza e Freire (2009, p. 35) “o Planejamento Participativo pode modificar o ambiente educacional, trazendo o aluno e a aluna para o processo de construção, entendendo o seu mundo, possibilitando um ambiente

democrático”.

Pode também ser inferido que, mesmo tendo a participação dos(as) alunos(as), o Planejamento Participativo não irá contemplar todas as temáticas escolhidas por todos(as) os alunos e as alunas. O que leva a proposição de utilizar os conteúdos que não foram contemplados no ano letivo de 2023, nas séries posteriores. Outra percepção é que o processo de planejar junto com os(as) alunos(as), é um elo transformador também para o professor, visto que, amplia o conhecimento do professor sobre os(as) seus(suas) alunos(as).

Essa pesquisa também procurou oportunizar o Planejamento Participativo direcionado aos alunos e às alunas, entretanto, o enfoque foi direcionado para os seguintes elementos do planejamento: conteúdos e formas de avaliar. Ficou faltando um aprofundamento maior da participação dos alunos e das alunas na escolha dos objetivos e na seleção da metodologia, assim como poderiam ter ocorrido mais diálogos com os pais ou responsáveis dos alunos e das alunas, no sentido de o planejamento ser mais bem compreendido pelos responsáveis e de também ter uma maior participação destes. Essas lacunas poderão ser sanadas em pesquisas vindouras.

O termo transformar está imbricado com a palavra evolução. Foi isso que percebi durante o processo de realização da pesquisa. O professor de origem nordestina, negro, e que saiu do interior do Ceará, foi transformado, já não é mais o mesmo. Sendo impactado e também desejando impactar. Não aceitando durante a sua construção histórica a exclusão, a não participação e a passividade dos alunos e das alunas. Também não aceitei a paralisia quanto à minha trajetória profissional. De modo que as problemáticas encontradas na minha trajetória sempre exigiram atitudes. E foram essas atitudes direcionadas a realização da pesquisa que resultaram neste momento.

Diante de todo esse processo, penso ser necessário acreditar nas pessoas, juntar a coletividade, compreender o contexto do outro, não aceitar a incompletude, o inacabamento nosso e de nossos alunos e alunas, e lutar para modificar. Onde estivermos se faz necessária a reflexão e a ação que geram a transformação. O Planejamento Participativo constitui-se como uma excelente ferramenta para materializar essa mudança, no sentido de ampliar a participação do(a) aluno(a) nas aulas de Educação Física e inseri-los num contexto dialógico e democrático.

Essa oportunidade, possibilitada pelo Mestrado Profissional em Educação

Física, viabilizou o desafio de aprofundar os diálogos com os(as) alunos(as), objetivando fazer com que se sentissem cada vez mais parte do processo de elaboração do conhecimento e, conseqüentemente, sujeitos ativos na construção do processo de ensino e aprendizagem, visando o desenvolvimento da capacidade crítica e da participação ativa nas aulas de Educação Física. A ação do Planejamento Participativo foi projetada para transformar e transformou.

## REFERÊNCIAS

- BAGNARA, Ivan Carlos; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Intervenção pedagógica em Educação Física escolar: um recorte da escola pública. **Motrivivência**, [s.l.], v. 28, n. 48, p. 316-330, 21 set. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2016v28n48p316>. Acesso em: 12 fev. 2024.
- BARROSO, André Luís Ruggiero; DARIDO, Suraya Cristina. A pedagogia do esporte e as dimensões dos conteúdos: conceitual, procedimental e atitudinal. **Revista da Educação Física/Uem**, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 281-289, 1 jul. 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/reveducfis.v20i2.3884>. Acesso em: 16 jan. 2024.
- BETTI, I. C. R. Educação física escolar: a percepção discente. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 16, n. 2, p. 158-167, 1995.
- BETTI, Mauro. A versão final da Base Nacional Comum Curricular da Educação Física (Ensino Fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. **Revista Brasileira de Educação Física Escolar**, Curitiba, v. 4, p. 156-175, 2018.
- BETTINE, Marco. Futebol e a sociabilidade: a ginga habermasiana e dionisíaca. **Movimento**, [s.l.], v. 19, p. 1-14, 14 abr. 2023. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/121508>. Acesso em: 8 nov. 2023.
- BIANCHETTI, Monique; ISSE, Silvane Fensterseifer. Funk na Escola: corpo, cultura e movimento juvenil em pauta. **Kinesis**, Santa Maria, v. 36, n. 3, p. 75-90, set./nov. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/31320/pdf>. Acesso em: 09 nov. 2023.
- BOSCATTO, Juliano Daniel; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; DARIDO, Suraya Cristina. A Base Nacional Comum Curricular: uma proposição necessária para a educação física? **Motrivivência: Revista de Educação Física, Esporte e Lazer**, [s.l.], v. 28, n. 48, p. 96-112, 2016.
- BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- BRASIL, I. B. G.; CORRÊA, D. A. Planejamento Participativo na Educação Física: analisando uma proposta no ensino fundamental. **X Congresso Nacional de Educação, I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade**, Curitiba, nov. 2011. Pontifícia Universidade Católica do Paraná.
- BRASIL. Congresso. Senado. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF, 20 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 02 set. 2023.

BRASIL. CONSTITUIÇÃO (1988). . **Constituição da República Federativa do Brasil**: promulgada em 5 de outubro de 1988. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 1990. 168 p. (Série Legi). Organização do texto: Juarez de Oliveira.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Brasília: Mec, Seb, Dicei, 2013. 562 p.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**: linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: Mec/Semtec, 1998.

BRASIL. Resolução Cne/Cp nº 2, de 22 de dezembro de 2017. Institui e orienta a implantação da Base Nacional Comum Curricular. **Resolução Cne/Cp Nº 2**. Brasília, 22 dez. 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wpcontent/uploads/2018/02/bncc-20dez>. Acesso em: 03 set. 2023.

CÂMARA, Rosana Hoffmann. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. **Gerais**: Rev. Interinst. Psicol, [s./], v. 6, n. 2, p. 179-191, 2013. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 03 abr. 2023.

CARNEIRO, Elaine de Brito. Planejamento participativo nas aulas de Educação Física no ensino noturno: um relato de experiência. **Lecturas**: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, v. 98, p. 0-0, jun. 2008. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd98/noturno.htm>. Acesso em: 06 nov. 2023.

CASTELLANI FILHO, Lino; SOARES, Carmen Lúcia; TAFFAREL, Celi Nelza Zülke; VARJAL, Elizabeth; ESCOBAR, Micheli Ortega; BRACHT, Valter. **Metodologia do Ensino de Educação Física**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

CEARÁ. SECRETÁRIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DO CEARÁ. . **Documento Curricular Referencial do Ceará**: educação infantil e ensino fundamental. Fortaleza: Seduc, 2019.

COLLIER, Luciana Santos. Planejamento participativo em educação física escolar e a construção de um currículo multicultural. **E-Curriculum**, [s. /], v. 12, n. 3, p. 2158-2175, 2014. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/766/76632904020.pdf>. Acesso em: 13 jan. 2024.

CORREIA, Walter Roberto. Planejamento participativo e o ensino de educação física no 2º Grau. **Revista Paulista de Educação Física**, [s./], n. 2, p. 43, 20 dez. 1996. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rpef/article/view/139647>. Acesso em: 17 jun. 2023.

CORSINO, Luciano Nascimento; AUAD, Daniela. Relações raciais e de gênero: a educação física escolar na perspectiva da alquimia das categorias sociais. **Educação**: Teoria e Prática, [s./], v. 24, n. 45, p. 57, 9 abr. 2014.

CRUZ JUNIOR, Antônio Fernandes da; DELLA FONTE, Sandra Soares; LOUREIRO, Robson. Formação continuada de professores: quando a experiência e os saberes docentes se limitam à vivência. **Pro-Posições**, [s.l.], v. 25, n. 2, p. 197-215, ago. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73072014000200011>. Acesso em: 08 set. 2023.

CRUZ, Elio Oliveira; FIAMENGHI JUNIOR, Geraldo Antônio. O significado das aulas de Educação Física para adolescentes. **Motriz**, Rio Claro, v. 16, n. 2, p. 425-431, abr./jun. 2010.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **O que é participação política**. São Paulo: Brasiliense, 2017. (Coleção Primeiros Passos).

DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física na escola: realidade, aspectos legais e possibilidades. In: PAULISTA, Universidade Estadual; PROGRAD. **Caderno de formação**: formação de professores didática geral. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 21-33.

DARIDO, Suraya Cristina. Relação entre ensinar a fazer e ensinar sobre o fazer na educação física escolar. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; MASSO, Maria Candida Soares del (org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no proef. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 28-45. (Programa Publicações Digitais Unesp - IEP3 - Vol. 6). Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisi>. Acesso em: 17 jun. 2023.

DEZOTTI, Talita Christiane Dardes. **Planejamento em Educação Física Escolar**: perspectivas x realidade. 2020. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – Proef, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2020.

DIEDRICH, Joana; ARAÚJO, Samuel Nascimento de; ROCHA, Leandro Oliveira. Planejamento de ensino na educação infantil: percepções de professores de educação física escolar. **Motrivivência**, [s.l.], v. 32, n. 63, p. 1-21, 16 nov. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/75850>. Acesso em: 06 fev. 2024.

E.M.E.F RAIMUNDO SOARES DE SOUSA (Fortaleza). Secretaria Municipal da Educação. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Fortaleza: [s.e.], 2017.

EDUCAÇÃO física escolar e planejamento participativo: possibilidades dialógicas, pedagógicas e políticas. Roteiro: Luciana Venâncio. [s.l.]: Grupo de Estudos em Educação Física Escolar (Gepef), Universidade Estadual do Ceará – Uece, 2020. (122 min.), Streaming, son., color. Disponível em: [https://www.youtube.com/live/0J7I\\_bX5Zfo?si=WTZR7F7xKmrwzdX3](https://www.youtube.com/live/0J7I_bX5Zfo?si=WTZR7F7xKmrwzdX3). Acesso em: 15 set. 2023.

FALKEBACH, Elza Maria Fonseca. Planejamento participativo: uma maneira de pensá-lo e encaminhá-lo com base na escola. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro



(org.). **Projeto político-pedagógico da escola**: uma construção possível. 24. ed. Campinas: Papyrus, 2008. p. 131-142.

FARIA, Lauanda Costa *et al.* A Educação Física e sua contribuição para o desenvolvimento motor e cognitivo do aluno através do lúdico. **Revista de Educação do Vale do Arinos - Relva**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 114-127, 8 out. 2020. Universidade do Estado do Mato Grosso - UNEMAT. <http://dx.doi.org/10.30681/relva.v7i2.5067>.

FARIAS, Alison Nascimento; MARTINS, Raphael Moreira; IMPOLCETTO, Fernanda Moreto Moreto. As dimensões de conhecimento na base nacional comum curricular: reflexões para a educação física escolar. **Corpoconsciência**, [s.l.], p. 1-17, 2 out. 2023. Disponível em: [periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coRpoconsciencia/article/view/16028](http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/coRpoconsciencia/article/view/16028). Acesso em: 04 jan. 2024.

FARIAS, Uirá de Siqueira *et al.* Educação Física escolar no ensino fundamental: o planejamento participativo na organização didático-pedagógica. **Motrivivência**, [s.l.], v. 31, n. 58, p. 1-24, 13 maio 2019.

FIGUEIREDO, Erika Suruagy Assis de; TAFFAREL, Celi Nelza Zulke. Esporte no Brasil: a disputa dos rumos da política nas conferências nacionais em um período de transição. **Motrivivência**, [s.l.], n. 40, p. 121-152, 3 jul. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2013v25n40p121>. Acesso em: 07 nov. 2023.

FLICK, Uwe. **Introdução a pesquisa qualitativa**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FORTALEZA. Secretária de Educação do Município de Fortaleza. Secretária de Educação do Município de Fortaleza. **Orientações Gerais para o Desenvolvimento do Trabalho Pedagógico do ensino fundamental 2023**. Fortaleza: Seduc, 2023.

FRANCA, Silvana de; MORALES, Pedro Jorge Cortes. A dança na prática pedagógica dos docentes de educação física da rede municipal de ensino de Joinville. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 24, p. 1-22, 8 mar. 2021. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/59264>. Acesso em: 26 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **A Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

GANDIN, Danilo. A posição do Planejamento Participativo entre as ferramentas de intervenção na realidade. **Currículo Sem Fronteiras**, [s.l.], v. 1, n. 1, p. 81-95, jan./jun. 2001.

GANZELI, Pedro. O processo de planejamento participativo da unidade escolar. **Revista On Line de Política e Gestão Educacional**, [s.l.], v. 1, p. 26-41, dez. 2001. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/rpge/article/view/9129>. Acesso em: 13 jan. 2024.

GIL, Antonio Carlos. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Barueri: Atlas, 2021.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação Física Escolar: entre o “rola bola” e a renovação pedagógica. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL MASSO, Maria Candida Soares (org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no proef. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 130-148. (Programa Publicações Digitais Unesp - IEP3 - Vol. 6). Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

HIRAI, Rodrigo Tetsuo; CARDOSO, Carlos Luiz. Possibilidades para o Ensino Orientado na Problematização: para a realização da concepção de. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [s.l.], v. 15, n. 1, p. 99-116, 16 nov. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2432>. Acesso em: 06 nov. 2023.

HOOKS, Bell. Eros, erotismo e o processo pedagógico. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 113-124.

IMPOLCETTO, Fernanda Moreto; DARIDO, Suraya Cristina. Educação Física como componente curricular da Educação Básica: aspectos legais. In: ALBUQUERQUE, Denise Ivana de Paula; DEL MASSO, Maria Candida Soares (org.). **Desafios da Educação Física Escolar**: temáticas da formação em serviço no proef. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2019. p. 14-27. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/unesp/381384/4/0008-unesp-iep3-livro-desafios-educacao-fisica-escolar-proef-15032021.pdf>. Acesso em: 17 jun. 2023.

JANUÁRIO, Tábata Aline; GARIGLIO, José Angelo. Proposta de planejamento de ensino para a Educação Física no ensino médio: uma construção em diálogo com jovens de uma escola da rede estadual de educação de minas gerais. **Motrivivência**, [s.l.], v. 34, n. 65, p. 1-24, 18 out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-8042.2022.e87191>. Acesso em: 11 ago. 2023.

LIMA JUNIOR, Eduardo Brandão; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Adriana Cristina Omena dos; SCHNEKENBERG, Guilherme Fernando. Análise documental como percurso metodológico na pesquisa qualitativa. **Cadernos da Fucamp**, [s.l.], v. 20, n. 44, p. 36-51, 2021. Disponível

em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/cadernos/article/view/2356>. Acesso em: 29 dez. 2023.

LIMA, George Almeida; FABIANI, Débora Jaqueline Farias. Reflexões sobre o ensino das lutas na escola a partir das dimensões do conteúdo: uma revisão integrativa. **Motrivivência**, [s.l.], v. 35, n. 66, p. 1-18, 15 maio 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/90670>. Acesso em: 23 fev. 2024.

LORENZINI, Ana Rita *et al.* AS APRENDIZAGENS DA GINÁSTICA NO ENSINO FUNDAMENTAL: a organização dos dados da realidade. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [s.l.], v. 21, n. 4, p. 877, 24 ago. 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/47260>. Acesso em: 7 nov. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2022.

MARTINS, Raphael Moreira. O Ensino dos futebóis no ensino médio integrado. In: MALDONADO, Daniel Teixeira; MARTINS, Raphael Moreira (org.). **Educação física no ensino médio: resistências e transgressões na prática político-pedagógica nos institutos federais**. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2023. p. 146-171.

MARTINS, Raphael Moreira *et al.* A Educação Física na Matriz de Conhecimentos Básicos e no Documento Curricular Referencial do Ceará. **Corpoconsciência**, [s.l.], p. 1-16, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/corpoconsciencia/article/view/15038>. Acesso em: 10 jan. 2024.

NASCIMENTO, Joanilson Kélis do. **Planejamento participativo**: uma possibilidade para superação do afastamento dos estudantes das práticas corporais nas aulas de educação física. 2020. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação Física em Rede Nacional - Proef, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação Física**: desenvolvendo competências. 3. ed. São Paulo: Phorte, 2009.

NEIRA, Marcos Garcia. O currículo multicultural da Educação Física. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 75-83, 2006.

NOGUEIRA, Valdilene Aline. O planejamento participativo na educação física escolar: relatando a construção de projetos. **Seminário de Educação Física Escolar**, [s.l.], v. 1, p. 1-10, 2016. Disponível em: [http://www2.fe.usp.br/~gpef/semef2016/visemef\\_arquivos/Textos%20completos/valdirene.pdf](http://www2.fe.usp.br/~gpef/semef2016/visemef_arquivos/Textos%20completos/valdirene.pdf). Acesso em: 13 jan. 2024.

NUNES, Luciana de Oliveira; FONSECA, Denise Grosso da; BOSSLE, Cibele Biehl; BOSSLE, Fabiano. Planejamento de ensino e Educação Física: uma revisão de literatura em periódicos nacionais. **Motrivivência**, [s.l.], v. 29, n. 52, p. 280-294, 28

set. 2017. Disponível em:  
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/2175-8042.2017v29n52p280>. Acesso em: 23 fev. 2024.

OLIVEIRA, Aldeni Melo de; GEREVINI, Alessandra Mocellin; STROHSCHOEN, Andreia Aparecida Guimarães. Diário de bordo: uma ferramenta metodológica para o desenvolvimento da alfabetização científica. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, Amapá, v. 10, n. 22, p. 119-131, 2017. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8640786>. Acesso em: 05 jan. 2022.

RODRIGUES JÚNIOR, Emilio; SALES, José Roberto Lopes de. Os jogos eletrônicos no contexto pedagógico da educação física escolar. **Conexões**, [s.l.], v. 10, n. 1, p. 70-82, 9 maio 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.20396/conex.v10i1.8637689>. Acesso em: 23 fev. 2024.

SAYÃO, Marcelo Nunes; MUNIZ, Neyse Luiz. O Planejamento na Educação Física Escolar: um possível caminho para a formação do novo homem. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 7, n. 2, p. 187-204, 15 nov. 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/feef/article/view/95>. Acesso em: 15 nov. 2022.

SCHNEIDER, Omar; BUENO, José Geraldo Silveira. A relação dos alunos com os saberes compartilhados nas aulas de educação física. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 23-46, 27 dez. 2007.

SCHUTZ, Gustavo Ricardo; SANT'ANA, Antônio Sérgio Santos; SANTOS, Saray Giovana dos. Política de periódicos nacionais em Educação Física para estudos de revisão/sistemática. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**, [s.l.], v. 13, n. 4, p. 313-319, 4 ago. 2011.

SEBASTIÃO, Luciane Lima; FREIRE, Elisabete dos Santos. A Utilização de Recursos Materiais Alternativos nas Aulas de Educação Física: um estudo de caso. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 12, n. 3, p. 1-12, 30 nov. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/feef/article/view/6766>. Acesso em: 11 jan. 2024.

SILVA, P. A.; SOUSA, C. A.; FREIRE, E. S. Planejamento participativo nos anos iniciais do Ensino Fundamental: tematizando o tiro com arco nas aulas de educação física escolar. **VII Semef: Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar - FEUSP/CNPq**, [s. l.], v. 0, n. 0, p. 0-0, 2018. Disponível em: [https://www.gpuf.fe.usp.br/semef2018/Relatos/peterson\\_claudio\\_elisabete.pdf](https://www.gpuf.fe.usp.br/semef2018/Relatos/peterson_claudio_elisabete.pdf). Acesso em: 25 out. 2023.

SILVA, Peterson Amaro. **Planejamento Participativo nas aulas de Educação Física Escolar**: significados existentes nesta proposta. 2020. 145 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Educação: Currículo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - Pucsp, São Paulo, 2020. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/23635>. Acesso em: 20 dez. 2023.

SILVA, Rudney da; VARGAS, Carla Regiane; BENTO, Gisele Grazielle; LAURINDO, Cristiana; GUTIERRES FILHO, Paulo Jose Barbosa. Considerações teóricas acerca do sedentarismo em adolescentes. **Pensar A Prática**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 211-233, 28 mar. 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fef/article/view/16880>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SILVA, Sheila Aparecida Pereira dos Santos. A pesquisa qualitativa em educação física. **Rev. Paul. Educ. Fis**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 87-98, jan./jun. 1996.

SOARES, Carmem Lúcia *et al.* **Metodologia do ensino da educação física**. São Paulo: Cortez, 1992.

SOARES, Edgar Mendes. Que som é esse?: batendo copos na escola. In: NEIRA, Marcos Garcia (Org.). **Educação Física cultural: o currículo em ação**. São Paulo: Labrador, 2017. p. 53-60.

SOUSA, Cláudio Aparecido de. **O currículo de Educação Física da rede pública municipal de Santo André (SP): concepções e práticas pedagógicas**. 2017. 182 f. Tese (Doutorado) - Curso de Curso de Gestão e Práticas Educacionais, Educação, Universidade Nove de Julho, São Paulo, 2017.

SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; DARIDO, Suraya Cristina. Refletindo sobre a tematização do futebol na Educação Física escolar. **Motriz. Revista de Educação Física. Unesp**, [s.l.], p. 920-930, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.5016/1980-6574.2010v16n4p920>. Acesso em: 26 ago. 2023.

SOUZA, Aécio Gomes de; FREIRE, Elisabete dos Santos. Planejamento Participativo e Educação Física: envolvimento e opinião dos alunos do ensino médio. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**, [s. l.], v. 7, n. 3, p. 29-36, jul. 2008.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Diagnóstico sobre a abordagem das práticas corporais de aventura em aulas de educação física escolar em Ilhéus/BA. **Movimento (Esefid/Ufrgs)**, [s.l.], v. 24, n. 3, p. 973-986, 30 set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.75302>. Acesso em: 07 nov. 2023.

TENÓRIO, J.G.; SILVA, C.L. Educação Física Escolar e a Não Participação dos Alunos nas Aulas. **Ciência em Movimento**, [s.l.], v. 15, n. 31, p. 71-80, 31 dez. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ipa/index.php/EDH/article/viewFile/168/125>. Acesso em: 24 dez. 2023.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. 16. ed. São Paulo: Libertad, 2006.

VELLOSO, Livia Roberta da Silva; MALDONADO, Daniel Teixeira; MIRANDA, Maria Luiza de Jesus; FREIRE, Elisabete dos Santos. Pesquisa participante na Educação Física Escolar. **Movimento**, [s.l.], p. 1-20, 8 nov. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.120865>. Acesso em: 26 maio 2023.

VENÂNCIO, Luciana. **O projeto político-pedagógico e a educação física escolar: um processo de construção coletiva.** 2005. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

VENÂNCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. A Complexidade dos Desafios da Educação Física na Escolarização Brasileira na Perspectiva da Relação com o Saber dos(as) Alunos(as). **Revista Internacional Educon**, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 1-15, 23 abr. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.47764/e22031019>. Acesso em: 04 jun. 2023.

VIANA NETO, Alcyr Alves; ALVES, David Junger da Fonseca; GODOI, Fabiano Fideles Fernandes de. Planejamento participativo: uma proposta de conteúdos a serem ministrados na disciplina de educação física escolar no ensino médio. **Anais da Semana de Licenciatura**, Jataí, p. 297-303, 2011. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/index.php/semlic/article/view/352>. Acesso em: 13 jan. 2024.

VILETE, Aron de Oliveira Pereira. **O Planejamento Participativo e a Importância da Educação Física na Formação dos Alunos:** uma proposta pedagógica. 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – Proef, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa:** como ensinar. Porto Alegre: Artmed, 1998.

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Seu filho(a) está sendo convidado(a) pelo professor Emanuel Wescley Sousa dos Santos, para participar da pesquisa intitulada: O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO COMO POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA MAIS DEMOCRÁTICA. É importante salientar que o aluno(a) não deve participar contra a sua vontade. Leia atentamente as informações abaixo e faça qualquer pergunta que desejar, para que todos os procedimentos desta pesquisa sejam esclarecidos. A pesquisa será realizada por intermédio de 5 encontros (aulas), onde o participante terá a oportunidade de refletir sobre a função da educação física no contexto escolar, assim como, a relevância do planejamento para a significância da aula. O participante também terá a oportunidade de auxiliar o professor na escolha dos conteúdos que serão estudados durante o ano letivo. O aluno terá como benefício, a oportunidade de escolher e estudar temáticas que são relevantes para o seu contexto social, de modo a facilitar seu engajamento nas aulas. O discente irá entender melhor a função da educação física dentro da escola, gerando assim, um maior significado durante a vivência do componente curricular. A pesquisa apresenta riscos mínimos para o participante, podendo ocorrer momentos de estresse durante a tentativa de responder as indagações. O pesquisador se compromete em ter o máximo de cuidado com os dados que serão obtidos através da pesquisa, ficando reservado a utilizar os dados coletados na pesquisa, apenas para esta pesquisa. O participante não receberá nenhuma remuneração por participar da pesquisa. É importante salientar que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa, ficando livre para retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Fica estabelecido o compromisso de não identificar o participante dessa pesquisa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto.

Endereço dos(as) responsáveis pela pesquisa:

**Nome:** Emanuel Wescley Sousa dos Santos.  
**Instituição:** Universidade Federal do Ceará (UFC).  
**Endereço:** Av. Osório de Paiva, nº 857.  
**Telefones para contato:** (85) 987811590.

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).  
 O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

O abaixo assinado \_\_\_\_\_, \_\_\_\_anos, RG: \_\_\_\_\_, declara que é de livre e espontânea vontade que está como participante de uma pesquisa. Eu declaro que li cuidadosamente este Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e que, após sua leitura, tive a oportunidade de fazer perguntas sobre o seu conteúdo, como também sobre a pesquisa, e recebi explicações que responderam por completo minhas dúvidas. E declaro, ainda, estar recebendo uma via assinada deste termo.

Fortaleza, \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

_____ Nome do participante da pesquisa	____/____/____ Data	_____ Assinatura
_____ Nome do pesquisador	____/____/____ Data	_____ Assinatura
_____ Nome da testemunha	____/____/____ Data	_____ Assinatura
_____ Nome do profissional que aplicou o TCLE	____/____/____ Data	_____ Assinatura



## ANEXO B – TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)

Você está sendo convidado(a) como participante da pesquisa: O PLANEJAMENTO PARTICIPATIVO COMO POSSIBILIDADE DE UMA EDUCAÇÃO FÍSICA MAIS DEMOCRÁTICA. Nesse estudo pretendemos construir um processo de planejamento (professor e aluno) de forma conjunta, possibilitando um maior engajamento na aula, e uma maior significância do momento pedagógico para o aluno. O motivo que nos leva a estudar esse assunto é o afastamento de muitos alunos das vivências realizadas durante a aula de Educação Física, fenômeno que pode estar relacionado a exclusão do aluno quanto ao posicionamento relacionado ao que deve ser estudado. Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): A pesquisa será realizada por intermédio de 5 encontros (aulas), onde o participante terá a oportunidade de refletir sobre a função da educação física no contexto escolar, a relevância do planejamento para a significância da aula. O participante também terá a oportunidade de auxiliar o professor na escolha dos conteúdos que serão estudados durante o ano letivo. Ocorrerá durante os encontros, entrevistas e gravações de imagens, assim como será escrito um diário de campo (relato sobre o que ocorreu durante as aulas). O aluno terá como benefício, a oportunidade de escolher e estudar temáticas que são relevantes para o seu contexto social, de modo a facilitar seu engajamento nas aulas. O discente, por meio dessa pesquisa, irá entender melhor a função da educação física dentro da escola, gerando assim, um maior significado durante a vivência do componente curricular.

A pesquisa apresenta riscos mínimos para o participante, podendo ocorrer momentos de estresse durante a tentativa de responder as indagações. O pesquisador se compromete em ter o máximo de cuidado com os dados que serão obtidos através da pesquisa, ficando reservado a utilizar os dados coletados na pesquisa, apenas para esta pesquisa. O participante não receberá nenhuma remuneração por participar da pesquisa. É importante salientar que a qualquer momento o participante poderá recusar a continuar participando da pesquisa, ficando livre para retirar o seu consentimento, sem que isso lhe traga qualquer prejuízo. Fica estabelecido o compromisso de não identificar o participante dessa pesquisa, exceto aos responsáveis pela pesquisa, e que a divulgação das mencionadas informações só será feita entre os profissionais estudiosos do assunto. Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou

interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo, podendo ocorrer momentos de estresse durante a tentativa de responder as indagações, apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos e, após esse tempo, serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma via será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_, portador(a) do documento de Identidade \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste Termo de Assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) menor

\_\_\_\_\_  
Assinatura do(a) pesquisador(a)

Endereço dos(as) responsáveis pela pesquisa:

<p><b>Nome:</b> Emanuel Wesley Sousa dos Santos.  <b>Instituição:</b> Universidade Federal do Ceará (UFC).  <b>Endereço:</b> Av. Osório de Paiva, nº 857.  <b>Telefones para contato:</b> (85) 987811590.</p>
---

**ATENÇÃO:** Se você tiver alguma consideração ou dúvida, sobre a sua participação na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFC/PROPESQ – Rua Coronel Nunes de Melo, 1000 - Rodolfo Teófilo, fone: 3366-8344/46. (Horário: 08:00-12:00 horas de segunda a sexta-feira).

O CEP/UFC/PROPESQ é a instância da Universidade Federal do Ceará responsável pela avaliação e acompanhamento dos aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos.

## ANEXO C – QUESTIONÁRIO PARA VERIFICAR OS CONTEÚDOS QUE OS DISCENTES DESEJAM ESTUDAR DURANTE O ANO LETIVO

### Questionário

1. Quais conteúdos relacionados a Educação Física foram estudados por você durante o ensino fundamental (anos iniciais – 1º ao 5º ano)?

---



---



---

2. Você acha importante participar do planejamento da aula de Educação Física?

- 01 ( ) Não vejo importância.  
 02 ( ) Em partes.  
 03 ( ) É importante.  
 04 ( ) Muito importante.

3. Qual ou quais das unidades temáticas citadas abaixo você teria mais interesse em conhecer?

Obs: Enumere de 1 a 6 de acordo com a grau de interesse, sendo 1 o de maior interesse e 6 o de menor interesse.

- ( ) Práticas corporais de aventura.  
 ( ) Danças.  
 ( ) Ginástica.  
 ( ) Lutas.  
 ( ) Jogos.  
 ( ) Esportes.

4. Sendo a unidade temática práticas corporais de aventura, cite três conteúdos que mais despertam seu interesse.

---



---

5. Sendo a unidade temática dança, cite três conteúdos que mais despertam seu interesse.

---



---

6. Sendo a unidade temática ginástica, cite três conteúdos que mais despertam seu interesse.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_.

7. Sendo a unidade temática lutas, cite três conteúdos que mais despertam seu interesse.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_.

8. Sendo a unidade temática jogos, cite três conteúdos que mais despertam seu interesse.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_.

9. Sendo a unidade temática esportes, cite três conteúdos que mais despertam seu interesse.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_,  
\_\_\_\_\_.

10. Se existir algum conteúdo que você não conseguiu incluir nas questões 3,4,5,6,7 e 8, então cite esse(s) conteúdo(s) abaixo:

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_.

11. Você acredita que os conteúdos citados da questão 3 a questão 9 podem auxiliar no desenvolvimento:

- Físico      ( ) Não    ( ) Em partes\*    ( ) sim  
- Cognitivo    ( ) Não    ( ) Em partes\*    ( ) sim  
- Social        ( ) Não    ( ) Em partes\*    ( ) sim  
- Emocional    ( ) Não    ( ) Em partes\*    ( ) sim

\* Em partes no sentido de um pouco.

